

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER, PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

SABRINA RODRIGUES MARQUES

**Revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco
soviético (1989-1992)**

Marechal Cândido Rondon- PR

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE
CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER, PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

SABRINA RODRIGUES MARQUES

**Revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco
soviético (1989-1992)**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História, Poder, Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Marechal Cândido Rondon. Linha de Pesquisa: “Estado e Poder”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Luciana Silva

Marechal Cândido Rondon- PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

M357r Marques, Sabrina Rodrigues
Revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético (1989-1992)
/ Sabrina Rodrigues Marques. – Marechal Cândido Rondon, 2016.
112 f.

Orientadora: Prof. Dr. Carla Luciana Silva

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
Campus de Marechal Cândido Rondon, 2016.

1. Países comunistas. 2. Imprensa. 3. União Soviética – Política e governo. I. Silva,
Carla Luciana. II. Título.

CDD 22.ed. 947
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborado por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE SABRINA RODRIGUES MARQUES, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 28 dia(s) do mês de março de 2017 às 14h00min, no(a) Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Sabrina Rodrigues Marques, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Carla Luciana Souza da Silva, Jorge Christian Fernandez, Gilberto Grassi Calil, Alexandre Blankl Batista. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Carla Luciana Souza da Silva, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Veja: a construção do Capitalismo como única alternativa no bloco soviético. (1989-1992)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Jorge Christian Fernandez, Gilberto Grassi Calil, Alexandre Blankl Batista. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. O(A) CANDIDATO(A) FARÁ JUS AO TÍTULO DE MESTRE(A) EM HISTÓRIA APÓS CUMPRIR TODOS OS REQUISITOS DO REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Carla Luciana Souza da Silva (Orientadora)
UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon

Jorge Christian Fernandez
UFMS

Gilberto Grassi Calil
UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon

Sabrina Rodrigues Marques
Candidato(a)

Alexandre Blankl Batista
UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
– MESTRADO E DOUTORADO - UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: *"Veja: a construção do Capitalismo como única alternativa no bloco soviético. (1989-1992)."*

Nome do concluinte: **Sabrina Rodrigues Marques**

Integrantes da Banca: Prof^a. Dr^a. Carla Luciana Souza da Silva (Unioeste) (orientadora), Prof. Dr. Jorge Christian Fernandez (UFMS), Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil (Unioeste), Prof. Dr. Alexandre Blankl Batista (Unioeste).

Parecer:

A banca considerou que o trabalho abordou temática pertinente que foi desenvolvido de forma suficiente.

Marechal Cândido Rondon, 28 de março de 2017.

AGRADECIMENTOS

À toda minha família: Maria (mãe), Bruno (irmão), Cristiane (cunhada), Janete (sogra) e Francisco (sogro). Agradeço, em especial, ao meu esposo, Emerson, e ao meu filho, Ícaro, por compreenderem a minha ausência ao longo do primeiro ano do curso de Mestrado e por me apoiarem incondicionalmente em todos os momentos da vida.

À minha Orientadora, pela paciência, pela dedicação, pelos conhecimentos compartilhados e pela amizade. Agradeço-lhe pela oportunidade de receber sua orientação. Agradeço também à sua família, Gilberto e Rafael, por me receberem tantas vezes em sua casa.

Aos amigos que fiz no decorrer desses dois anos de Mestrado: Veridiana, Fernanda, Julius, Rony, Angélica (Keka), Isabel (Bel), Profa. Edina Rautenberg, Prof. Rodrigo Paziani e Prof. Marcio Both. Agradeço a todos pelos conselhos, pela amizade e pelo carinho. Vocês são especiais para mim. O conhecimento que adquirimos juntos é uma bagagem que levarei por toda a minha vida.

Aos meus amigos de Campo Grande: Jhony, Talita, Rhandal, Mariana Duenha e Daiana. Ao Jorge, meu pai (posticho), professor, amigo e conselheiro.

Aos camaradas do PCB (Partido Comunista Brasileiro) -MS e à juventude da UJC (União da Juventude Comunista) -MS, por contribuírem com a minha militância. Com vocês, além de participar dos melhores debates, tenho a oportunidade de sonhar e lutar por uma sociedade mais igualitária e justa para os trabalhadores.

A todos os professores e professoras do Mestrado que de alguma forma contribuíram para a minha formação acadêmica.

A injustiça avança hoje a passo firme. Os tiranos fazem planos para dez mil anos. O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são. Nenhuma voz além da dos que mandam. E em todos os mercados proclama a exploração: Isto é apenas o meu começo. Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem: Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos. Quem ainda está vivo nunca diga: nunca. O que é seguro não é seguro. As coisas não continuarão a ser como são. Depois de falarem os dominantes, falarão os dominados.

Quem pois ousa dizer: nunca? De quem depende que a opressão prossiga? De nós. De quem depende que ela acabe? De nós. O que é esmagado, que se levante! O que está perdido, lute! O que sabe e o que se chegou, que há aí que o retenha? Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã. E nunca será: ainda hoje.

(Elogio da Dialética - Bertold Brecht)

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores, estudantes, militantes comunistas e à minha família.

RESUMO

Revista Veja e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético (1989-1992)

Esta pesquisa toma como objeto de estudo a revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético entre os anos 1989 a 1992. Objetivo desta pesquisa é compreender como *Veja* fez sua cobertura jornalística durante os quatro primeiros anos de crises econômicas e políticas que redundaram no colapso das Democracias Populares e da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Além disso, procuramos entender como foi o posicionamento político de *Veja* com relação aos processos de restauração do capitalismo dentro dos países do bloco soviético. A metodologia da pesquisa será a leitura crítica de textos e discursos de *Veja*, sobretudo, matérias, reportagens e imagens. *Veja* como imprensa e partido atua como uma face ideológica do capital cumprindo o seu papel na formação de opinião e na disseminação da ideologia neoliberal.

Palavras-chave: *Veja*; Imprensa; Bloco Soviético.

ABSTRACT

Revista *Veja* and the journalistic coverage on the collapse of the Soviet block (1989-1992)

This research takes as object of study the magazine *Veja* and the journalistic coverage on the collapse of the Soviet block between the years 1989 to 1992. This research aims to understand how *Veja* made its coverage during the first four years of economic and political crises that resulted. In the collapse of the Popular Democracies and the USSR (Union of Soviet Socialist Republics). In addition, we seek to understand how *Veja's* political positioning was in relation to the processes of restoration of capitalism within the countries of the Soviet bloc. The research methodology will be the critical reading of *Veja* texts and speeches, especially, stories, reports and images. See how the press and the party acts as an ideological face of capital fulfilling its role in shaping opinion and spreading neoliberal ideology.

Keywords: *Veja*; Press; Soviet Block.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1	16
ANOS 90: <i>VEJA</i> , CRISE DO SOCIALISMO REAL E A NATURALIZAÇÃO DO CAPITALISMO A PARTIR DO BLOCO SOVIÉTICO	16
1.1. Anos 90: Revista <i>Veja</i>	17
1.2. Crise do socialismo real: diferenças e controvérsias	23
1.3. A naturalização do capitalismo a partir do colapso do bloco soviético	31
CAPÍTULO 2	37
REVISTA <i>VEJA</i> E A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O COLAPSO DO BLOCO SOVIÉTICO (1989-1992)	37
3.1. <i>Veja</i> e o Leste Europeu	38
3.2. <i>Veja</i> e a liberdade condicional da Polônia.....	51
3.3. <i>Veja</i> e o laboratório de reforma húngaro	69
3.4. <i>Veja</i> e a ovelha vermelha do bloco soviético	77
3.5. <i>Veja</i> : URSS e Gorbachev	87
3.6. <i>Veja</i> : Adeus, Comunismo	97
Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas.....	109

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético entre os anos 1989 a 1992. O ano de 1989 foi marcado por dois fatos históricos: o bicentenário da “Revolução Francesa” e a derrocada do “Socialismo Real”.¹ Na imprensa mundial, o colapso do bloco soviético ficou conhecido como o “fim da Guerra Fria e o fim da bipolarização política e econômica do mundo”.²

Naquele contexto nacional, o Brasil passava por um período de redemocratização, o país, depois de vinte cinco anos experimentaria novamente eleições diretas. O resultado das eleições diretas culminou com a vitória de Fernando Collor de Melo sobre o candidato petista Luís Inácio Lula da Silva. Um dos objetivos centrais de Fernando Collor foi a legitimação do projeto no Brasil, projeto político-econômico que representou um reordenamento endógeno da divisão internacional do trabalho e a complexificação das lutas de classes.

Em 1989, durante a cobertura jornalística de *Veja* os países do bloco soviético ficariam conhecidos em suas páginas ora como “Leste Europeu” ora como “Bloco Soviético”. Essa caracterização “Leste Europeu” durante os anos oitenta e noventa foi um consenso mundial entre os diferentes meios de comunicação.

¹ O “Socialismo real”, “socialismo realmente existente”, “socialismo realizado”: todas essas definições, cunhadas pelos grupos dirigentes dos partidos comunistas no poder, durante o período brejneviano, passaram a fazer parte da linguagem política corrente em meados dos anos ’70 para designar, de fato, em polêmica com o eurocomunismo que teorizava uma “terceira via” entre modelo soviético e socialdemocracia, a realidade política e social dos países pertencentes ao bloco socialista, e foram consideradas, desde então, substancialmente como sinônimos. Na realidade, seria interessante reconstruir a história dessas definições, porque cada uma delas oculta, mesmo que inconscientemente, algumas nuances. “Socialismo real”, por si mesmo, é uma expressão ambígua: quando foi cunhada ela podia significar o socialismo que existia de fato e, conseqüentemente, relegar o restante (isto é, as diversas formas possíveis de socialismo em relação àquele, de fato, “real”) no campo das discussões acadêmicas ou, mais duramente, das aspirações veleitárias; mas podia deixar entender, também, que existia, ainda, um hiato a ser preenchido entre a realidade e o ideal. Ao contrário, a segunda das definições – “socialismo realmente existente” – era mais programática, mas, ao mesmo tempo, mais unívoca, e parecia resolver qualquer possível ambivalência no sentido do primeiro ponto do dilema, concentrando a atenção sobre o socialismo que “existia” historicamente. A terceira expressão, “socialismo realizado”, evocava, por sua vez, duas possíveis chaves de leitura: um processo em andamento, susceptível, portanto, de acabamentos e melhorias (o socialismo “até agora” realizado), ou uma construção completada, um caminho que chegou à sua etapa final In: AGOSTI, Aldo. O socialismo real: um balanço. Tradução de Adone Agnolin. Revista de História. São Paulo, Departamento de História, FFLCH/USP, n. 148, 1º sem. 2003, pp. 221-225. Trata-se de publicação de Conferência proferida em 24 de abril de 2002.

² CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record, 2003, p.15.

Além de Leste Europeu, os países foram chamados de “democracias populares”³, nome usado para diferenciá-los das “democracias burguesas”. As democracias populares foram instaladas a partir de 1948 após a derrota do nazismo pela URSS na Segunda Guerra Mundial. Depois da vitória soviética contra o nazismo assistiu-se à formação de um conjunto de democracias na região da Europa Central e do Leste.

A construção das democracias populares seguiu estágios semelhantes em todos os países. Depois da derrota do nazismo, os governos de “Frente Nacional”, assumiram e estabeleceram democracias nacionais como a Polônia, a Alemanha Oriental, Checoslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária. Em todas as “democracias populares” o modelo econômico foi estabelecido, com algumas variações. Ao assinar acordos bilaterais entre a URSS e as “democracias populares”, foram organizadas atividades econômicas seguindo as diretrizes e os interesses de Moscou.

A formação da União Soviética e da “Cortina de Ferro”⁴, e logo depois, a queda do muro de Berlim e a desintegração da URSS fomentaram diferentes discussões teóricas acerca desse processo histórico e uma heterogeneidade de projetos e pensamentos políticos. Sendo assim, procuramos trazer para o texto duas discussões teóricas acerca do assunto.

A primeira discussão foi feita pelo autor Jaroslav Opat⁵. O autor defendia que países como Polônia, Hungria, Albânia, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Iugoslávia dentre outros, após a derrota do nazi-fascismo e o fim da Segunda Guerra Mundial obtiveram como resultado a formação de “democracias populares”. Isto é, países que por meio do avanço e da consolidação das Frentes Nacionais de Luta contra o nazismo, em 1945, optaram por uma “via democrática nacional”.

Já a segunda discussão teórica, um pouco mais contemporânea sobre a URSS e as democracias populares, foi protagonizada por István Mészáros. Nesta perspectiva, o

³ As democracias populares faziam parte da noção leninista do partido comunista de vanguarda como capaz de discernir o real interesse de classe — e daí inferindo a vontade real — do proletariado. Parte das alegações em favor das democracias populares era o argumento de que nas “democracias” liberais o poder do povo era corrompido pelas maquinações do capitalismo. Depois da Segunda Guerra Mundial a democracia unipartidária representou um poderoso desafio à democracia liberal, até os acontecimentos dramáticos de 1989-90. OUTHWAITE, William. In: BOTTMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet e Alain Touraine. Editoria da versão brasileira por Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 181.

⁴ *Ibidem.*, p. 15.

⁵ OPAT, Jaroslav. Do antifascismo aos “Socialismos Reais”: as democracias populares. In: HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional – de Gramsci à crise do stalinismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. X, 1987, p. 45.

filósofo defende que ao longo do processo de modificação política e econômica os países que compuseram a “Cortina de Ferro” transformaram-se em “sociedades pós-capitalistas do capital”.⁶

Mészáros explica que esses países de uma forma ou de outra, tendo passado ou não por um processo revolucionário, em nada mudaram suas estruturas jurídicas, econômicas e políticas capitalistas. Segundo Mészáros:

O sistema de sociometabolismo do capital é mais poderoso e abrangente, tendo seu núcleo constitutivo formado pelo tripé capital, trabalho e Estado. Essas três dimensões fundamentais do sistema são materialmente constituídas e inter-relacionadas, e é impossível superar o capital sem a eliminação do conjunto dos elementos que compreende esse sistema. Não basta eliminar um ou mesmo dois de seus pólos. Os países pós-capitalistas, como a URSS à frente, mantiveram intactos os elementos básicos constitutivos da divisão social hierárquica do trabalho que configura o domínio do capital. A “expropriação dos expropriadores”, a eliminação “jurídico-política” da propriedade, realizada pelo sistema soviético, deixou intacto o edifício do sistema de capital.⁷

Nas análises das matérias jornalísticas, utilizaremos como referência os conceitos de democracias populares e de URSS. Já nos discursos de *Veja*, pretendemos verificar como esses países apareceram em suas páginas e como foram caracterizados no decorrer destes quatro anos de crises econômicas e políticas. Segundo Franciscon,

A definição da região e de seus regimes assumem as versões mais variadas. *Veja* prefere falar em comunismo e em Europa Oriental. Com o passar do tempo, sua imagem desses países também assume a feição de regimes de tipo oriental, como os descritos pelos europeus ocidentais desde o século XVIII na forma do “despotismo asiático”. Ou, nas imediações de 1989 e do bicentenário da Revolução Francesa, usa frequentemente o termo “Antigo Regime”, como também o reforço da noção de totalitarismo. Nos anos finais, 1990-1991, promove a identificação do que chamava comunismo com o socialismo. Para ela os regimes comunistas, como na Albânia, apesar de algumas nuances, são essencialmente iguais aos de Berlim Oriental até a Kamchatka.⁸

Franciscon afirma que *Veja* “utilizava-se como análise jornalística e política uma visão totalitária ou totalitarismo”⁹, por isso, a revista em suas matérias identificava o comunismo e o socialismo como um só conceito.

⁶ MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Tradução Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 726.

⁷ Idem, p. 16.

⁸ FRANCISCON, Moisés Wagner. *A Revista Veja. O Bloco soviético do império do mal ao fracasso do comunismo. (1985-1991)*. Editora CRV. Curitiba. 2013, p. 11.

⁹ Idem, p. 28-29.

Os países que mais tiveram matérias e reportagens publicadas por *Veja* foram a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e a URSS. Na maioria das matérias analisadas procuramos evidenciar o posicionamento político de *Veja* com relação aos processos de restauração do capitalismo ou da economia de mercado.

Em sua cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético, *Veja*, em suas páginas defendeu diferentes medidas capitalistas para as democracias populares e para a URSS. A pesquisa foi dividida em recortes temático-cronológicos, recortes estes que deram origem a algumas tabelas. No texto, as tabelas contêm como informação: edição, ano, títulos, subtítulos e data de publicação das matérias.

O recorte cronológico da dissertação refere-se ao período de crises econômicas e políticas dentro da URSS e das democracias populares até a restauração do capitalismo nestes países. A restauração do capitalismo dentro do bloco soviético resultou na reunificação da Alemanha e na desintegração da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

Segundo Arantes¹⁰, o processo de restauração do capitalismo dentro do bloco soviético se deu por meio de uma aliança entre os políticos liberais e as instituições ocidentais acompanhadas de medidas de democratização.

O retorno ao capitalismo, ou, na linguagem usual dos novos dirigentes e da imprensa, a economia de mercado, foi defendido como exigência da racionalidade econômica. Segundo seus apologistas, não havia como corrigir os defeitos da planificação burocrática. Só era possível substituí-la pela livre ação do mercado, como tinha proposto Hayek, a frente dos teóricos liberais do Ocidente.¹¹

Os processos de restauração do capitalismo nos países do bloco soviético seguiram diferentes trajetórias políticas e econômicas. Cada país da Europa possuía sua particularidade e um contexto histórico, econômico e político diferente.

Neste sentido, os objetivos da pesquisa são:

- Analisar a cobertura jornalística de *Veja* sobre o colapso do bloco soviético durante os quatros primeiros anos de crises econômicas e políticas, entre 1989 e 1992;
- Evidenciar o posicionamento político de *Veja* com relação aos processos de restauração do capitalismo dentro dos países do bloco soviético;

¹⁰ ARANTES JR., Abelardo. *A passagem do neostalinismo ao capitalismo liberal na União Soviética e na Europa Oriental*. Coleção relações internacionais. Editora FUNAG (Fundação Alexandre Gusmão). Brasília. 2015, p. 441.

¹¹ Idem, p. 389.

- Demonstrar como *Veja* expôs e defendeu soluções e medidas capitalistas para os países do bloco soviético;

A metodologia da pesquisa será a leitura e análise críticas de textos e discursos de *Veja*, sobretudo, matérias, reportagens e imagens. Na pesquisa, procuramos evidenciar os sentidos e significados que *Veja* defendia em seus discursos e em suas matérias.

Para compreender como foi a cobertura jornalística de *Veja* e o seu posicionamento político com relação aos processos de restauração do capitalismo dentro dos países do bloco soviético, a pesquisa partiu de algumas questões:

1) Como *Veja* representou e caracterizou o evento político e histórico que ocorreu em 1989 dentro da URSS e dos países que compuseram a “Cortina de Ferro”? Dentro do discurso neoliberal e anticomunista de *Veja*, quais medidas neoliberais que a revista expôs e defendeu para as democracias populares e a URSS?

2) Na Polônia, para *Veja*, qual foi o papel do “Solidariedade” na restauração do capitalismo no país? Como *Veja* representou a restauração da economia de mercado polonesa? E, porque *Veja* defendia o sindicalista Lech Walesa na Polônia e no Brasil Luís Inácio Lula da Silva (Lula) era visto pela revista como uma ameaça comunista?

3) Como *Veja* defendeu e representou a restauração do capitalismo húngaro?

4) A queda do muro de Berlim e a restauração do capitalismo dentro da Alemanha Oriental como foi representado durante a cobertura jornalística de *Veja*?

5) Alemanha Oriental e a União Soviética foram os últimos países a finalizar seu processo de restauração para a economia de mercado. Portanto, como *Veja* representou Gorbachev em suas páginas nos finais dos anos oitenta e noventa? E como foi representado o processo de restauração do capitalismo na União Soviética?

6) Por último, nas páginas de *Veja*, durante o período de desintegração do bloco soviético e a restauração da economia de mercado dentro dos países, o comunismo foi colocado como “morto e extinto” pela revista. Como *Veja* utilizou-se do seu discurso neoliberal para caracterizar o “fim do comunismo” e a vitória do capitalismo como única alternativa?

A maioria das matérias publicadas por *Veja* era originária de agências internacionais de informação. Em meados de 1989, segundo Franciscan, “alguns jornais mantinham redações em Moscou, como a Folha de S. Paulo”. O historiador afirma que *Veja* “raramente mandou repórteres seus para esta região da Europa”, haja vista que a revista

[...] quase sempre utilizou informação de segunda mão. Seu primeiro enviado especial foi Roberto Pompeu de Toledo, quando o programa de Gorbachev ganhava os contornos de uma reforma radical, que também é o principal repórter para as questões do Segundo Mundo. Seus dois outros enviados foram J. A. Dias Lopes e Guilherme Costa Manso.¹²

O mapeamento das fontes e a seleção de matérias e artigos de *Veja* resultaram em cinco recortes-temáticos. Os recortes temáticos giraram em torno dos principais países que mais tiveram matérias e reportagens publicadas por *Veja* como: a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e a URSS.

A importância da pesquisa reside em entender como a cobertura jornalística de *Veja*, ao longo dos anos, contribuiu para reforçar ideias como essa: “o regime do terrorismo stalinista, da ditadura do partido único, da perseguição aos dissidentes, da estatização total da economia”¹³. A construção dessas ideias durante o colapso do bloco soviético não só reforçou um discurso anticomunista como naturalizou o capitalismo como único sistema vitorioso. Como já havia afirmado Cunhal em seu texto:

Neste findar do século XX, multiplicam-se as interpretações e caracterizações do que o século significou e significará na história da humanidade. Considerando a derrocada da URSS e dos regimes do leste da Europa, a mudança daí resultante da correlação mundial de forças e a nova pretensão de restabelecimento do domínio, exploração e hegemonia mundial pelo imperialismo, espalha-se a ideia de que o projeto comunista fracassou, de que “o comunismo morreu”, de que “o comunismo não tem futuro” e de que afinal o capitalismo mostrou ser um sistema capaz de resolver os problemas da humanidade, um sistema superior e melhor que um sistema socialista.¹⁴

O nosso referencial teórico tem como orientação o livro “Para Além do Capital”, de István Mészáros. Nesta obra o filósofo “propõe uma alternativa socialista que implica a superação radical do capitalismo, como único meio de se acabar com a exploração do trabalho, e, por conseguinte, de se ir para além do capital”.¹⁵

A “Origem do Capitalismo”, escrito pela historiadora Ellen Wood¹⁶, propõe um rico debate acerca da natureza histórica do capitalismo. Partindo das condições objetivas

¹² FRANCISCON, Op. Cit., p. 14.

¹³ Cortina Rasgada. *Veja*, Edição 1.097, 20.09.1989.

¹⁴ Texto da conferência proferida por Álvaro Cunhal a 21 de maio de 1993, em Ponte da Barca, inserido no ciclo de conferências e debates promovido pela Câmara Municipal local intitulado: *Conversas com endereço*. Tema proposto a Álvaro Cunhal: *O comunismo hoje e amanhã*. Fonte: Partido Comunista Português - Organização Regional de Lisboa. Transcrição: Blog "O Castendo", p.1. Disponível em: <https://pcb.org.br>. Acesso: 23.02.2017.

¹⁵ MÉSZÁROS, Op. Cit.

¹⁶ WOOD, Ellen Meiksins. *A Origem do Capitalismo*. Tradução: Emir Sader. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2001.

de surgimento do capitalismo, a autora procura analisar as principais concepções históricas de sua origem e as características essenciais inerentes a esse modelo de sociedade. Nesta obra, desenvolve ainda uma visão crítica sobre as teorias deterministas a respeito da naturalização do capitalismo e do colapso do comunismo no fim da década de 1980.

Sobre a atuação de *Veja* como imprensa e como partido neoliberal utilizamos a obra de Carla Luciana Silva¹⁷. A historiadora, partindo de matérias de *Veja* publicadas entre os anos de 1989 e 2002, promoveu uma análise pormenorizada dos interesses de classe defendidos pela revista, ao investigar quem eram os sujeitos políticos, econômicos e sociais que se fizeram representar na linha ideológica da revista. Sua análise engloba também os seus posicionamentos e a relação com o desenvolvimento do sistema de reprodução e ampliação do capital. *Veja* como partido político possui um projeto e um programa de ação estabelecidos em conjunto com outros grupos.

Por último, sobre as democracias populares e a União Soviética temos como referencial teórico a tese de doutorado de Abelardo Arantes Júnior¹⁸ intitulada “A passagem do neoestalinismo ao capitalismo liberal na União Soviética e na Europa Oriental”. Nela, o autor discute as relações de Moscou com as capitais dos países da Europa, com destaque especial ao período em que se desfaz a União Soviética e nos quais movimentos paralelos se realizam em sua área de influência.

A dissertação foi dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo tem como objetivo fazer uma breve discussão teórica e bibliográfica sobre os temas abordados nas análises de *Veja* e o segundo capítulo refere-se as análises das matérias de *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético.

O primeiro capítulo “Anos 90: *Veja*, Crise do Socialismo e a naturalização do capitalismo a partir do bloco soviético” tem como objetivo principal trazer uma breve discussão teórica e bibliográfica acerca de dois temas que perpassaram no discurso de *Veja*, durante as décadas de oitenta e noventa. O primeiro tema refere-se a crise do socialismo real e o segundo tema à naturalização do capitalismo. O objetivo deste capítulo é ser um contraponto teórico e bibliográfico as análises de *Veja* sobre o período do colapso do bloco soviético.

¹⁷SILVA, Carla Luciana. *VEJA: O indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Niterói (RJ): Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, 2005.

¹⁸ ARANTES Jr., Op. Cit.

Este capítulo foi dividido em três subcapítulos. O primeiro subcapítulo tem como objetivo trazer um breve contexto histórico sobre os anos noventa e atuação da revista *Veja*. Historicamente, a revista possui uma atuação como partido e imprensa brasileira. Na transição dos anos oitenta para os anos noventa, o mundo e o Brasil experimentavam a expansão do neoliberalismo em diferentes regiões do planeta.

Com a expansão do campo jornalístico e a implantação do neoliberalismo, os principais jornais do Brasil passaram a pertencer a grandes conglomerados industriais de comunicação. A participação da imprensa brasileira no âmbito mundial da comunicação permitiu e possibilitou a implantação de diferentes “agendas ultraliberais¹⁹” no país. É possível dizer que a cobertura jornalística de *Veja* sobre o colapso do bloco soviético não apenas emitiu e divulgou, mas defendeu a hegemonia do capitalismo.

Já no segundo subcapítulo discutimos a crise do socialismo real em três perspectivas teóricas: a primeira perspectiva teórica é do filósofo István Mészáros em seu livro “Para Além do Capital”, a segunda visão teórica é do sociólogo José Paulo Netto “A crise do socialismo real e ofensiva neoliberal” e por último, o economista Victor Meyer com seu livro “Determinações históricas da crise da economia soviética”.

Para entender porque *Veja* defendeu o capitalismo como única solução histórica e vencedora do século XX, a pesquisa buscou trazer no terceiro subcapítulo um debate teórico e bibliográfico sob uma perspectiva marxiana e marxista da naturalização histórica do capitalismo a partir do colapso do bloco soviético.

Por último, o segundo capítulo “Revista *Veja* e a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético (1989-1992) têm como objetivo analisar as diferentes matérias e reportagens publicadas por *Veja* entre os anos de 1989 a 1992. Neste capítulo procuramos evidenciar o posicionamento político da revista com relação aos processos de restauração do capitalismo dentro dos países do bloco soviético e como ela expôs e defendeu soluções e medidas capitalistas para as Democracias Populares e URSS.

¹⁹FONSECA, Francisco. O Consenso Forjado. A grande imprensa e a Formação da Agenda Ultraliberal no Brasil. Tese (Doutorado em História). Editora Hucitec. São Paulo. 2005.

CAPÍTULO 1

ANOS 90: *VEJA*, CRISE DO SOCIALISMO REAL E A NATURALIZAÇÃO DO CAPITALISMO A PARTIR DO BLOCO SOVIÉTICO

“Los media, justifican los fines, Ya no es necesario que el fin justifique los medios”.

Eduardo Galeano

Este capítulo tem como objetivo trazer uma breve discussão teórica e bibliográfica acerca de dois temas que perpassaram no discurso de *Veja*, durante as décadas de oitenta e noventa. O primeiro tema refere-se a crise do socialismo real e o segundo, refere-se diretamente ao problema da naturalização do capitalismo. O objetivo deste capítulo é ser um contraponto teórico as análises e os discursos de *Veja*.

O debate que faremos neste capítulo está conectado com as discussões e análises que serão feitas no capítulo dois sobre as matérias publicadas por *Veja* durante o período do colapso da URSS e das democracias populares. O capítulo divide-se em três subcapítulos.

O primeiro subcapítulo refere-se ao contexto histórico de *Veja* como imprensa brasileira. Já o segundo subcapítulo refere-se a crise do Socialismo real: diferenças e controvérsias. Como existem inúmeros autores que se dedicaram ao tema crise do socialismo real e existem diferentes interpretações e controvérsias sobre o assunto.

No segundo subcapítulo discutiremos três interpretações sobre o tema: o filósofo István Mészáros²⁰ em seu livro “Para Além do Capital”, o sociólogo José Paulo Netto²¹ em seu livro “A crise do socialismo real e Ofensiva neoliberal” e o economista Victor Meyer²² com seu livro “Determinações históricas da crise da economia soviética”. Essas três discussões teóricas têm como objetivo ser um contraponto a visão de *Veja*.

Por último, o terceiro subcapítulo tem como finalidade fazer uma breve discussão teórica e bibliográfica sobre “a naturalização do capitalismo a partir do colapso do bloco soviético”.

²⁰ MÉSZÁROS, Op. Cit.

²¹ NETTO, José. Paulo. *Crise do Socialismo real e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1995.

²² MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EdUFBA, 1995.

1.1. Anos 90: Revista *Veja*

Em 1989, a conjuntura política e econômica nacional e internacional era de expansão do neoliberalismo em diferentes regiões periféricas do planeta. O neoliberalismo foi “constituído por uma série de estratégias políticas e econômicas internacionais orientadas como solução para a crise do capital de 1970”.²³

O modelo neoliberal consolidaria primeiro nos países ocidentais e teve como característica principal o afastamento do Estado de bem-estar social para a defesa de um Estado mínimo. Segundo Perry Anderson,

[...] o neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar social.²⁴

Na década de oitenta, os primeiros inauguradores do modelo neoliberal na Europa foram os governos de Margareth Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos. No Brasil, o neoliberalismo consolidou-se a partir dos anos 90 com Fernando Collor e teve sua efetivação no governo do Fernando Henrique Cardoso.

O neoliberalismo emergiu como suporte ideológico capaz de promover novas formas de acumulação de capital. Na perspectiva chomskiana, o neoliberalismo aparece por meio do consenso de que “Não Há Alternativa” além do capitalismo. Para Chomsky, “o neoliberalismo, é o ‘capitalismo sem luvas’, esse projeto representa em que as forças empresariais são maiores, mais agressivas e se defrontam com uma oposição menos organizada do que nunca”.²⁵

Por sua vez, Ignacio Ramonet afirma que

O neoliberalismo como doutrina é um corpo de regras que defende o livre mercado acima de quaisquer outros interesses. Para que o mercado esteja no controle da vida pública, é necessário que o Estado esteja ausente, algo que se consegue com privatizações, desregulamentações e rígido controle fiscal.²⁶

²³ MÉSZÁROS, Op. Cit., p. 730.

²⁴ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9.

²⁵ CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e a Ordem Global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 4.

²⁶ RAMONET, Ignacio. *O Pensamento Único e os Novos Senhores do Mundo*. Disponível em: http://www.culturabrasil.org/pensamentounico_ramonet.htm/. Acesso: 15/03/2017

Com a inserção de políticas neoliberais no Brasil “a imprensa liberal teve como objetivo principal disseminar e legitimar projetos em prol do capital”²⁷. Os impactos neoliberais no desenvolvimento da concentração midiática mundial constituíram um fenômeno que ajudou a consolidar a hegemonia neoliberal não só no mundo como no Brasil, de um modo geral, a grande imprensa brasileira não poderia ficar atrás deste avanço tecnológico e empresarial.

Com o avanço do neoliberalismo e as novas dinâmicas do capital

A grande imprensa assume o seu caráter empresarial, oculta-se o seu perfil mercadológico e suas relações políticas e econômicas. A função empresarial da imprensa volta-se para a manutenção dos interesses de mercado parte dos interesses dos anunciantes e a outra parte dos donos.
28

A partir dos anos noventa, a grande imprensa brasileira, na condição de partido jornalístico, apresenta como objetivo a construção de “agendas ultraliberais”²⁹. Segundo Fonseca, “a compreensão do que ocorreu no mundo e no Brasil com a implantação do neoliberalismo constituiu-se na construção de uma agenda política e econômica para o país”³⁰. O historiador afirma que

A grande imprensa nacional desempenhou um papel importante na formação da hegemonia das ideias ultraliberais no Brasil personificados numa agenda que enfatiza a precedência da esfera privada (notadamente o mercado) sobre a esfera pública entre 1985 e 1992.³¹

Em sua análise sobre a imprensa ultraliberal, Fonseca defende que a grande imprensa é concebida como ator político, deve ser compreendida “fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesse e de intervenção na vida social”³². Para ele

Esta posição sintetiza as preocupações e a ação do jornal, como “partido do Capital”, chama atenção do empresariado nacional sobre a necessidade de contribuir para a “estabilidade econômica”, ambiente de que necessita o capitalismo para se reproduzir.³³

²⁷ FONSECA, Francisco. Op. Cit., p.18.

²⁸ Idem, p. 24.

²⁹ Idem, p. 33.

³⁰ Idem, p. 18.

³¹ Idem.

³² Idem, p. 343.

³³ Idem, p. 345.

Essa nova agenda neoliberal, para Moraes, introduziu no Brasil “um ritmo acelerado, uma nova lógica empresarial capitalista, novas práticas de mercados, novas políticas e práticas culturais³⁴”. Carla Silva, por sua vez, afirma que

[...] o neoliberalismo baseou-se em uma acelerada internacionalização da economia, na financeirização do capital, na desregulamentação de direitos sociais e no dismantelamento da organização dos trabalhadores.³⁵

Ainda de acordo com a historiadora, a grande imprensa brasileira “constituiu-se em um dispositivo ideológico que regulou e editou seus leitores e editoriais a obedecerem às suas respectivas linhas de pensamento”³⁶, como no caso de *Veja*.

Em seu discurso, a revista sempre se coloca como sendo uma imprensa de “compromisso, seriedade e responsabilidade com os seus leitores”³⁷. A análise de Silva traz como debate a atuação de *Veja* “no adestramento de seus leitores sobre a inevitabilidade do sistema do capital em todas as suas implicações, especialmente enquanto política aplicável à conjuntura nacional”³⁸, sendo que

O termo adestramento não se trata de um convencimento a partir de argumentos, cercado por um efetivo controle e por um debate contraditório. *Veja* repete e repisa incansavelmente o mesmo chavão, ajustando-o segundo as conveniências conjunturais do grupo do qual apresenta-se como um efetivo partido.³⁹

Como partido neoliberal, *Veja* “atua na formulação, no gerenciamento e na ação pedagógica”⁴⁰ isto é, na “grande política, *Veja* organiza e encaminha a hegemonia dos grupos que defende o consenso em torno de seu projeto”⁴¹. Como uma das representantes da grande imprensa brasileira, *Veja* “ênfatisa o seu caráter jornalístico e a formação da opinião dos seus leitores”.⁴²

³⁴ MORAES, Denis de. Mídia e poder mundial. In: *História & Lutas de Classes*, Ano 01, nº. 02, Fev. 2006, p. 5.

³⁵ SILVA, Op. Cit., p. 25.

³⁶ SILVA, Carla Luciana. Imprensa liberal, Imprensa Partidária: uma aproximação historiográfica. In: _____. & RAUTENBERG, Edina (orgs.). *História e Imprensa: estudos de hegemonia*. Porto Alegre: FCM, 2014, p. 140 (Coleção Tempos Históricos/ Coleção Brasil República).

³⁷ Idem, p. 22.

³⁸ Idem, p. 421.

³⁹ Idem.

⁴⁰ SILVA, Op. Cit., p. 30.

⁴¹ Idem, p. 23.

⁴² Idem, p. 37.

A imprensa reproduz seus valores morais, constituindo-se assim em uma verdadeira “caixa de ressonância”⁴³ que manifesta as concepções de classe predominantes (a burguesa), capazes de repercutir no contexto social, seja nos extratos dominantes ou naqueles que estavam fora da esfera de poder.

Segundo Fonseca, a compreensão do que ocorreu no mundo e no Brasil com a implantação do Neoliberalismo, constituiu-se a construção de uma agenda político-econômica neoliberal. Já Moraes defende que

O avanço do neoliberalismo no terreno político-cultural repousa, em larga medida, na capacidade demonstrada pelas indústrias de informação e entretenimento de operar como máquinas produtivas que estruturam, simbolicamente, o discurso da vida e da produção. A mídia ocupa posição destacada no âmbito das relações sociais, visto que é no domínio da comunicação que se fixam os contornos ideológicos da ordem hegemônica e se procura reduzir ao mínimo indispensável o espaço de circulação de ideias alternativas e contestadoras. A meta precípua é neutralizar as expressões de crítica e dissenso. Essa variante do pensamento único - que subordina os direitos sociais dos cidadãos à razão competitiva dos mercados financeiros - oculta a carga atômica de desigualdades que viceja nos espaços e subespaços socioeconômicos planetários.⁴⁴

No entanto, a revista *Veja* “se coloca como interlocutora de um projeto que diz ser nacional, age como orientadora dos gerenciadores desse projeto em nível nacional, mas seus interesses vão além de qualquer nacionalidade”.⁴⁵

Para Silva, *Veja* “se coloca como defensora de uma “missão” e de uma dada “responsabilidade”, e atribui a função de “vigilante” e se coloca como portadora da “verdade”⁴⁶. Portanto, “a criação do ‘sujeito *Veja*’ é a forma de ocultar o ‘partido *Veja*’⁴⁷, assim, a revista torna-se um “indispensável partido neoliberal”.⁴⁸

A imprensa se constitui como um “corpus documental”⁴⁹ de inúmeras dimensões, que se consolida como testemunho dos métodos e concepções pedagógicas de um determinado período. *Veja* por meio dos seus editoriais, opinião de colunistas e de coberturas jornalísticas “age de forma articulada com o grande capital e com a grande imprensa mundial”.⁵⁰

⁴³ FONSECA, Op. Cit., p. 33.

⁴⁴ MORAES, Op. Cit.

⁴⁵ SILVA, Op. Cit., p. 566.

⁴⁶ Idem, p. 90.

⁴⁷ Idem, p. 23

⁴⁸ Idem, p. 148.

⁴⁹ FONSECA, Op. Cit., p.18.

⁵⁰ Idem, p. 15.

A revista mostra-se “portadora de algo que lhes interessava diretamente, faziam campanhas, portanto, agiam como sujeitos históricos ou como partido político”⁵¹. Segundo Silva, “como qualquer partido, a imprensa não escapa das contradições internas, e de conflitos permanentes que a realidade lhe coloca, mas a sua atuação enquanto intelectual coletivo e a de formular, organizar e gerenciar”.⁵²

Para a historiadora

A revista tem assumido para si uma dupla responsabilidade: a atuação como educadora continuada, que tem como alvo os profissionais já formados ou em formação; a atuação visando ampliar seu público através de projetos diretamente voltados ao público estudante.⁵³

Em *Veja*, o neoliberalismo se faz presente na defesa de novos padrões de comportamento social, na implantação do livre-mercado, na inserção de novos produtos, de novas tecnologias e no estabelecimento de novas relações sociais.

Os editoriais de *Veja* demonstram a complexidade que a revista obedece a uma diretriz que conflui à ideologia neoliberal. Segundo Silva, *Veja* defende o neoliberalismo por meio da criação de “novas formas de gerenciamento do capital”.⁵⁴

A revista está em sintonia com a publicidade, e juntos propõem um estilo de vida, que está diretamente ligado ao sistema econômico. O papel que o sistema financeiro possui no neoliberalismo é tão importante quanto o que desempenha na manutenção de seus veículos de divulgação e naturalização, no caso, a revista *Veja*, são sistemáticos os anúncios dos bancos privados, dos cartões de crédito, e todos os produtos vinculados ao mercado financeiro. Esses são os maiores parceiros da revista, aqueles que, segundo sua lógica, sustentam sua “liberdade”.⁵⁵

Com a globalização, todos esses novos padrões de comportamento social e de consumo tornaram possível um “sistema de mídia comercial global, em que se têm espaço para promover os mercados globais e para encorajar os valores de consumo, considera as corporações da mídia como instrumentos operacionais da globalização”.⁵⁶

Assim, *Veja* torna-se um “instrumento que permite noticiar, defender e encaminhar ações de sujeitos concretos”.⁵⁷ Com isso, Silva defende que *Veja* torna-se

⁵¹ FONSECA, Op. Cit., p. 16

⁵² Idem, p. 32.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Ibidem, p. 155.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ VICENTE, Maximiliano Martin. *A concentração midiática em tempos de neoliberalismo*. História e comunicação na ordem internacional. São Paulo: UNESP / Cultura Acadêmica, 2009, p.155.

⁵⁷ SILVA, Carla Luciana. Op. Cit, p. 30.

um “porta-voz da ordem internacional neoliberal e de construção de uma nova visão de mundo, querendo convencer que a única liberdade possível é a oferecida pelas mercadorias”.⁵⁸

A revista tornou-se um importante instrumento para a defesa dos princípios neoliberais. Como imprensa, ela traz reportagens e matérias com aspectos de informação e formação para a sociedade civil. Já como partido neoliberal, *Veja* age articulada com os interesses do grande capital.

A partir do momento que a imprensa assume o seu caráter empresarial, revela-se o seu perfil mercadológico e suas relações político-econômicas. A função empresarial da imprensa volta-se para a manutenção dos interesses de mercado, sendo assim, parte dos interesses dos anunciantes e, de outro lado, aos proprietários. Portanto, além de uma face empresarial, surge uma face partidária reforçar o “pacto” com os interesses de mercado.

As práticas neoliberais seguidas pelos detentores dos meios de comunicação pouco diferem das políticas encontradas nos demais setores produtivos que visam à obtenção do lucro. O posicionamento político de um jornal fica explícito a partir da sua estrutura editorial:

É plenamente possível conhecer o posicionamento de um jornal por meio dos editoriais. Embora estes objetivem expressar a opinião oficial dos jornais e, nesse sentido, potencialmente tendam a um certo unilateralismo, o aspecto crucial a ressaltar diz respeito ao modo como os editoriais tratam ideias, grupos e instituições que contrariem suas posições, assim como os que apoia [...] por outro lado, o jornal, particularmente por meio do editorial, é canal de expressão de determinados setores, no caso da grande imprensa, sobretudo as camadas médias e o Capital.⁵⁹

O modo como a grande imprensa defende determinadas ideias e posições e criticam outras, permite-nos compreender o sentido de algumas coberturas jornalísticas e disseminação de certas ideologias.

Veja reproduz e produz ideologia e opinião pública, na qual funciona como uma expressão estratégica voltada a encobrir, interesses particulares e privados. A supremacia do capitalismo nos moldes neoliberais configura-se a lógica da concentração dos meios de produção.

⁵⁸ SILVA, Carla Luciana. *A retórica do “não há alternativas” como face da luta de classes: um estudo sobre a revista Veja dos anos 1990*. Lutas & Resistências, Londrina, n.3, v.2, p. 36-48, 2º sem. 2007, p. 2.

⁵⁹ FONSECA, Op. Cit., pp. 33-34.

A divulgação de conhecimentos úteis na *Veja*, em torno da política, economia e da cultura admite-se serem tratados sem a especialidade de princípios científicos. Uma das estratégias da revista será relacionar ou inserir notícias nacionais e internacionais, referindo-se e indicando firmas e empresas que reproduzam ou são capazes de produzir instrumentos, novas tecnologias e produtos.

1.2. Crise do socialismo real: diferenças e controvérsias

As chamadas ‘democracias populares’ surgiram na Europa pós-Segunda Guerra Mundial em países como Polônia, Hungria, Alemanha Oriental, entre outros, que optaram por uma via democrática nacional. Tais países tinham como regime político a planificação econômica e a agricultura coletivizada.

Estas democracias populares representaram um modelo de sistema político que se caracterizara como estados socialistas autointitulados. Seu desenvolvimento se deu durante o século XX, embora alguns tenham sobrevivido no século XXI. Segundo Opat,

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, oito países do Centro e do Sudeste da Europa (Albânia, Bulgária, Tcheco-Eslováquia, Alemanha oriental, Iugoslávia, Polônia, Romênia e Hungria) nasceram novos regimes que se definiram como democracias populares. A origem e evolução de cada um deles se distinguem por várias particularidades, não obstante a presença de características elementares comuns.⁶⁰

Cada democracia popular tinha em seu discurso legitimador a construção de uma sociedade socialista tendo em conta características particulares de cada país, respeitando os princípios do internacionalismo proletário. Porém, cada uma se originou da heterogeneidade social, política e ideológica que em geral resultou das diversas coalizações das frentes nacionais. As democracias populares tinham como base principal:

- Partido único.
- Coletivização da terra.
- Planificação econômica centralizada.
- Desenvolvimento da indústria de base.

Nos anos de 1945-1946, de acordo com Opat⁶¹, em todos os países, com exceção da Iugoslávia e da Albânia, os comunistas aceitaram as estruturas políticas pluralistas

⁶⁰ OPAT, Jaroslav. Op. Cit., p. 213.

⁶¹ Idem, p. 229.

como base de sua política. Os dirigentes máximos dos partidos comunistas sublinharam em várias ocasiões que as estruturas dos novos regimes eram aceitáveis em princípio inclusive para seus partidos e que pretendiam continuar a lutar para aumentar sua influência política respeitando tais estruturas.

O autor ainda afirmou que “as democracias populares preservavam o pluralismo político econômico próprio do país, garantindo uma via democrática verdadeiramente peculiar”⁶². Nesta parte da Europa o desenvolvimento do socialismo se desenvolveria a partir de um regime político monopartidário.

As democracias populares tinham como objetivo contribuir para o nascimento de uma sociedade mais democrática, capaz de concorrer positivamente e em níveis cada vez mais elevados com a democracia burguesa clássica, não somente no desenvolvimento das forças produtivas, mas também na garantia permanente de uma maior quantidade de direito civis e liberdades individuais. Segundo Rakosi,

O caráter do Estado das democracias populares é determinado pelo fato de que ele representa o poder da imensa maioria do povo, dos trabalhadores dirigidos pela classe operária. Esse Estado é uma arma eficaz na luta contra os exploradores, os capitalistas e os grandes proprietários de terras. A democracia popular é um Estado de transição do capitalismo ao socialismo, Estado que somente pode cumprir sua missão histórica avançando consequentemente no caminho do socialismo. O Estado democrático popular, enfim, forma-se sobre a base da cooperação e da amizade estreita com a União Soviética, o país do socialismo, e faz parte do campo unido, democrático e anti-imperialista que é liderado pela URSS.⁶³

No entanto, com o processo de polarização entre URSS e EUA, os acordos políticos e econômicos entre as duas potências mundiais trouxeram mudança radicais na situação dos países. A polarização mundial teve como resultado a implantação do Plano Marshall nos países atingidos pela guerra e do outro lado a formação das democracias populares e da Cortina de Ferro.

Segundo Opat⁶⁴, o plano Marshall e os acontecimentos a ele ligados tinham trazido plenamente à luz o já evidente processo de divisão da Europa e do Mundo inteiro em dois campos opostos – um passo importante naquela direção fatal foi a reunião para a constituição do Birô de Informações dos nove partidos comunistas, realizadas entre os

⁶² OPAT, Op. Cit., p. 236.

⁶³ RAKOSI, Matias. O tipo de estado da Democracia Popular In: *Revista Mensal de Cultura Política*, 1a. Edição, nº. 18, abril-maio de 1949. Transcrição de Fernando A. S. Araújo. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/rakosi/ano/mes/tipo.html>. Acesso: 22.04.2017.

⁶⁴ Ibidem, p. 236.

dias 22 e 27 de setembro de 1947 em Szlarska Poreba, na Polônia, com os representantes dos partidos da Iugoslávia, Bulgária, Romênia, Hungria, Polônia, URSS, Tcheco Eslováquia, França e Itália.

Durante essa reunião foi destacado a formação do mundo em dois campos opostos: o imperialista e antidemocrático, e o anti-imperialista e democrático, a frente do primeiro os EUA, e a frente do segundo a União Soviética. A União Soviética acusava os Estados Unidos de preparar uma guerra atômica contra o país. A URSS acusava os Estados Unidos da submissão da Europa à hegemonia americana, a Doutrina Truman e ao Plano Marshall.⁶⁵

A *perestroika*, iniciada por Gorbachev em 1985, marcaria a agonia das "democracias populares" tuteladas pela URSS, todas já em grave crise econômica e com problemas sociais e políticos profundos, minados pela onda de simpatia e estímulo à ação desencadeada pelo sindicato polaco 'Solidariedade' e seu líder, Lech Walesa.

No fim do século XX, a crise do socialismo real tornou-se fundamental para a hegemonia do capitalismo global. Segundo Mészáros⁶⁶, a ideia do socialismo em um só país, o fracasso da desestalinização e o colapso do socialismo real são processos históricos e políticos que marcaram decisivamente a "derrota" de uma alternativa contra o capital. No livro 'Para Além do Capital', Mészáros⁶⁷ afirma que

O sistema soviético implodiu por dois motivos: o primeiro porque os países permaneceram sobre a regra do capital e o segundo porque o sistema do capital entrou em sua fase histórica de crise estrutural, tornando extremamente problemática [...] resolver os problemas do sistema soviético.⁶⁸

Para discutir em seu livro a crise do socialismo real, Mészáros nomeia os países do bloco soviético em "sociedades pós capitalistas do capital" e os dirigentes soviéticos em "personificações do capital"⁶⁹. Desde o início, Mészáros defende que

⁶⁵ OPAT, Jaroslav. Op. Cit., p. 238.

⁶⁶ MÉSZÁROS, Op. cit., p. 43.

⁶⁷ Idem, p. 737.

⁶⁸ Ibidem, p. 738.

⁶⁹ "Como um modo de controle sociometabólico, o sistema do capital é singular na história também no sentido em que é, na verdade, um sistema de controle *sem sujeito* [...] As pessoas que ocupam os altos escalões da estrutura de comando do capital – sejam eles capitalistas privados ou burocratas do partido – só podem ser consideradas 'personificações do capital', independente do seu maior ou menor entusiasmo, como indivíduos particulares, ao pôr em execução os ditames do capital" In: MÉSZÁROS, Op. Cit., pp. 125-126.

[...] todos os esforços de ‘reestruturação’ do sistema stalinista, desde a ‘desestalinização’ de Krushev até a ‘*perestroika*’ de Gorbachev [...] tornou-se econômica e politicamente insustentável [...]

O fracasso da *perestroika* teve muito a ver com o modo arbitrário pelo qual as personificações soviéticas do capital, sob a liderança de Gorbachev, tentaram transplantar algumas das relações de controle sociometabólico das sociedades ocidentais avançadas para uma situação político-econômica que objetivamente resistia a elas.⁷⁰

As tentativas fracassadas de Gorbachev por meio da *perestroika* e *glasnost* foram consideradas por Mészáros desastrosas e catastróficas para o sistema soviético. “A *perestroika* de Gorbachev procurava remediar as falhas e os antagonismos do sistema do capital de tipo soviético no Leste”.⁷¹

As quase quatro décadas de tentativas de reformas que vão desde ascensão de Krushev ao poder até a implosão do sistema soviético sob Gorbachev foram cheias de inconsistências e contradições, não apenas em relação à economia, mas também em termos políticos.

O fracasso da desestalinização e o agravamento da crise do socialismo real resultaram na pressão crescente entre os dirigentes soviéticos pela restauração do capitalismo. Com o colapso do bloco soviético, Mészáros afirma que

Os porta-vozes do “capitalismo avançado” imediatamente prometeram maciça ajuda financeira “modernizadora” aos países do bloco oriental, chacoalhando até mesmo a cenoura de um generoso “novo Plano Marshall” ante os narizes dos crédulos [...] Assim como a longa e prometida “modernização” em benefício do “Terceiro Mundo” não se materializou no passado, do mesmo modo virtualmente nada resultou da propalada ajuda modernizadora mais recente.⁷²

Segundo Mészáros, na época “do colapso soviético, este desenvolvimento foi saudado pelos defensores do capital como um retorno triunfante para todo o status quo ante”⁷³. Nestes termos, a

implosão do socialismo soviético representou um triunfo que apenas sublinhou a inviabilidade de se tentar resolver, de forma duradoura, a crise do sistema global do capital por meio de um maciço envolvimento direto do Estado no processo sociometabólico.⁷⁴

⁷⁰ Idem, p. 43.

⁷¹ Idem, p. 199.

⁷² Idem, p. 734.

⁷³ MÉSZÁROS, Op. Cit., p. 734, 735

⁷⁴ Idem, p. 735.

Mészáros diz que a eleição de Gorbachev para a posição de secretário geral não foi por acidente. A “ascensão de Gorbachev na URSS foi recebida com grandes esperanças nas ‘questões econômicas’ e na ideia de prometer ‘incentivos materiais individuais’”. Isto significou que a “ideia de ‘democratização’ ganhou proeminência à medida que a *glasnost* se associava à *perestroika*”.⁷⁵

Desde o princípio da *glasnost* e da *perestroika*, o líder soviético Gorbachev usava o mesmo refrão adotado pelos políticos ocidentais mais conservadores, como Margaret Thatcher: “não há alternativa”. “Ele continuou a repetir, de uma maneira ou de outra, que ‘somos unânimes em nossa convicção de que a *perestroika* é indispensável e realmente inevitável, e que não temos nenhuma outra opção”⁷⁶, o que permitia uma análise conjuntural de que

As políticas formuladas por Gorbachev e sua equipe oscilaram e eram frequentemente contraditórias entre si, mas a linha geral consistiu na instituição de “mecanismos de mercado” copiados do Ocidente e na submissão dos trabalhadores à correspondente “disciplina de mercado”. Ainda na fase inicial da *perestroika*, os líderes soviéticos perceberam ou previram que a lógica objetiva do seu curso de ação seria a restauração do capitalismo.⁷⁷

As tentativas de reformas implantadas por Gorbachev na URSS conforme Mészáros adverte, eram

[...] de revitalização da economia soviética pela contabilidade de custo capitalista e produção e circulação de mercadorias orientadas para o lucro com a administração central do Estado do sistema sócio reprodutivo estabelecido, sob a autoridade inquestionável do partido.⁷⁸

Mészáros⁷⁹ afirma que a contradição fundamental da economia soviética, o antagonismo insuperável entre o capital pós capitalistas e o trabalho recalcitrante pós-revolucionário,

Se realizava na diferença fundamental entre o caminho seguido por Mikhail Gorbachev e as tentativas anteriores de reforma era a disposição do político soviético favorito do Ocidente de ir “até o fim”, isto é, de restaurar completamente o capitalismo, em nome “da

⁷⁵ Idem, p. 760.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, p. 769.

⁷⁸ Idem, p. 770.

⁷⁹ MÉSZÁROS, Op. Cit., p. 768.

contabilidade de custos” e da “disciplina de mercado”. Isto explica porque a chamada “gorbymania” foi tão promovida no Ocidente.⁸⁰

Nas interpretações de Mészáros⁸¹, a implosão do sistema soviético do capital foi devida à contradição, por quase sete décadas, entre o papel do Estado de aumentar a socialização da produção por meio da força e de meios políticos e a necessidade do regime pós-Brejnev de colocar o trabalho recalcitrante coletivamente organizado e administrado pelo próprio partido sob o controle mais firme possível de um “mecanismo de mercado” quase automático dentro da estrutura da *perestroika*.

Em uma perspectiva meszariana, o sociólogo José Paulo Netto no livro “A crise do socialismo real e Ofensiva neoliberal” afirma e defende que a crise do socialismo real foi uma “crise específica do tipo de organização socioeconômica das sociedades pós-revolucionárias”⁸². Nas palavras de Netto

Crise do “campo socialista”- o que entrou em crise é uma forma determinada de transição socialista aquela em que o Estado engendrado na revolução aparece fundido como o aparelho partidário no exercício de um monopólio político que substitui o protagonismo dos trabalhadores e da inteira sociedade no marco da qual o seu desempenho econômico-social centra-se na realização de tarefas que historicamente configuraram, uma vez cumpridas, as condições para a supressão da ordem burguesa - não é por acaso que, numa angulação diversa da minha, Wiatr caracteriza esta crise como crise estrutural de formação.⁸³

Para Netto, o “campo socialista experimentava um complexo de tensões e contradições que no marco de cada Estado, possuía causalidades, conexões e rebatimentos próprios, relacionados às particularidades (históricas, econômicas, sociais, políticas e ídeo-culturais) das várias sociedades nacionais”⁸⁴. Mais à frente, Netto alude que a “crise do socialismo real tornou-se possível, exatamente, quando a ex-URSS, fiadora deste limite, já não reunia mais as condições políticas e econômicas para assegurá-la”⁸⁵. E aprofunda os termos de sua análise da seguinte forma:

A partir do momento que URSS deixou de exercer o papel gendarme (especialmente via Tratado de Assistência Mútua da Europa Oriental, o Pacto de Varsóvia) do “campo” estivesse nos processos desenvolvidos no interior da ex-URSS; mas significa que, sem as modificações

⁸⁰ Ibidem, p. 770.

⁸¹ Idem.

⁸² NETTO, Op. Cit., p. 19.

⁸³ Idem, p. 20.

⁸⁴ Idem, p.14.

⁸⁵ Idem, p. 14.

ocorridas no sistema de poder soviético após a ascensão de Gorbatchov e seu grupo, a crise do “campo” não se desenrolaria tal como na forma em que a testemunhamos.⁸⁶

Segundo Netto, “a crise do campo socialista era o cruzamento de variadas crises nacionais”⁸⁷. Para o sociólogo, as crises nacionais possuem uma mesma característica: “a contestação prioritária do Estado e da sociedade política articulados como a ordem pós-revolucionária, massivamente deslegitimados quer por comportamentos anômicos quer por movimentos disnômicos”⁸⁸. Assim, o autor ressalta que

A crise global da sociedade contemporânea expressa obviamente na crise do Welfare State, no colapso do socialismo real e no fracasso das tentativas “terceiro-mundistas” de superar a sua extrema subalternização no circuito econômico-político mundial, resulta dessa crise o “fim da história”, com a perenização do capitalismo e da ordem burguesa, aparentemente revivificada com a vaga de valores e práticas neoliberais.⁸⁹

No decorrer do fim dos anos oitenta e início dos anos noventa, a dissolução da URSS e das democracias populares levantaram muitas hipóteses entres os teóricos e pensadores políticos. A terceira perspectiva teórica sobre a crise do socialismo refere-se ao livro “Determinações históricas da crise da economia soviética” do economista Victor Meyer, o autor defendeu sua dissertação na Universidade Federal da Bahia em 1995.

Em sua dissertação, Meyer discute as questões sobre a crise da economia soviética. O objetivo de sua pesquisa não era apenas entender “a complexidade global da economia socialista soviética como as contradições da economia soviética, tomadas inicialmente na forma em que se exteriorizam ao eclodir a crise final da URSS”.⁹⁰

Segundo Meyer, a crise na sociedade soviética foi desenvolvida por diferentes problemas, como os gastos militares que erodiram o fundo de acumulação socialista e o desenvolvimento das relações mercantis e mercantis-capitalistas que emergiram em todas as regiões e em todos os setores da economia. Além disso,

A URSS possuía problemas externos, a constituição de um campo socialista, a partir da Segunda Guerra Mundial não alterou sob certo ângulo a posição relativa do “campo” frente a um mundo capitalista economicamente mais forte. É certo que o desenvolvimento bélico da URSS, à frente do campo socialista, viabilizou o empate militar entre os dois blocos que dividiram o mundo do pós-guerra. Mas o empate

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Idem, p. 13.

⁸⁸ Idem, pp. 14-15.

⁸⁹ Idem, p. 7.

⁹⁰ MEYER, Victor. Op. Cit., p. 16

militar não seria sinônimo de empate econômico e tecnológico. A agregação de novos países ao campo ampliou quantitativamente os espaços antes ocupados pela URSS isoladamente, cabendo lembrar que a URSS já não era um país, mas sim um conjunto de países (um conjunto de países atrasados). A anexação ao campo, de outros países atrasados, não bastou para representar a emergência de uma divisão internacional do trabalho socialista, mas apenas afirmação de uma expectativa nesse sentido.⁹¹

Em sua dissertação, o autor buscava entender as contradições da economia soviética desde a implantação da NEP (Nova Política Econômica) até crise do socialismo real. A economia soviética era dirigida por uma burocracia tutora.

Para o autor, a “crise mostrou efetivamente uma planificação sustentada pelo alto, pela burocracia dirigente. A planificação assumiu uma disfunção generalizada provocando desequilíbrios internos nas relações intersetoriais”⁹², ou seja,

A expansão continuada do mundo capitalista submetia a sociedade soviética a uma tensão ininterrupta e crescente, forçando todos os elos internos da cadeia produtiva a um esforço antes desconhecido. Este problema, que se traduziu concretamente na exacerbação da corrida armamentista e na conseqüente erosão do fundo de acumulação socialista, e ainda na concomitante perda de terreno na competição tecnológica externa, agravou as debilidades internas da sociedade soviética em um sentido geral: acelerou os efeitos desorganizadores de uma planificação feita “por cima” e aguçou as pressões internas pela liberação de todas as forças do mercado. A sociedade soviética passou a caminhar rumo à sua “hora da Verdade”.⁹³

De acordo com Meyer, a “URSS desapareceu do dia para a noite, mas seu lento processo de formação e de crise se gestou ao longo das sete décadas de sua existência”⁹⁴. Pois, se de um lado, a União Soviética “simbolizou o primeiro estado proletário que estava fora das mãos de seus trabalhadores”⁹⁵, por outro, se “erigiu como ruptura da cadeia imperialista”.⁹⁶

Meyer⁹⁷ conclui que com a hipertrofia do Estado, a presença da coação em todos os terrenos da atividade produtiva, o avanço das forças capitalistas ao menor sinal de relaxamento do sistema de vigilância, todos esses fenômenos estavam diretamente ligados a crise da economia soviética.

⁹¹ MEYER, Victor. Op. Cit., p. 32.

⁹² Idem.

⁹³ Idem, p. 33.

⁹⁴ Idem, p. 16.

⁹⁵ Idem, p. 18.

⁹⁶ Idem, p. 25.

⁹⁷ Idem, p. 33.

Por fim, a URSS e as democracias populares possuíam um sistema complexo e abrangente. Nos finais dos anos oitenta e início dos anos noventa, Gorbachev por meio da *perestroika* e da *glasnost* iniciou o processo de abertura da economia da União Soviética por meio de vários acordos políticos e econômicos com os países ocidentais, como Estados Unidos e Inglaterra. Na implantação da *perestroika* e a *glasnost*, os projetos econômicos e políticos representaram o caos social e econômico nos países do bloco soviético. Os conflitos étnicos e políticos generalizaram-se por todo o campo socialista.

Com o enfraquecimento do poder da URSS e a introdução da economia de mercado, tanto os dirigentes do partido como a oposição passaram a organizar-se no plano nacional e mobilizaram diferentes bandeiras “pró-democracia”. O colapso da URSS e das democracias populares demonstraram “a crise da transição socialista”.⁹⁸

Em termos históricos, culturais, religiosos e mesmo político-militares, o bloco soviético era um conjunto de países diferentes. A única característica que os países tinham em comum era o caminho que compartilhavam da “economia planificada” e o rumo que tomavam para a economia de mercado.

1.3. A naturalização do capitalismo a partir do colapso do bloco soviético

A partir de 1989, a naturalização do capitalismo nas páginas de *Veja* se dá por meio de diferentes matérias e reportagens sobre a queda do muro de Berlim e colapso do bloco soviético. Este subcapítulo tem como objetivo entender porque *Veja* defendeu, durante o colapso do bloco soviético, o capitalismo como única solução histórica e vencedora no fim do século XX.

O subcapítulo faz uma breve discussão teórica e bibliográfica acerca dos temas pesquisados e abordados por *Veja*, tais como: a crise do socialismo real e a naturalização do capitalismo. O debate que faremos aqui está conectado com as discussões e análises que serão feitas no capítulo dois sobre as matérias publicadas por *Veja* durante o período do colapso da URSS e das democracias populares. Para iniciarmos a discussão sobre a naturalização do capitalismo e a crise do socialismo real, a pesquisa trouxe algumas interpretações acerca do tema.

Neste texto, discutiremos o capitalismo sob a ótica de quatro autores: “O’ Capital” de Karl Marx, “Para Além do Capital”, de István Mészáros e Osvaldo Coggiola, em seu

⁹⁸ Conceito defendido por NETTO, Op. Cit.

livro “Capitalismo: Origens e dinâmica histórica”. Por fim, trouxemos a interpretação da historiadora Ellen Wood que, em “Origens do Capitalismo”, tratou de analisar a naturalização do capitalismo após o colapso do socialismo real.

O capitalismo é um “sistema determinado pelo modo de produção”⁹⁹. Mas, também é um conceito que passou a designar as formas sociais historicamente existentes para produzir e reproduzir as condições materiais de existência da sociedade capitalista. Todo processo histórico do capital é feito em conexão com o mercado e suas trocas comerciais. O capitalismo desenvolveu-se como uma sociedade de mercado. Nas palavras de Marx: “O homem coincide com a sua produção, com o que produzem e como produzem, desde o início, os indivíduos dependem de suas condições materiais e de suas produções”.¹⁰⁰

Em “O Capital”, livro I, Marx afirma que “a circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, o comércio – formam os pressupostos históricos a partir dos quais o capital emerge”¹⁰¹. Desta forma, ele explica que “o dinheiro é a primeira forma de manifestação do capital”¹⁰². Este, portanto,

Historicamente assume invariavelmente a forma do dinheiro, da riqueza monetária, dos capitais comercial. E, toda a gênese do capital, o dinheiro, será sua primeira forma de manifestação, todo novo capital entra em cena – isto é, no mercado, seja ele de mercadorias, de trabalho ou de dinheiro, como dinheiro, que deve ser transformado em capital mediante um processo determinado.¹⁰³

As formas de manifestação do capital se adaptariam conforme a complexificação das “relações capital-trabalho”¹⁰⁴. Em Lênin, por exemplo, a transformação estrutural do capitalismo trouxe como consequência algo mais complexo do que a legitimação da propriedade privada e da liberdade concorrencial. Para ele

A propriedade privada baseada no trabalho do pequeno patrão, a livre concorrência, a democracia, todas essas palavras de ordem por meio das quais os capitalistas e sua imprensa utilizam, enganam os operários e os

⁹⁹ MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas* (1845-1846). Rio de Janeiro: Boitempo, 2012, p. 33.

¹⁰⁰ Idem, p. 25.

¹⁰¹ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da economia política. O processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2012, Livro I, Vol. I, p. 289.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem, p. 290.

¹⁰⁴ Idem.

camponeses, pertencem a um passado distante. O capitalismo se transformou num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países “avançados”.¹⁰⁵

Para Marx, o capitalismo é o sistema do capital e será caracterizado pelas trocas de mercadorias, entre valores de uso e valores de troca¹⁰⁶. Por sua vez, Mészáros¹⁰⁷ afirma que o capitalismo é um sistema econômico e político sociometabólico, isto é, um sistema que se auto reproduz com formas variadas de capital, isto é

O capital e capitalismo são fenômenos distintos e a identificação conceitual entre ambos fez com que todas as experiências revolucionárias vivenciadas no século passado, desde a revolução russa até as tentativas mais recentes de constituição “societal socialista”, se mostraram incapacitadas para superar o “sistema sociometabólico do capital”.¹⁰⁸

O filósofo assinala que “o capitalismo é uma das formas possíveis da realização do capital, uma de suas variantes históricas, como ocorre na fase caracterizada pela subsunção real do trabalho ao capital”¹⁰⁹. Para Mészáros,

Existe capital antes da generalização do sistema produtor de mercadorias, do mesmo modo pode-se presenciar a continuidade do capital após o capitalismo, pela constituição do sistema do capital pós capitalistas, que teve vigência na URSS e demais países do Leste Europeu, durante várias décadas do século XX. Estes países, embora tivessem uma configuração pós capitalista, foram incapazes de romper com o sistema de sociometabolismo do capital.¹¹⁰

Para Mészáros mesmo com o surgimento de sociedades pós capitalistas do capital, o Estado seria uma exigência para assegurar e proteger permanentemente a produtividade do sistema sociometabólico do capital¹¹¹. O que ele conclui: “O capital chegou à dominância no reino da produção material paralelamente ao desenvolvimento das práticas políticas totalizadoras que dão formas ao Estado moderno”.¹¹²

Oswaldo Coggiola, no livro “Capitalismo: Origens e Dinâmica histórica” afirma que “o capitalismo é uma sociedade dominada pelo capital, é um modo de produção da

¹⁰⁵ LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 27.

¹⁰⁶ MARX, O’ Capital, Op. Cit., p. 157.

¹⁰⁷ MÉSZÁROS, Op. Cit., p.15.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Idem, p. 16.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem, p. 43.

¹¹² Idem, p. 826.

vida social que o caracteriza pelas forças produtivas que ele suscita e mobiliza, e pelas relações de produção sobre as quais se assenta”¹¹³, ou seja,

Um modo de produção no qual corresponde tanto ao nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade (meios de produção, técnicas de organização do trabalho, etc.) quanto às relações sociais que organizam as relações de trabalho (de produção).¹¹⁴

Nesta obra, Coggiola trouxe a discussão sobre a história do capitalismo, origens, fases e crises. Para o historiador, o capitalismo foi, e é, porém, objeto de controvérsias. Além disso, Coggiola afirma que “as diferentes interpretações do capitalismo a partir de Marx, Polanyi, Braudel assim como outras interpretações surgiu diversos caminhos e interpretações teóricas”¹¹⁵. O historiador assinala:

O capitalismo nasceu da apropriação da esfera da produção pelo capital substituindo os modos de produção feudais. A subordinação da produção ao capital e o aparecimento da relação de classe entre os capitalistas e os produtores devem ser considerados o divisor de águas entre o velho e o novo modo de produção, para ele, o capitalismo teve como propósito unificar o planeta tanto política como economicamente.
¹¹⁶

Para Coggiola¹¹⁷, o capitalismo deu origem a uma sociedade cujo modo de produção capitalista caracteriza a existência de indivíduos separados uns dos outros por seus interesses e desejos. Assim, durante o processo de transição do feudalismo para o capitalismo, a ascensão da burguesia reconfigurou todo o sistema de mercado e toda a política, por que

O capitalismo (o modo de produção baseado na hegemonia do capital sobre todas as outras relações sociais) não é qualquer sistema econômico dinamizado pela procura de lucro, mas só aquele baseado nas relações de produção capitalistas, no qual o lucro se origina na mais-valia extraída (extorquida) na e pela exploração da força de trabalho livremente contratada e remunerada por um salário. Diversamente das sociedades que o precederam, no capitalismo o processo de trabalho se desdobra, ou apresenta uma face dupla e contraditória: ele é, como em todas as sociedades precedentes, *processo de trabalho* (criador de valores de uso) e também, diversamente dessas sociedades, processo de valorização (criador de valor).¹¹⁸

¹¹³ COGGIOLA, Op. Cit., p. 5.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem, p. 15.

¹¹⁶ Idem, p. 13.

¹¹⁷ Idem, p. 85.

¹¹⁸ Idem, p. 16.

Ademais, o historiador ressalta que o capitalismo representou

[...] a hierarquização econômica e política dos países e a divisão internacional do trabalho. Os países adquiriram uma fisionomia específica à medida que os países entravam em contato com o mercado mundial e assumiram uma posição de dependência.¹¹⁹

Já em “Origens do Capitalismo”, a historiadora Ellen Wood empenhou-se em mostrar que “o capitalismo não foi uma consequência natural e inevitável da ‘natureza humana’ ou da antiga tendência social de comercializar e trocar”.¹²⁰

Ao contrário disso, ela explica que “o capitalismo foi um produto tardio e localizado de condições históricas muito especiais”¹²¹. Para a autora, a ideia mais difundida sobre as origens do capitalismo foi “o uso do modelo mercantil como justificativa da expansão dos mercados e da crescente mercantilização da vida econômica”.¹²²

O capitalismo nasceu da transição do sistema feudal, mas não de uma forma simples e sim de um conjunto de fatores que ocasionaram a transição de um sistema econômico, social e político para outro. Por esta razão, para Wood¹²³ a transição do feudalismo para o capitalismo não foi um movimento uniforme pois em cada região desenvolveu um tipo de capitalismo. A historiadora afirma que a naturalização do capitalismo brotou das visões deterministas de transição do feudalismo para o capitalismo e defende que essa transição para o capitalismo não foi algo homogêneo. Nas suas palavras

O capitalismo, disseminava a convicção de que não existia nem podia existir nenhuma alternativa além dele, ou seja, esta premissa está profundamente arraigada, sobretudo na cultura ocidental. É como se o capitalismo sempre tivesse sido o destino do movimento histórico, e, mais ainda, como se o próprio movimento da história tivesse sido guiado desde o início pelas “leis de movimento” capitalistas.¹²⁴

Historicamente, o capitalismo pressupõe que os indivíduos “nascem com ou sem inclinação natural para ‘comeciar, permutar e trocar’”, e que tais “[...] indivíduos

¹¹⁹ Ibidem, p. 85.

¹²⁰ WOOD, Op. Cit., p.10.

¹²¹ Idem, p. 24

¹²² Idem, p. 11.

¹²³ Idem.

¹²⁴ Idem, p. 12.

racionalmente voltados para seus próprios interesses têm-se empenhado em ato de troca desde o alvorecer da história”¹²⁵. Por isso, Wood afirma que

O colapso do comunismo pareceu confirmar aquilo em que muitas pessoas acreditavam há tempos, que o capitalismo é a condição natural da humanidade, que ele se harmoniza com as leis da natureza e as inclinações humanas fundamentais e que qualquer desvio dessas leis naturais e inclinações só poderia ocasionar um mau resultado.¹²⁶

Na concepção woodiana, a naturalização do capitalismo após o colapso do socialismo real parte da ideia que o capitalismo carrega como algo naturalizado o desenvolvimento da cidade. Assim Wood afirma que

O capitalismo desde sua origem apropria-se de algumas premissas como: mercado, oportunidade, liberdade econômica. Desde os primórdios, o capitalismo representou a oportunidade, o progresso e a civilização da humanidade. O capitalismo carrega em seu cerne o mercado, no qual sempre existirá vendedores e compradores de mercadorias.¹²⁷

Wood ressalta que “o capitalismo como conceito foi uma construção histórica a partir da consolidação da sociedade capitalista e representou um sistema constituído pela circulação de mercadorias e a acumulação de capital”¹²⁸. Para ela, o capitalismo não nasceu na cidade e sim no campo, das transformações das relações entre camponeses e donos de terras.

A naturalização do capitalismo foi e é utilizada ainda para legitimar o *status quo* do sistema capitalista como algo intrínseco da humanidade. Por fim, Wood define que, “a origem do capitalismo subentende que o seu desenvolvimento foi o resultado natural de práticas humanas quase tão antigas quanto à própria espécie e que requereu apenas a eliminação de obstáculos externos que impediam sua materialização”.¹²⁹

Por fim, os quatro autores aqui trazidos pela pesquisa tem como linha de pensamento o materialismo histórico dialético. Os teóricos possuem uma visão materialista do desenvolvimento histórico do capitalismo e uma visão dialética de transformação social da sociedade capitalista. Todos eles problematizaram ou problematizam o capitalismo durante todo o século XIX e XX com uma análise socioeconômica sobre as relações de produção, o conflito social e a luta de classes.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ Idem, p. 16

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ WOOD, Op. Cit., p. 77.

CAPÍTULO 2

REVISTA *VEJA* E A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O COLAPSO DO BLOCO SOVIÉTICO (1989-1992)

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Karl Marx

O capítulo dois tem como objetivo compreender como a revista *Veja* fez sua cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético entre os anos de 1989 e 1992. Os países denominados pela bibliografia como democracias populares¹³⁰ (Polônia, Hungria, Alemanha Oriental e entre outros) e União Soviética entraram em crise política e econômica nos finais dos anos oitenta.

Neste capítulo demonstraremos como a revista expôs e defendeu as soluções e medidas neoliberais para as democracias populares e a URSS. De acordo com Franciscón, “em seus discursos *Veja* sempre procurou traçar e prever um cenário futuro para estes países¹³¹”.

O capítulo foi dividido em seis subcapítulos: o primeiro é “*Veja* e o Leste Europeu”; o segundo “*Veja* e a liberdade condicional da Polônia”; o terceiro “*Veja* e o laboratório de reforma húngaro”; o quarto “*Veja* e a ovelha vermelha do bloco soviético”; o quinto “URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e Gorbachev”; e o sexto “*Veja*: Adeus Comunismo”. Os nomes dos subcapítulos foram extraídos de algumas frases e ideias que a própria *Veja* ironizou durante suas matérias sobre a conjuntura política e econômica dos países.

O primeiro subcapítulo tem como objetivo analisar as matérias que caracterizaram parte da Europa como Leste Europeu. As matérias de *Veja* sobre o Leste Europeu tinham notícias e reportagens que traziam resumos jornalísticos sobre os diferentes países da URSS e das democracias populares e um panorama geral de *Veja* sobre a conjuntura política e econômica da Europa.

O segundo subcapítulo aborda a Polônia, a tomada do poder polonês pelo ‘Solidariedade’ e os conflitos e acordos com o governo Jaruzelski. Além disso,

¹³⁰ OPAT, Op. Cit. Ver também: FEJTO, François. *As Democracias Populares I, II*. França: Europa-América, 1975.

¹³¹ FRANCISCON, Op. Cit., p. 08.

procuramos expor como foi a cobertura jornalística de *Veja* com relação ao processo de restauração da economia de mercado dentro da Polônia. Já o terceiro subcapítulo, aborda a Hungria e o ritmo acelerado das reformas políticas e econômicas que se encontrava o país. O país ficou caracterizado por *Veja* como o verdadeiro laboratório de reformas do bloco soviético e o exemplo para os outros países.

O quarto subcapítulo aborda sobre a Alemanha Oriental considerada pela revista “a ovelha vermelha do bloco soviético”. Tem como objetivo compreender como foi a cobertura jornalística de *Veja* durante a queda do Muro de Berlim e o processo de abertura do país para a economia de mercado

O quinto subcapítulo analisa a situação histórica da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e o papel de líder de Mikhail Gorbachev. Tanto a União Soviética como a Alemanha Oriental seriam demonstradas por *Veja* “como os países resistentes à avalanche de reformas políticas e econômicas que aconteciam dentro do bloco soviético”.¹³²

Por último, o sexto subtítulo tem como objetivo analisar como *Veja* representou o “fim do comunismo” em suas páginas. Nos finais do século XX, em *Veja*: “o socialismo real caminhava para a lata do lixo da História”¹³³. O comunismo foi considerado por *Veja* como um “regime caquético, morto e extinto”.¹³⁴

A Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e a URSS foram os países que mais tiveram matérias publicadas por *Veja*. Esses países foram os primeiros a restaurar sua economia de mercado e restabelecer definitivamente o sistema capitalista, por isso, *Veja* fez uma cobertura jornalística completa dos países.

3.1. *Veja* e o Leste Europeu

No fim do século XX, como afirmado anteriormente, a URSS e as democracias populares ficaram reconhecidos mundialmente como “Leste Europeu”. Esses países sofreram grandes transformações políticas, econômicas e sociais.

Essas transformações políticas e econômicas que ocorreram na Europa, nos anos oitenta, foram os resultados das diferentes reformas implantadas pelo líder soviético

¹³² As Ovelhas Vermelhas. *Veja*, Edição 1.074, 05.04.1989, p. 64.

¹³³ Comunismo Adeus. *Veja*, Edição 1.111, 31.12.1989, p. 104.

¹³⁴ *Idem*.

Mikhail Gorbachev dentro da União Soviética. Essas reformas ficariam conhecidas como *glasnost* e *perestroika*.

Como dissemos no capítulo anterior, ao implantarem um conjunto de reformas de caráter “liberalizante”, países como a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e alguns países das URSS procuraram, longe do campo socialista, solucionar as diferentes crises políticas e econômicas que se arrastavam dentro das democracias populares e em toda a União Soviética.

Segundo Rodrigues¹³⁵, somente a partir de 1985 o grande público ocidental tomaria conhecimento da grave crise pela qual passava a URSS, quando foi anunciado um programa de reformas econômicas e políticas. Essas reformas projetaram Gorbachev como uma personalidade mundial. A *perestroika* previa uma reconstrução econômica e a *glasnost* uma reconstrução política. Segundo Franciscon:

A *perestroika* e a *glasnost* eram objetivos mais distantes da nova liderança, que previa, de imediato, a *uskorenje*, a aceleração quantitativa da produção em termos andropovianos de cumprimento de metas e rigidez no ambiente de pesquisa. A *perestroika* era a reforma a longo prazo do parque agroindustrial do país e a *glasnost* a liberdade de expressão e informação dentro das empresas e dentro do partido.¹³⁶

De acordo com Mészáros¹³⁷, os desdobramentos em 1989 no Leste Europeu puderam ser convenientemente usados para justificar o quadro harmonioso, triunfante e saudável das perspectivas futuras do sistema capitalista. Numa perspectiva chomskiana¹³⁸, o consenso ideológico quanto a legitimidade e viabilidade de uma democracia liberal, bem como a crise do “socialismo real” tiveram como efeito a manutenção de um capitalismo hegemônico.

As contradições da URSS e das democracias populares foram ressaltadas por *Veja* durante as crises que se alastravam dentro desses países. A implantação das reformas iniciou-se na Polônia, prosseguiu na Hungria e, em seguida, levou a uma onda de manifestações políticas na Alemanha Oriental e por último na URSS. Durante a restauração da economia de mercado dentro desses países, a Romênia foi o único país que derrubou o governo violentamente e executou o seu chefe de Estado, Nicolae Ceaușescu.

¹³⁵ RODRIGUES, Robério P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p.202.

¹³⁶ FRANCISCON, Op. Cit., p. 19.

¹³⁷ MÉSZÁROS, Op. Cit., p. 349.

¹³⁸ CHOMSKY, Noam. *Fabricando el Consenso. El control de los medios masivos de comunicación*. Editado en Elche. Junio de 2005, p. 43 (Edición original: 1993).

Na cobertura jornalística de *Veja* sobre o bloco soviético, a revista demonstrou um direcionamento neoliberal. As matérias sobre a União soviética e as democracias populares centraram-se na sessão internacional, mas localizamos alguns artigos e matérias sobre os temas abordados fora desta sessão.

Nas primeiras análises sobre *Veja* e o bloco soviético, compreendemos que a revista não só construiu o seu discurso por meio da defesa e exposição de diferentes medidas neoliberais, como defendeu essas “medidas” como o único caminho a ser seguido para o desenvolvimento do capitalismo. Isto é, para cada país, *Veja* procurou expor e defender em suas páginas uma solução político-econômica capitalista.

Assim, como imprensa liberal, a revista foi e é um instrumento político-ideológico para a disseminação do pensamento único: “Não há alternativa”. A queda do muro de Berlim, a reunificação alemã e a desintegração da URSS, a partir dos anos 1990, serviram de justificativas para *Veja* defender aos seus leitores que: “o comunismo: faliu, acabou, esgotou-se. A coisa não deu certo”.¹³⁹

Como um partido neoliberal, nos anos oitenta e noventa, *Veja* tinha como projeto político-econômico o neoliberalismo e defendia medidas de restauração do capitalismo dentro da União Soviética e das democracias populares. Essas medidas, expostas nas páginas de *Veja*, giravam em torno da liberalização de créditos, privatização, circulação de capital estrangeiro e o livre-mercado.

Na *Veja*, no decorrer da crise política do bloco soviético, a revista sempre procurou relembrar e comparar dois processos históricos que aconteceram na Europa: a Revolução Russa de 1917 com o processo político e econômico que ocorreu em 1989 dentro do continente. No trecho ao qual *Veja* compara os dois processos históricos pode-se perceber que a revista faz um trocadilho com as frases.

Desde 1917 não se via algo semelhante na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Primeiro, se marcaram eleições em que se permitiu a participação de candidatos que defendessem algo diferente das diretrizes do Partido Comunista. Depois, durante a campanha foram promovidos animados comícios eleitorais, manifestações de rua e debates entre os candidatos — alguns deles até transmitidos pelo rádio.

140

Quando *Veja* afirma que desde 1917 não se fazia eleições na União Soviética, a revista associa e compara com o período da vitória da Revolução Russa com o período

¹³⁹ “Comunismo Adeus”. *Veja*: Edição: 1.111, 31.12.1989, p. 108.

¹⁴⁰ “Terremoto no Leste”. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989, p. 42.

czarista, onde não aconteciam eleições ou manifestações populares, onde não havia espaços de participações política “democrática” no sentido ocidental.

Nessa matéria, *Veja* passa a informação ao leitor que desde a vitória da Revolução Russa o país não vivia mais um processo democrático. No entanto, até fevereiro de 1917, o país vivia em um período em que o Czar Nicolau II governava de forma absoluta. Apenas, a partir de fevereiro, Czar abdica o poder e os liberais organizam um governo provisório e inicia uma revolução de cunho liberal.

Na *Veja*, a revolução liberal de fevereiro de 1917 é comparada com a *perestroika* de Gorbachev:

[...] O preço da liberdade é a eterna vigilância. “A *perestroika* foi como a revolução liberal de fevereiro de 1917. O que aconteceu em agosto de 1991 equivale a outubro de 1917”, compara Chin. “Agora, mais do que nunca, temos que lutar para preservar os frutos da nossa vitória”.¹⁴¹

Nessa matéria, *Veja* procurou demonstrar e comparar a revolução liberal de fevereiro de 1917, liderada por Kerensky, com a *perestroika* de Gorbachev de 1989. Essa revolução de fevereiro de 1917 na Rússia teve caráter democrático, liberal e burguês. A frase “o preço da liberdade é a eterna vigilância” complementa o discurso de *Veja* sobre as transformações que o bloco soviético enfrentava com a restauração da economia de mercado. Além disso, a frase “o preço da liberdade é a eterna vigilância” era do pensador franco-americano Alexis de Tocqueville, frase esta muito utilizada pela OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) durante as décadas de sessenta, setenta e oitenta.

Na transição da década de oitenta para a de noventa, as frases e os discursos de que “Não Há alternativa” ficaram cada vez mais explícitos dentro do editorial de *Veja*. Tais discursos procuravam manter e legitimar a hegemonia do capitalismo global. Essa manutenção ideológica tinha por objetivo a formação de quadros de intelectuais orgânicos em diversas áreas e investimentos em pesquisas “científicas” que pudessem formar opiniões públicas e corroborar o *status quo* do capital.

No Brasil, durante a transição dos anos oitenta e noventa, as publicações de *Veja* legitimavam um discurso anticomunista, que a revista já possuía, e a defesa de um projeto neoliberal, por exemplo, na implantação do plano Collor dentro do país.

¹⁴¹ “História nas Urnas”. *Veja*: Edição: 1.198, 04.09.1991, p. 50.

Para defender o seu discurso neoliberal, *Veja* utilizou-se de diferentes discursos, mediante a entrevista, como de vários intelectuais, chanceleres, entrevistas, economistas e professores. Isto é, *Veja* procurou trazer em suas matérias “vozes autorizadas”¹⁴² para dar veracidade e legitimidade ao que abordava sobre as democracias populares e a URSS. Outra característica que encontramos durante a pesquisa foi a construção de linhas temporais dentro dos editoriais, assim como, elementos textuais que compuseram as matérias e reportagens.

Por exemplo, as linhas temporais tinham este formato:



Figura. 1. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

Essa linha temporal apresentada aqui representa as tensões que ocorriam dentro da Iugoslávia nos anos oitenta. Cabe destacar que essas linhas temporais eram apresentadas por *Veja* sempre ao final das matérias. As linhas temporais representavam os fatos que *Veja* impunha como sendo as mais importantes sobre as crises políticas e econômicas dos países.

Nas análises, essas linhas temporais construídas por *Veja* teriam dois objetivos: o primeiro era a produção de notícias para aquele leitor que buscava uma informação

¹⁴² BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

rápida. O segundo, um recorte próprio na qual caracterizava o que de fato era mais importante para *Veja*, ou seja, linhas cronológicas que representavam a opinião da revista.

Para desenvolver nossas análises, apresentamos também ilustrações, desenhos e algumas legendas que as matérias de *Veja* trouxeram no período de 1989 a 1992 sobre os países do Leste Europeu. Além disso, junto às capas, legendas, as imagens e linhas cronológicas sobre a URSS e as democracias populares, encontramos diversas repetições do símbolo do comunismo – a foice e o martelo coberto em vermelho e também a sigla da URSS rachada:



Figura 2. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.198, 04.09.1991.



Figura 3. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

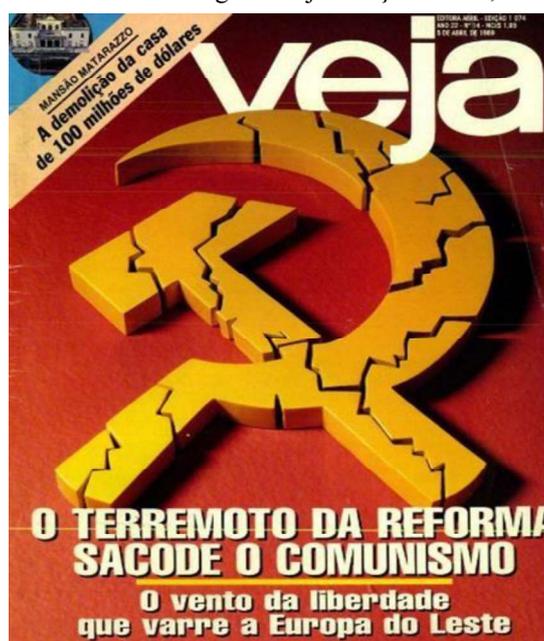


Figura 4. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

O símbolo da foice e o martelo simbolizavam mundialmente a luta dos trabalhadores e dos camponeses contra a burguesia industrial e rural. Em *Veja*, a foice e o martelo rachados simbolizavam, por sua vez, a desintegração da URSS e o fim do “socialismo real”. Outro significado que este símbolo carregava era a derrota internacional dos trabalhadores e da esquerda mundial para o capitalismo. Enfim, a foice e o martelo coberto em vermelho representavam para *Veja* um regime morrendo, sagrando, desmoronando.

Esses fenômenos políticos que ocorreram dentro da URSS e as democracias populares ficavam caracterizados por *Veja* na maior parte do tempo como fenômenos da natureza. Além disso, a desintegração da URSS e das democracias populares foram representadas por *Veja* como um “Terremoto no Leste”¹⁴³. Outros exemplos são “Primavera no Leste”¹⁴⁴ e “Paraíso Congelado”¹⁴⁵.

Estes fenômenos da natureza eram representados nos títulos e complementados pelos textos das matérias. A construção dos títulos e subtítulos evidenciou uma certa criatividade da revista com relação ao assunto:



Figura 5. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

¹⁴³ “Terremoto no Leste”, Op. Cit.

¹⁴⁴ “Primavera no Leste”. *Veja*: Edição: 1.071, 15.03.1989.

¹⁴⁵ “Paraíso congelado”. *Veja*: Edição: 1.118, 21.02.1990.

Outros exemplos de títulos e subtítulos de matérias foram os que traziam sentidos de coisas positivas dentro das democracias populares e da União Soviética, por exemplo: “Esperança do Leste”¹⁴⁶, mas também haviam títulos que expressavam os riscos dos processos políticos que ocorriam no bloco soviético como: “Comunismo em Concordata”¹⁴⁷, “Democracia Dói”¹⁴⁸, “Choque Vegetariano”¹⁴⁹, “O porão da *perestroika*”¹⁵⁰, dentre outros.

Uma certa obviedade de *Veja* na maioria dos títulos tinha o objetivo central de demonstrar e impactar o leitor sobre os conflitos que ocorriam nesta parte da Europa. Além dessas estratégias midiáticas, a revista buscou dar voz aos representantes políticos que buscavam traçar a restauração do capitalismo dentro dos seus países.

Para cada país, *Veja* destacou um representante político: por exemplo, na Polônia, Lech Walesa, na Hungria, o líder Károly Grósz e na URSS, Mikhail Gorbachev. Para *Veja*: “Gorbachev assumiu o comando para mudar os rumos da História com a sua ‘segunda revolução’, ao fim da qual é difícil imaginar o que sobrar da primeira, a de 1917”.¹⁵¹

Em *Veja*, as reformas econômicas e políticas implantadas nos países do bloco soviético foram reflexos iniciais da *perestroika* e da *glasnost*. Porém, com o aprofundamento das reformas liberais dentro das democracias populares e da URSS, iniciou-se o processo de restauração do capitalismo e com isso o desmonte da economia planificada (a economia centralizada é aquela onde os fatores de produção estão nas mãos do Estado como único agente econômico relevante).

Para compreendermos o que significou para *Veja*, o Leste Europeu, em 1989, escolhemos algumas matérias que a revista publicou entre o período de 1989 a 1992. Nessas matérias *Veja* procurava explicar esta parte da Europa e o bloco soviético. As matérias destacadas na tabela são as principais notícias sobre o Leste Europeu.

Tabela 1. Matérias sobre o Leste Europeu.

Ano	Edição de <i>Veja</i>	Seção	Título	Subtítulo
15/03/1989	1.071	Internacional	Primavera no Leste	No bloco soviético, ensaios de eleições democráticas fazem urnas florescer.

¹⁴⁶ “A esperança do Leste”. *Veja*: Edição: 1.084, 21.06.1989.

¹⁴⁷ “Comunismo em concordata”. *Veja*: Edição 1.074, 05.04.1989.

¹⁴⁸ “Democracia dói”. *Veja*: Edição: 1.129, 09.05.1990.

¹⁴⁹ “Choque vegetariano”. *Veja*: Edição: 1.216, 08. 01.1992.

¹⁵⁰ “O porão da *perestroika*”. *Veja*: Edição: 1.129, 09.05.1990.

¹⁵¹ “Comunismo Adeus”, Op. Cit., p. 106.

05/04/1989	1.074	Internacional	Terremoto no Leste	Os soviéticos infligem nas urnas uma derrota fragorosa à cúpula dirigente e avançam um passo histórico nas mudanças que sacodem comunismo.
18/10/1989	1.101	Internacional	O Bloco da mudança	A nova estação de reformas na Europa Oriental sacode a ordem estabelecida no pós-guerra, abrindo uma era de riscos e oportunidades.

Fonte: acervo digital. *Veja*.

Inicialmente, esse construto político e histórico que ocorreu em 1989, chamado de Leste Europeu, tinha como definição para a revista:

Só com o final da II Guerra Mundial — quando morreram outros 20 milhões de soviéticos nas batalhas contra o nazismo — o comunismo se instalou na Europa. E se instalou não por vontade própria, mas porque em 1945, nas conferências de Yalta e Potsdam, a URSS de Stálin e os EUA de Truman (e depois Roosevelt) dividiram a Europa em áreas de influência. Dessa divisão surgiu uma entidade geopolítica artificial, a chamada Europa do Leste, mas tremendamente palpável enquanto realidade econômica. A Europa comunista é formada hoje por nove países com mais de 150 milhões de habitantes. Junto com a URSS, são mais de 430 milhões de pessoas vivendo numa região imensa, de amplos recursos materiais, e instalados bem no meio de um terremoto político e econômico.¹⁵²

Na *Veja*, o Leste Europeu surgiu da divisão do mundo em áreas de influências e dos tratados de Teerã, Yalta e Potsdam. Esses tratados foram realizados durante a Segunda Guerra Mundial através de diversas conferências que tiveram como pauta de discussão assuntos sobre a estratégia de guerra contra o nazismo, a economia dos países participantes e o fim da Segunda Guerra Mundial.

Essas três conferências, Teerã, Yalta e Potsdam foram as responsáveis pelo início da Guerra Fria. Ao mesmo tempo em que eram realizadas essas conferências, entre os anos de 1943 a 1945, os Estados Unidos tomavam como estratégia política e econômica novos acordos econômicos, por exemplo, o acordo de Bretton Woods¹⁵³ e o Plano Marshall. A partir de 1980, o consenso de Washington surge como nova ordem mundial que pretendeu manter a hegemonia internacional norte-americana.

Em 1989, o Leste Europeu foi representado nas páginas de *Veja* como três fenômenos políticos: “Primavera no Leste, Terremoto no Leste e o Bloco da mudança”.

¹⁵² “O bloco da mudança”. *Veja*: Edição: 1.101, 18.10.1989, p. 60.

¹⁵³ CHOMSKY, Noam. Op. Cit., p. 65.

As tabelas abaixo expõem por meio dos discursos de *Veja*, ideias que classificam e qualificam cada um desses fenômenos políticos.

Tabela 2. Matérias sobre os fenômenos políticos do Leste Europeu.

<p>Primavera no Leste Veja:15/03/1989 Edição: 1.071.</p>	<p>No bloco soviético, ensaios de eleições democráticas fazem as urnas florescer. p. 42</p>
	<p>Parece difícil de acreditar que os alvoroços típicos das eleições nos regimes democráticos estejam começando, em graus diferentes, a colorir a paisagem do bloco soviético. p. 42</p>
	<p>Reivindicações democráticas, como os direitos de associação e manifestação, maior independência do Judiciário e o fim do monopólio comunista da imprensa. Extirpar hábitos antidemocráticos. p. 42.</p>
	<p>No entanto, o cenário que marcará a partir deste mês a primavera numa gorda fatia do Leste Europeu. No breve intervalo de três meses, dois países comunistas — a União Soviética e a Polônia — farão pela primeira vez disputas eleitorais com liberdade de escolha, ainda que limitada, enquanto em um terceiro, a Hungria, novos partidos brotam como cogumelos, alentados por uma auspiciosa abertura política que culminará também em eleições, no prazo de dois anos. p. 42</p>
<p>Terremoto no Leste Veja:05/04/1989 Edição: 1.074</p>	<p>O terremoto da reforma que sacode o comunismo. O vento da liberdade que varre a Europa do Leste. p. 42.</p>
	<p>Os soviéticos infligem nas urnas uma derrota fragorosa à cúpula dirigente e avançam um passo histórico nas mudanças que sacodem o comunismo. p. 42.</p>
	<p>O comunismo antes das reformas que vêm mudando sua face. p.42.</p>
<p>Bloco da mudança Veja:18/10/1989 Edição: 1.101</p>	<p>A nova estação de reformas na Europa Oriental sacode a ordem estabelecida no pós-guerra, abrindo uma era de riscos e oportunidades. p. 60.</p>
	<p>O bloco do Leste, que Brejnev ajudou a manter na linha através da doutrina batiza com o seu nome, pela qual os tanques soviéticos entravam em ação sempre que a "unidade do comunismo" era ameaçado, está de pernas para o ar. Impulsionadas pelo vendaval de abertura na própria União Soviética, as mudanças se sucedem em ritmo cada vez mais vertiginoso. p. 60</p>
	<p>O que se chama de bloco oriental é uma ligação artificial, uma aliança híbrida imposta a partir da conferência de Ialta. A crise da Europa se: concentra em sua divisão e agora temos uma oportunidade sem precedentes de criar uma Europa unida. p. 60</p>

O processo de restauração do capitalismo dentro do Leste Europeu, na *Veja*, ficou marcado, inicialmente, pelas primeiras “eleições livres” que aconteciam nos países. A “Primavera no Leste” foi representada como os “primeiros ensaios democráticos”, isto é, as eleições simbolizariam o florescimento da democracia dentro dos países. O Leste

Europeu, na defesa de *Veja*, estaria experimentando pela primeira vez a “primavera nas urnas”¹⁵⁴, logo, os países sentiriam “os tremores de uma avalanche política”.¹⁵⁵

A idealização de uma democracia burguesa representada pelo voto era ressaltada em *Veja* como o “Terremoto no Leste”. Este terremoto político em suas páginas simbolizava os abalos das estruturas socialistas. Portanto, para a revista esses países localizavam-se dentro de um “terremoto político e econômico”.¹⁵⁶

As diferentes derrotas que os líderes soviéticos teriam enfrentado nas eleições em 1989, seriam a demonstração evidente das novas mudanças políticas e econômicas dentro da URSS e dos países do Leste Europeu:

Por fim, no domingo da semana passada, dia 26, 180 milhões de soviéticos foram as urnas para, através do voto, afirmar o que pensam do governo comunista e da política de abertura do presidente Mikhail Gorbachev e dos que, pela direita ou pela esquerda, se opõem ao ritmo da *glasnost*. Os resultados foram acachapantes: não houve figurão do Partido Comunista que não amargasse derrotas humilhantes. Em todos os cantos do país, a situação de Moscou se repetiu, vitimando generais, almirantes, chefes regionais do PC e dirigentes da KGB, o sinistro e temido serviço secreto soviético. Os eleitos, por sua vez, foram opositores de longa data, dissidentes que até há pouco estavam na cadeia, representantes de minorias nacionais, candidatos que defenderam o pluripartidarismo ou os "pobres". Até nos lugares em que só concorriam os candidatos oficiais do governo houve derrotas humilhantes.¹⁵⁷

A democracia aparece nas páginas de *Veja* como a hegemonia do capitalismo. As eleições nas páginas demonstravam a falência do socialismo real: “a nova estrutura política ainda terá de avançar muito até merecer a etiqueta de democrática”¹⁵⁸. Em outra passagem, lemos a seguinte posição assumida pela revista:

Uma importante parcela do partido reluta em abandonar um modelo de sociedade que ainda hoje exerce poderosa atração, em particular para os países do Leste Europeu que tentam se livrar das ruínas do socialismo estilo soviético e, quase invariavelmente, apontam a mistura de democracia com segurança social oferecida pela Suécia como a receita ideal.¹⁵⁹

¹⁵⁴ “Primavera no Leste”, Op. Cit., p. 42.

¹⁵⁵ “Terremoto no Leste”, Op. Cit., p. 42.

¹⁵⁶ Idem, p. 44.

¹⁵⁷ “Terremoto no Leste”, Op. Cit.

¹⁵⁸ “Primavera no Leste”. Op. Cit.

¹⁵⁹ “Paraíso Congelado”, Op. Cit., p. 48.

As eleições no bloco soviético foram caracterizadas nas páginas de *Veja* como a *Escola da Democracia*¹⁶⁰. Para a revista, esta “escola” representava o exercício da cidadania e da soberania popular. Neste sentido, as eleições apareciam como resultados “indiscutíveis” dos avanços das reformas liberais dentro do Leste Europeu.

Aliás, na maioria das vezes, a democracia também aparece em suas páginas como sinônimo de pluralismo político e liberdade econômica. As “eleições livres” tinham como objetivo manter as regras do jogo, isto é, a restauração do capitalismo dentro desses países. Por isto, para *Veja* nada era mais “democrático” do que manter “eleições livres” que pudessem eleger “representantes legítimos”.

Todavia, à medida que as reformas liberais foram avançando dentro das democracias populares e da União Soviética, a revista começou a publicar e defender a posição de que as medidas eram reformistas e que não levariam a nenhuma ruptura com o “comunismo”. Para *Veja*, “as eleições não foram nem livres nem ameaçam o monopólio do poder do Partido Comunista”.¹⁶¹

Na cobertura jornalística sobre o Leste Europeu, a tática usada por *Veja* foi a de utilizar certas ideias e frases concernentes à literatura marxiana e marxista acerca do comunismo e do socialismo como instrumentos político-ideológicos de crítica às experiências socialistas do Leste Europeu.

A revista declarava que tudo aquilo que os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels tinham afirmado sobre o capitalismo, agora o socialismo estava enfrentando: “Todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar, tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado”. Na Europa comunista tudo que era sólido se desmanchava no ar e tudo se transformava no seu contrário.¹⁶²

Essa frase utilizada por *Veja* foi retirada do “Manifesto do Partido Comunista”¹⁶³, publicado em 1848. Para fazermos uma comparação entre o trecho publicado por *Veja* e as análises dos filósofos sobre a burguesia em seu manifesto político, citamos um trecho do livro no qual Marx e Engels defendiam que

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção, e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa subversão continua da

¹⁶⁰ “Terremoto no Leste”, Op. Cit., p. 43.

¹⁶¹ Idem, p. 44.

¹⁶² “Terremoto no Leste”, Op. Cit., p. 44.

¹⁶³ MARX, Karl & ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.

produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com o seu cortejo de concepções de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens.¹⁶⁴

Essa parte do livro demonstra o que Marx e Engels defendiam sobre a ascensão da burguesia e o seu papel revolucionário durante a transição do feudalismo para o capitalismo. O “Manifesto do Partido Comunista” era um texto político que procurou interpretar como a burguesia tinha ascendido e transformado todas as relações sociais dentro do modo de produção capitalista.

O trecho publicado por *Veja* tinha como intuito postular o seguinte: se, por um lado, o capitalismo poderia se transformar no seu contrário, por outro, o comunismo poderia se tornar antiquado, ou seja, “tudo o que era sólido se desmancha no ar¹⁶⁵”. Nessa matéria, as frases do manifesto político de Marx e Engels vem com o significado inverso do que os filósofos defendiam sobre o modo de produção capitalista. Ou seja, as frases foram indiscriminadamente recortadas e isoladas do seu contexto de publicação.

Em seguida, o Leste Europeu seria demonstrado por *Veja* como o “bloco da mudança”¹⁶⁶. Esse bloco seria chamado pela revista de “bloco soviético”, “bloco comunista” e “bloco oriental”. Ora esse bloco simbolizava para *Veja* um conjunto de países que surgiu após a conferência de Yalta, ora ele representava um grupo de países que buscava mudanças econômicas e políticas em 1989. Assim, a revista afirmava:

Os dois fatos revelam o lado sombrio das mudanças que agitam o Leste Europeu: ao mesmo tempo em que abriu as portas do antigo bloco comunista para a democracia, a *perestroika* destampou também o porão onde estavam confinados os fantasmas seculares do racismo, do antissemitismo e da xenofobia nacionalista.¹⁶⁷

Em meio a todo a crise econômica e política dentro dos países do bloco soviético, *Veja* levantava problemas que as democracias populares e a União Soviética poderiam encarar com a restauração da economia de mercado.

¹⁶⁴ Idem, p. 43.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ “O bloco da mudança”, Op. Cit. p. 60.

¹⁶⁷ “O porão da perestroika”, Op. Cit., p. 42.

O resultado da restauração do capitalismo nas democracias populares era que “o bloco soviético avançou em passo acelerado para o museu da História”¹⁶⁸. O Leste Europeu “já fazia parte de um passado remoto e os rumos traçados pelos países não tinham mais volta para o comunismo”¹⁶⁹. Além disso, ela defendia que “no Leste Europeu após a II Guerra, a própria União Soviética se torna a cada dia mais distante da ‘ditadura do proletariado’ fundada por Lênin em 1917”¹⁷⁰. O que legitimava a revista a afirmar: “Os países do Leste estão adotando reformas econômicas em cuja base estão os preceitos da economia de mercado”¹⁷¹, concluindo que “O Leste Europeu não transitará sem tropeços para a economia de mercado”.¹⁷²

Cada país foi representado por *Veja* com suas especificidades e particularidades político-econômicas. Para compreendermos a totalidade do processo político que ocorreu dentro das democracias populares e da União Soviética em 1989, analisaremos como a revista defendeu e representou este processo de restauração do capitalismo dentro de alguns países do Leste Europeu, como a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e a União Soviética.

3.2. *Veja* e a liberdade condicional da Polônia

Entre os anos de 1945 e 1989, o contexto político e histórico polonês apresentou duas novas frações de classe, uma nova elite liberal¹⁷³ e um amplo movimento popular de trabalhadores industriais. A Polônia, ao mesmo tempo em que participava do “Pacto de Varsóvia”¹⁷⁴ continuou mantendo relações comerciais com os seus vizinhos ocidentais.

¹⁶⁸ “O bloco da mudança”, Op. Cit.

¹⁶⁹ “Um museu para o stalinismo”. *Veja*: Edição: 1.112, 10.01.1990, p.102.

¹⁷⁰ *Idem*, p.102.

¹⁷¹ “O Fim do Totalitarismo”. *Veja*: Edição: 1.106, 22.11.1989, p. 5.

¹⁷² “O bloco da mudança”, Op. Cit., p. 61.

¹⁷³ Conceito defendido na tese de doutorado de: ARANTES JR., Abelardo. *A passagem do neoestalinismo ao capitalismo liberal na União Soviética e na Europa Oriental*. Brasília: FUNAG (Fundação Alexandre Gusmão), 2015.

¹⁷⁴ O Pacto de Varsóvia (Tratado de Assistência Mútua da Europa Oriental) era uma aliança militar liderada pela URSS para defender os regimes socialistas. Foi formada em 1955, integrando República Democrática Alemã, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária e Albânia, além da União Soviética. As tropas do Pacto de Varsóvia também serviram aos interesses soviéticos para manter a hegemonia sobre os países de seu bloco, esmagando revoltas como a da Hungria (1956) e da Tchecoslováquia (1968), episódio que ficou conhecido como “Primavera de Praga”. WOLFGANG BENZ, Hermann. *El Siglo XX: Europa después de la Segunda Guerra Mundial (1945-1982)*. España, Mexico, Argentina: Editora: Siglo Veintiuno, 1997, Vol. 2, p. 55.

O país foi considerado por *Veja* em “liberdade condicional”¹⁷⁵. Essa liberdade à qual a revista se referia era uma das consequências das reformas liberais implantadas dentro do país. No desenrolar dos anos de crise dentro das democracias populares e da URSS, ela publicou diferentes matérias, reportagens, notas e a “Carta ao Leitor” a respeito desses países. Sobre a Polônia, por exemplo, a maioria das matérias publicadas referia-se aos conflitos e negociações ocorridos entre o governo polonês de Jaruzelski e o sindicato ‘Solidariedade’.

Na Polônia, a medida neoliberal que *Veja* defendia era a subida do ‘Solidariedade’ ao poder. Portanto, a problemática girava em torno de algumas questões-chave: como a revista apresentaria o ‘Solidariedade’ como uma saída capitalista? De que modo caracterizaria os acordos políticos e econômicos entre o sindicato e o governo polonês durante o processo de restauração do capitalismo. E por qual via defenderia, em 1989, a restauração do capitalismo polonês?

Desde o início, a Polônia foi demonstrada como um exemplo a ser seguido pelos países do bloco soviético. *Veja* afirmava: “A situação inédita para os poloneses, é observada com atenção pelos demais países do Leste Europeu, que também começam a trilhar a estrada do liberalismo econômico e político”.¹⁷⁶

O processo de restauração do capitalismo dentro da Polônia iniciou com a subida do ‘Solidariedade’ ao poder e a derrota dos líderes poloneses nas urnas. Em *Veja*, para restaurar a economia de mercado e superar o “comunismo” os países teriam que destruir todos os obstáculos socialistas, casos da produção coletiva e do partido único. Assim se posicionava a revista ao afirmar: “A propriedade coletiva dos meios de produção foi o maior erro do socialismo”.¹⁷⁷

Os discursos de *Veja* giravam em torno de uma tríade: “Capitalismo- Democracia- Liberdade”¹⁷⁸. Esses conceitos vinham conectados um ao outro no interior da revista, isto

¹⁷⁵ “Polônia. Mão Estendida”. *Veja*: Edição: 1065, 01.02.1989, p. 41.

¹⁷⁶ “Polônia, ano zero”. *Veja*: Edição: 1.124, 04.04.1990, p. 38.

¹⁷⁷ “Comunismo em concordata”. *Veja*: Edição 1.074, 05.04.1989, p. 53.

¹⁷⁸ Esses conceitos remetem a uma expressão de ideias que era defendida por Milton Friedman. O papel do capitalismo na organização da maior parte da atividade econômica por meio da empresa privada opera num mercado livre - como um sistema de liberdade econômica e condição necessária à liberdade política. O papel que o governo deve desempenhar numa sociedade dedicada à liberdade é contando principalmente com o mercado para organizar sua atividade econômica. A organização econômica desempenha um duplo papel na promoção de uma sociedade livre. De um lado, a liberdade econômica é parte da liberdade entendida em sentido mais amplo e, portanto, um fim em si própria. Em segundo lugar, a liberdade econômica é também um instrumento indispensável para a obtenção da liberdade política. FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 01-04 (University of Chicago Press, Estados Unidos, 1962).

é, não poderia existir liberdade política sem liberdade de mercado, assim como não poderia existir democracia sem propriedade privada.

Para a revista, o ‘Solidariedade’ tornou-se o símbolo de resistência dos trabalhadores industriais contra o governo de Jaruzelski. Neste sentido, o sindicato passava a representar a “sociedade civil” polonesa.

Dentro da Polônia o ‘Solidariedade’¹⁷⁹, liderado por Lech Walesa, representava os trabalhadores e os operários de fábricas. No início da década de oitenta, aquele sindicato havia iniciado a luta pelo direito à greve e à legalização do sindicato independente e auto-gestionário. Para analisarmos o processo histórico e político polonês utilizamos as seguintes matérias:

Tabela 3. Matérias sobre a Polônia

Ano	Edição de Veja	Seção	Título	Subtítulo
01/02/1989	1.065	Internacional	Polônia	Mão estendida. Governo e Solidariedade aceitam negociar
05/04/1989	1.074	Internacional	Comunismo em concordata	Na Polônia, a crise e a decadência do regime forçam o governo a negociar com solidariedade e a fazer concessões
23/08/1989	1.093	Internacional	O impossível acontece	Numa guinada inédita, o regime comunista polonês, derrotado pela crise e pelos votos, é forçado a entregar o governo ao Solidariedade.
21/02/1990	1.118	Internacional	Polônia. Choque amargo	Dias difíceis no regresso ao capitalismo
04/04/1990	1.124	Internacional	Polônia, ano zero	O primeiro país do Leste Europeu a desbancar o comunismo experimenta as vantagens e as dores da transição para a economia de mercado.

Fonte: acervo digital. Veja.

A Polônia experimentava um contexto histórico-político de disputas e acordos políticos realizados entre o governo polonês de Jaruzelski e o ‘Solidariedade’. Estas disputas e acordos de poder tomaram uma expressão política dentro do país e foram captados por *Veja* ao afirmar que a decisão resultou na “maior concordata comunista na História da Polônia”.¹⁸⁰

¹⁷⁹ “A democracia de Solidarnosc (Solidariedade) correspondia a democracia dos conselhos operários: elegibilidade e revogabilidade de todos os órgãos de direção, responsabilidade perante as bases, mandato imperativo e o referendo, consultas, poder das organizações regionais através das assembleias gerais de delegados, ampla informação na imprensa sindical, publicação sistemática das atas de reunião da direção nacional, emprego de técnicas de telecomunicação”. NASCIMENTO, Claudio. *O ciclo das lutas auto-gestionárias, no leste europeu*. [s.n.t]

¹⁸⁰ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

Os acordos entre o ‘Solidariedade’ e Jaruzelski foram vistos pela revista como políticas reformistas. Uma das primeiras matérias sobre a Polônia, em 1989, publicada por *Veja* foi sobre estes acordos políticos: “Polônia a mão estendida. Governo e Solidariedade aceitam a negociar”¹⁸¹. Essa matéria apresentava as manifestações políticas polonesas de acordo com a posição neoliberal assumida por *Veja*.

A maioria das manifestações políticas que ocorreram durante os anos oitenta na Polônia foi realizada nas ruas de Gdansk e caracterizava o movimento sindical dos trabalhadores poloneses. Em 1989, particularmente, o ‘Solidariedade’ tomou as ruas de Gdansk, e a Polônia virou palco de uma luta pacífica entre o sindicato e o governo polonês. Se, por um lado, aquele sindicato lutava pelo direito à representação, por outro, o governo polonês defendia o seu monopólio no poder.

Assim como nos outros países da União Soviética e das democracias populares, nas páginas de *Veja* o sistema econômico-político que existia na Polônia era caracterizado pela revista como um “regime estagnado”¹⁸². Neste panorama de crise política polonesa, *Veja* sempre demonstrou o líder Jaruzelski¹⁸³ amenizando a todo momento os conflitos entre governo e os trabalhadores por meio de acordos e concessões políticas.

O ‘Solidariedade’ ficou conhecido como um sindicato de oposição ao governo polonês. Para *Veja* representava “o primeiro sindicato independente do mundo comunista”¹⁸⁴. Nesta época, a revista publicou matéria na qual dizia que o sindicato enfrentava a ilegalidade: “Os líderes sindicais foram presos, o Solidariedade viu-se constringido à ilegalidade”.¹⁸⁵

A expressão política conquistada pelo ‘Solidariedade’ foi reconhecida pelo tamanho que o movimento sindical alcançou em toda a década de 1980 e de como ele se apropriou de todas as pautas que os trabalhadores industriais reivindicavam contra o governo polonês. O surgimento desse movimento sindical dentro da Polônia foi o resultado do avanço das reformas liberais implantadas por Gorbachev dentro da URSS. Essa onda de reformas econômicas e políticas provocou o avanço político do sindicato dentro da Polônia. Assim, o aprofundamento da *perestroika* e da *glasnost* e o relaxamento

¹⁸¹ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit., p. 41.

¹⁸² *Ibidem*.

¹⁸³ Wojciech Witold Jaruzelski foi um líder político-militar na Polônia que ocupou os cargos de primeiro-ministro (1981-1985), chefe do conselho de Estado (1985-1989) e Presidente da Polônia (1989). Entre 1968 e 1981, Jaruzelski tornou-se chefe do governo e secretário do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polaco. Utilizou o Estado de exceção para reprimir o sindicato ‘Solidariedade’ em dezembro de 1981 e requisitou a prisão dos líderes do movimento, incluindo Lech Walesa.

¹⁸⁴ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁸⁵ *Idem*.

do controle propiciado pelas reformas abriu caminho para que ocorressem manifestações de descontentamento não só dentro das democracias populares como também dentro da União Soviética.

O movimento sindical ganhou uma maior repercussão nacional e internacional. Isso ocorreu porque houve maior participação política dos trabalhadores e operários dentro das manifestações políticas que ocorriam na Polônia. Assim, à medida que a luta avançava, o ‘Solidariedade’ pressionava para a implantação de reformas políticas e econômicas dentro do país. Para contrapor a visão simplificadora de *Veja*, citamos Arantes quando aponta que

Durante a transição do capitalismo, Jaruzelski e Walesa pareciam ter papéis trocados: o primeiro com a sua origem entre proprietários da antiga Polônia, defendia o monopólio neostalinista do poder, ao passo que o segundo, de família de trabalhadores e ele mesmo um operário, contribuiu decisivamente para derrubar o suposto. Na verdade, ambos terminaram por ter um papel semelhante, visto desde o início do poder estalinista na URSS: um dirigente da nomenclatura oscila entre o monopólio do poder burocrático e o retorno ao capitalismo, e ao dar o passo final junta suas forças as de um dirigente saído dos meios operários, porem a caminho de ser cooptado pelo poder.¹⁸⁶

O líder do ‘Solidariedade’, Lech Walesa, se tornaria para a revista um representante legítimo das massas na Polônia. Já Jaruzelski se tornaria um líder ilegítimo e um general com “punho de ferro”.¹⁸⁷

Em meio ao avanço das lutas travadas pelo ‘Solidariedade’¹⁸⁸, o sindicato foi interpretado por *Veja* como peça fundamental para a implantação de reformas liberais durante o governo polonês de Jaruzelski, isto é, via naquele sindicato um parceiro político do governo polonês no sentido das reformas. Na medida em que as manifestações do sindicato contra o governo intensificavam-se nas ruas, o ‘Solidariedade’ pressionava a volta à legalidade. *Veja* assim se posicionava:

O movimento não só resistiu como se mostrou um parceiro indispensável à nova política reformista de Jaruzelski, que defende a

¹⁸⁶ ARANTES JR., Op. Cit., p. 311.

¹⁸⁷ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁸⁸ “O Solidariedade ficaria conhecido como um sindicato moderado tendo como referência o princípio da autolimitação em que o movimento se baseou desde o início, o sindicato não procurava tomar o poder ou derrubar o sistema [...] O Solidariedade rejeitava o caminho da revolução violenta e estava constantemente a pressionar o governo para iniciar conversações e chegar a um acordo que respeitasse as exigências dos dois lados”. SKÓRZYNSKI, jan. *A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética. Relações Internacionais*, março de 2012, p. 72. Artigo disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n33/n33a06.pdf>. Acesso: 12.01.2016.

introdução gradual do pluralismo como o primeiro passo para uma "transformação radical e irreversível de nossa sociedade".¹⁸⁹

Uma das estratégias adotadas por Jaruzelski e sublinhada por *Veja* durante os conflitos entre governo e o sindicato foi o reconhecimento do ‘Solidariedade’ enquanto um parceiro indispensável nos “novos” rumos do país: “O governo precisa de um parceiro para dividir a responsabilidade pelas medidas duras que terá de adotar”.¹⁹⁰

Esse “novo parceiro”, segundo a revista, amenizaria os conflitos do governo polonês com os trabalhadores industriais, e seria a mola mestra das reformas políticas e econômicas a serem implantadas por Jaruzelski. Nos termos de *Veja*:

Jaruzelski convencia seu governo que sem um acordo com a oposição, mesmo as mudanças mais radicais na economia — como a recém aprovada lei de privatizações, que abre o país ao capital estrangeiro e dá rédeas livres à criação de empresas particulares — estarão igualmente condenadas ao fracasso (...). “Jaruzelski: o general reconhece a força do Solidariedade e procura a aproximação com Walesa”.¹⁹¹

Com o descrédito do governo polonês em 1989, Jaruzelski reconhece o ‘Solidariedade’ como uma importante expressão política dentro do país. Para a revista, corroborando com a decisão do líder do governo, o sindicato teria maior legitimidade perante os trabalhadores, mais do que o próprio Jaruzelski. Para *Veja*, o “‘Solidariedade’ foi o primeiro sindicato livre da cortina de ferro”¹⁹². E afirmava:

Liberdade condicional — Mais do que pela vontade de Jaruzelski, a guinada de 180 graus se explica pela impotência do governo polonês diante do sombrio panorama de uma economia estagnada, com a inflação em disparada, os salários reais em queda livre e filas para se comprar praticamente tudo, de leite em pó a pasta de dentes.¹⁹³

O fim dos subsídios, que teoricamente deveria melhorar o crônico desabastecimento do país, ao aproximar os preços da realidade, simplesmente não funcionou. A seu favor, o Solidariedade tem um crédito de confiança, inacessível ao Partido Comunista, para propor um pacto social através do qual a maioria da população aceitaria fazer mais sacrifícios ainda, em troca de uma melhoria, nada garantida, no futuro.

¹⁹⁴

¹⁸⁹ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁹⁰ “Primavera no Leste”, Op. Cit.

¹⁹¹ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁹² “Duelo de gigantes”. *Veja*: Edição: 1.152, 10.05.1990, p.198.

¹⁹³ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁹⁴ “O Impossível acontece”. *Veja*: Edição: 1.093, 23.08.1989, p. 51.

O reconhecimento político do ‘Solidariedade’ como representante dos trabalhadores poloneses por parte de Jaruzelski, foi analisado por *Veja* como uma possível tentativa de cooptação do sindicato para o lado do governo polonês. O acordo proposto por Jaruzelski ao ‘Solidariedade’ para voltar à legalidade política apareceu nas páginas de *Veja* da seguinte forma:

Prova disso são as condições, formuladas em termos propositalmente ambíguos, para que a Solidariedade recupere sua existência legal. "Eles terão de respeitar as leis do Estado socialista", sublinhou Jaruzelski [...] Cautelosa, a direção do Solidariedade respondeu na mesma Linguagem, ressaltando que se compromete a agir "de acordo com a ordem legal e com o estatuto de nosso sindicato". A ambiguidade se explica, em parte, pelo justificado temor de que, por trás da mão estendida de Jaruzelski, exista a intenção de cooptar o Solidariedade.¹⁹⁵

Nesse mesmo ano, o governo aproximou-se do ‘Solidariedade’. Tal aproximação resultaria, como afirmado anteriormente, na “maior concordata comunista da história do país”.¹⁹⁶

Uma matéria de abril de 1989 intitulada “Comunismo em concordata. A crise e a decadência do regime forçam o governo a negociar com o Solidariedade e a fazer concessões”¹⁹⁷, trazia em suas páginas uma afirmação categórica sobre a concordata polonesa, ao reconhecer que foi “O mais abrangente acordo da história recente do país entre o governo e os trabalhadores”.¹⁹⁸

Na *Veja*, a Polônia só enfrentava esses problemas econômicos e políticos porque o governo de Jaruzelski enfrentava o descrédito político e a falta de legitimidade perante as massas dos trabalhadores. A única solução que a revista previa era um acordo entre as partes – Solidariedade e Jaruzelski. A revista afirmava ainda que a concordata polonesa “era a última chance de se salvar da falência e, às vezes, o caminho mais curto para se chegar a ela”.¹⁹⁹

Veja defendia que a Polônia era “entre todos os países do bloco soviético, que se admitia da maneira, mais ampla, indisfarçável e aberta o fracasso do comunismo”²⁰⁰. De certo modo, para a revista, a “concordata” simbolizava o início das soluções políticas e econômicas polonesas.

¹⁹⁵ “Polônia. Mão Estendida”, Op. Cit.

¹⁹⁶ “Comunismo em concordata”, Op. Cit., p. 53.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ Ibid.

Por outro lado, a revista não postava credibilidade nos acordos políticos realizados entre governo polonês e o sindicato. Para ela, os acordos poloneses não levariam à ruptura das “bases socialistas” existentes no país, mas tão somente reformas superficiais: “Em nenhum outro país comunista as chances de que as reformas deem certo são tão magras como na Polônia”.²⁰¹

O que isto significava? Para *Veja*, a tal “concordata polonesa” fora resultado das múltiplas pressões feitas pelo ‘Solidariedade’ durante toda a década de 1980 e início dos anos 1990. Neste ângulo, a concordata aceita por Jaruzelski se apresentava como uma forma de manter seu governo intacto dentro da Polônia. O líder do governo, durante as eleições polonesas, foi representado por *Veja* como um sujeito que buscava obter votos e manter-se no poder dentro da Polônia. Nos termos da revista:

Wojciech Jaruzelski, que foi o braço forte da Polônia durante os anos de ascensão do Solidariedade e, hoje, a dividir os papéis principais no jogo do poder no país. Há semanas, para eleger-se presidente, o comunista Jaruzelski teve de mendigar votos entre as alas não comunistas do Parlamento polonês, tendo como um dos interlocutores o inimigo do passado, Lech Walesa.²⁰²

A concordata polonesa demonstrada por *Veja* resultou na

Volta das eleições livres para o parlamento. Deverá existir uma câmara sob o habitual comando do partido, mas será criado um Senado aberto a qualquer candidato, onde a oposição pode conquistar a maioria. O poder real continua nas mãos do Partido Comunista. Abre-se, no entanto, uma brecha na fortaleza.²⁰³

O resultado maior das eleições foi a derrota de diferentes líderes comunistas nas urnas. A matéria intitulada: “O impossível acontece. Numa guinada inédita, o regime comunista polonês, derrotado pela crise e pelos votos, é forçado a entregar o governo ao Solidariedade”, parecia representar este “novo” cenário²⁰⁴. Contudo, *Veja* ponderava: “Apesar da humilhante derrota nas urnas, os comunistas consideravam-se garantidos”.²⁰⁵

Num outro ângulo de análise, a derrota dos líderes comunistas poloneses nas urnas contra o ‘Solidariedade’ foi vista por *Veja* como uma “Façanha Inédita”²⁰⁶. As eleições, para a revista, tornaram-se os primeiros resultados da “concordata comunista” e o crescimento da oposição do ‘Solidariedade’ dentro do país.

²⁰¹ “Comunismo em concordata”, Op. Cit., p. 53.

²⁰² Ibid.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ “O Impossível acontece”, Op. Cit., p. 48.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ “O Impossível acontece”, Op. Cit., p. 48.

Um dos elementos que *Veja* visava para atacar o comunismo era a falta de eleições no país. Para a revista, elas representariam a principal referência política para a via democrática vista, até então, como exclusiva do capitalismo. O processo eleitoral polonês foi caracterizado como uma novidade absoluta e exemplo cristalino de “soberania popular” – a ponto da revista afirmar categoricamente que o resultado das eleições demonstrava que os poloneses “não queriam mais o comunismo”.²⁰⁷

Em suas páginas, *Veja* afirmava que essa “façanha” política significava uma Polônia que “começava a transpor um abismo histórico rumo a uma meta inimaginável até recentemente. O que está em jogo na Polônia de hoje é nada menos que a desmontagem do aparato comunista entrincheirado no poder”.²⁰⁸

A influência do stalinismo nos países-satélites fez com que *Veja* recordasse em outra matéria que, se Stálin tivesse vivo, essa façanha política “nunca” teria acontecido. A revista argumentava que a impossibilidade surgiu, paradoxalmente, das possibilidades de “nuncas”:

A sucessão de "nuncas" aberta por essa possibilidade é impressionante. Exceto pelos fugazes governos de coalizão instalados na própria Polônia e em outros países da Europa depois da II Guerra, nunca o bloco de nações sob a esfera de influência da União Soviética teve algum governo não dominado pelos diversos partidos comunistas. Nunca nenhum desses partidos foi forçado a abrir mão do monopólio do poder. E nunca se imaginou que isso fosse acontecer tão rapidamente, na Polônia ou em qualquer outro dos países socialistas que vivem atualmente em ritmo de ebulição, desde a URSS até a Hungria.
209

Além disso, *Veja* defendia que

Em nações que há pouco tempo eram chamadas de satélites de Moscou e que várias vezes foram esmagadas por tanques de guerra quando ensaiaram alguns movimentos de independência, nunca se sabe até onde levará uma guinada democrática como a observada neste momento na Polônia.²¹⁰

Essa sucessão de “nuncas” representava uma nova mudança política e econômica dentro da Polônia. Ainda, o processo da restauração da economia de mercado dentro do país era visto desta forma por *Veja*:

²⁰⁷ Idem, p. 49.

²⁰⁸ Idem, p. 48.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibid.

Não era fácil esse processo de desmontagem de um regime, num sentido amplo da palavra, e de parto da democracia para os padrões de seu atribuladíssimo passado, a Polônia viveu à beira do abismo, e nada garante que já tenha dado um passo definitivo para trás.²¹¹

Se a Polônia estava em um caos econômico e político dentro do comunismo, para *Veja* “a restauração do capitalismo polonês nada garantia um futuro melhor para os poloneses”²¹². No processo final de restauração do capitalismo polonês, em fevereiro de 1990, a revista publicou uma nota que se referia sobre o “Choque amargo”²¹³ ao qual enfrentava o país.

Nesta nota, *Veja* mostrava que durante este processo político-econômico, o país passou por “dias difíceis para o regresso ao capitalismo”²¹⁴. Os primeiros efeitos da terapia de choque foram o aceleração da restauração do capitalismo dentro do país e o aumento das dificuldades econômicas e políticas enfrentadas pelos trabalhadores poloneses. Assim, a revista afirmava:

Decidido a operar essa virada inédita na História — colocar, a toque de caixa, um país de economia centralizada nos trilhos do capitalismo —, o governo dirigido pelo sindicato o Solidariedade adotou uma terapia de choque que desde o dia 1º de janeiro a fim de controlar uma hiperinflação quase de 1000% em 1989 e pavimentar o caminho para a economia de mercado. Os efeitos colaterais do choque afetam principalmente o nível de vida da população. Sem a maquiagem dos subsídios estatais, os preços dispararam: o quilo de açúcar, que custava 2 600 zlotis em 31 de dezembro, era vendido, quinze dias depois, a 8 200 zlotis. “Temos agora preços europeus e salários africanos”, ironizou Mieczyslaw Wilczek, ex-ministro do regime comunista, já convertido à iniciativa privada, onde atua como fabricante de rações para animais.

²¹⁵

A terapia de choque²¹⁶ fora a implantação de um projeto neoliberal dentro da Polônia aplicado pelo ministro Balcerowicz no final dos anos oitenta. Esse Plano de Balcerowicz foi apresentado por *Veja* como uma receita a ser seguida:

²¹¹ “O Impossível acontece”, Op. Cit., p. 48.

²¹² “Polônia, ano zero”, Op. Cit.

²¹³ “Choque amargo”, Op. Cit., p. 49.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ “Os dirigentes polacos resolveram chamar economistas estrangeiros para elaborar uma nova política econômica. Jeffrey Sachs e David Lipton foram escolhidos. Esses dois economistas ortodoxos já haviam trabalhado juntos no plano de reestruturação conduzido na Bolívia durante os anos 80. Os economistas elaboraram em algumas semanas, ao lado do ministro da economia polaco Lesreck Balcerowicz, um plano para transformar a economia polonesa numa economia de mercado. Esse plano, chamado “Plano Balcerowicz” é o ato de nascimento da Terapia de Choque. Esse modelo de transição era articulado em volta de três grandes princípios: aumentar a eficiência da alocação dos recursos disponíveis, a fim de aumentar o nível de vida das populações; manter uma situação financeira sã durante as reformas, obtendo um equilíbrio dinâmico das contas públicas e uma inflação baixa; criar um contexto político favorável às

O programa econômico aplicado a partir de 1.º de janeiro — o Plano Leszek Balcerowicz, que leva o nome do atual ministro das Finanças, não oferece a menor ilusão de que as coisas vão melhorar tão cedo. Trata-se de uma receita que segue à risca a orientação do Fundo Monetário Internacional, FMI, com base nos princípios de monetarismo clássico: o governo definiu as regras do jogo, apitou o início da partida e agora assiste de braços cruzados ao embate entre a oferta e a procura. Quem pode mais chora menos. Assim, o capitalismo com o qual os poloneses estão travando agora o primeiro contato é algo que lembra mais as agruras da América Latina, com seus infundáveis e sempre dolorosos programas de ajuste econômico, do que o confortável Estado do bem-estar social que faz da Suécia um modelo sonhado por todos os novos membros do clube do pós-comunismo.²¹¹

A matéria intitulada “Polônia, ano zero. O primeiro país do Leste Europeu a desbancar o comunismo experimenta as vantagens e as dores da transição para a economia de mercado”²¹² demonstrava como a revista queria caracterizar o processo de restauração do capitalismo dentro da Polônia. Para *Veja*, dentro da Polônia “o capitalismo veio de uma vez só. Na Polônia, tudo aconteceu da noite para o dia — com alguns resultados positivos, alguns efeitos previsivelmente desastrosos”.²¹³

Para finalizar a transição polonesa de uma economia planificada para uma economia de mercado, *Veja* ressaltava o discurso do ministro polonês Balcerowicz como necessário ao país. O plano econômico de Balcerowicz apresentado ao país era uma “terapia de choque”²¹⁴. Essa terapia foi demonstrada por *Veja* como uma solução econômica, porém, com os “efeitos colaterais”²¹⁵ inerentes à transição ao capitalismo:

Efeitos colaterais. Os pequenos avanços, carregados de esperança, não escondem as dificuldades. O processo de introdução do capitalismo revela problemas cuja dimensão as autoridades não previam. Somente em janeiro, o nível médio do poder aquisitivo da população caiu mais de 30%, de acordo com o Departamento de Estatística, o IBGE da Polônia. Para se ajustar à nova conjuntura, as empresas começaram a demitir os empregados, cujas dispensas foram igualmente liberadas pelo Plano Balcerowicz.²¹⁶

Veja queria demonstrar que os poloneses estavam pagando “caro” para ver de volta a democracia ao país:

Os poloneses, que já derrubaram sucessivos governos comunistas quando começava a sobrar muito mês no fim do salário, vêm suportando o choque com uma paciência disciplinada e até estoica,

reformas, através da implementação de mecanismos econômicos que limitam o risco de ‘voltar atrás’ no contexto de democratização da sociedade”. MAZAT, Numa. *Um estudo heterodoxo da trajetória econômica contemporânea da Rússia*. Dissertação (Mestrado em Economia). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e da Tecnologia, UFRJ, 2007, p. 60.

evitando qualquer reação que possa pôr em perigo a democratização do país.²¹⁷

A restauração do capitalismo na Polônia, assim como em outros países, foi justificada por *Veja* por meio das crises econômicas e políticas e da “falência do comunismo” na maior parte da Europa. A defesa em relação a restauração da economia de mercado aparece em suas páginas como uma experiência inédita para os poloneses:

A resistência dos poloneses a um regime que não engoliam sempre foi a mais organizada entre todos os antigos satélites da URSS e abriu caminho ao desmantelamento do comunismo que varreu o Leste Europeu no ano passado. Pioneira na reviravolta política que levou a chefia de governo o primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki indicado e apoiado pelo sindicato independente Solidariedade, depois da esmagadora vitória da oposição nas eleições gerais de junho do ano passado —, a Polônia agora está às voltas com outra experiência inédita.²¹⁸

Os poloneses têm consciência de que seu país é uma espécie de tubo de ensaio. O que fizerem ali será olhado como exemplo pelas outras nações do Leste Europeu que também pretendem caminhar na direção do capitalismo. Mas a fase de transição vivida por eles está sendo mais difícil do que imaginavam.²¹⁹

Na maioria das vezes em que *Veja* abordou a temática do capitalismo, o sistema apareceu como único caminho a ser seguido. Porém, aos “olhos” da revista, a Polônia conheceria primeiro o “lado amargo do capitalismo”²²⁰ para depois “reconstruir o país, fazendo-o caminhar na direção da liberdade e do progresso, e não esmorecer diante das dificuldades”²²¹

Nos seus discursos, o capitalismo sempre aparece ligado ao desenvolvimento natural da democracia liberal. Esse “modelo de democracia” representa uma sociedade totalmente regida pelas leis de mercado. O capitalismo aparece como o “reino” da liberdade do indivíduo, da livre iniciativa privada e da livre concorrência. Nos termos da revista: “Na capital de Varsóvia, a livre iniciativa se propaga: camponeses montam barracas em frente às lojas estatais e oferecem seus produtos por preços muito mais saborosos”.²²²

²¹⁷ “Choque amargo”, Op. Cit.

²¹⁸ “Polônia. Ano Zero”, Op. Cit., p. 38.

²¹⁹ Idem, p. 40.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Idem, p. 39.

²²² “Choque amargo”, Op. Cit.

Com a implantação do plano econômico de Balcerowicz, na transição da década de oitenta para a de noventa, *Veja* afirmava que os poloneses se despediam de vez do comunismo:

A Polônia já se despediu de praticamente tudo aquilo que poderia ser chamado o lado "doce" do regime comunista — preços artificialmente baixos, graças aos pesados subsídios do governo, e a garantia de que o trabalhador jamais seria demitido. Mas do capitalismo só mordeu até agora a parte amarga: carestia — consequência inevitável da introdução das leis do mercado — e desemprego em massa.²²³

O comunismo como um sistema antagônico ao capitalismo aparecerá nas páginas de *Veja* como um sistema paternalista. Um sistema que intervia na vida das pessoas, de modo que não valorizava a liberdade individual e política. Além disso, esse sistema paternalista teria como característica principal não transformar a realidade social, pois atenderia apenas aos problemas estruturais de forma paliativa. Para *Veja*:

Sob o regime comunista, os poloneses pagavam pelo paternalismo estatal de maneira indireta: faltavam alimentos e produtos em geral, formavam-se imensas filas diante das lojas e a qualidade era péssima. Mesmo com dinheiro no bolso, as pessoas não tinham com que gastá-lo. "Agora sobra o que comprar, mas as lojas estão quase vazias porque poucos tem dinheiro", constata Wilczek. "Até agora sabíamos como um país se torna comunista. Mas ninguém havia feito o caminho contrário".²²⁴

No capitalismo, a livre concorrência de mercado e a iniciativa privada representavam o desenvolvimento pleno do mercado; para *Veja*, significava justamente o desenvolvimento econômico e social. Por esta razão, quando averiguamos os discursos de *Veja* é possível perceber que a revista defende não só o pleno funcionamento do mercado como a manutenção dos princípios da livre iniciativa e da livre concorrência de mercado.

Nos discursos de *Veja*, esses dois princípios, tanto a economia de mercado, quanto a democracia, têm como objetivo manter a ordem econômica e o equilíbrio concorrencial entre as nações. Desse modo, para defender o *choque amargo do capitalismo* dentro da Polônia, a revista procurou expor sua justificativa por meio da “voz autorizada” do ministro polonês Balcerowicz:

"A inflação que temos é temporária", garantiu o ministro Balcerowicz ao justificar o índice de 76% do primeiro mês da aplicação do programa

²²³ Idem.

²²⁴ “Polônia, ano zero”, Op. Cit.

de estabilidade. "Como acabaram os subsídios do governo, os preços estão apenas se ajustando à realidade dos custos de produção e de distribuição, às necessidades de lucro e sobretudo às leis da oferta e da procura." (...) O mês de fevereiro mostrou que Balcerowicz falava com conhecimento de causa. As lojas, que no final do regime comunista padeciam de um crônico esvaziamento de suas prateleiras, encheram-se de mercadorias. Desapareceram as intermináveis filas de suas portas. Em compensação, as compras se reduziram drasticamente: os poloneses, sem dinheiro para gastar, tiveram de consumir menos. A lei do monetarismo clássico funcionou.²²⁵

O discurso do ministro Balcerowicz deixava claro que, para ele, a “mão invisível” do mercado resolveria todos os problemas econômicos e políticos do país. Mas, os resultados da restauração da economia de mercado dentro da Polônia tiveram drásticas consequências como o desemprego em massa, arrocho salarial e a crise alimentícia. Para *Veja* esse “era o preço a se pagar pelo capitalismo”:

Para um povo que em pleno vigor do autoritarismo comunista derrubou três governos — em 1956, 1970 e 1981 — na esteira de protestos contra o aperto econômico, é notável a paciência exibida até agora frente ao impacto de um programa baseado no arrocho brutal dos salários e no desemprego em massa. Há dez anos, os operários do estaleiro de Gdansk, o berço do Solidariedade, rebelaram-se por muito menos: fizeram uma greve contra o aumento de apenas alguns zlotys no preço da carne de porco. "Não há outra saída", argumenta Adam Michnik, um dos mais brilhantes intelectuais da antiga oposição, diretor do jornal *Gazeta Wyborcza* e hoje deputado. “Precisamos esperar um pouco mais e ver o que acontece”. Michnik frisa que os poloneses suportaram até agora o arrocho salarial e o desemprego em massa porque escolheram numa eleição livre o atual governo, o primeiro depois de mais de quatro décadas de regime comunista, e ainda se sentem responsáveis por ele. "Mas todos entendem que esse é o preço a ser pago pelo restabelecimento da economia de mercado no país."²²⁶

Outra característica que predominou no discurso da revista foi que os indivíduos tinham a “livre opção econômica e política” dentro do sistema capitalista. Nas páginas de *Veja*, era o indivíduo quem escolhia sua permanência como desempregado ou não. Ou seja, o desemprego apresentava-se como uma das justificativas ideológicas defendidas pela revista – tanto na Polônia como nos demais países do bloco soviético – para afirmar que se tratava de um efeito colateral do capitalismo.

O desemprego era visto como um problema de adaptação dos poloneses com as novas leis de mercado. Neste sentido, *Veja* assim se posicionava:

²²⁵ “Polônia, ano zero”, Op. Cit., p. 38.

²²⁶ Idem.

"No tempo do comunismo, não havia desemprego", explica o ministro do Trabalho, Jacek Kuron, deputado pelo Solidariedade e um dos mais famosos ativistas da antiga oposição. "O Estado empregava todo mundo, mesmo aqueles de que não necessitava. O regime comunista se orgulhava de não ter desempregados, mas o resultado era que havia duas, três ou mais pessoas para uma mesma função — e o Estado, é claro, custeava tudo. Ou melhor, o povo." Kuron e seus assessores estão convencidos de que o desemprego é um inevitável efeito colateral da transição [...] enquanto muitos poloneses apertam os cintos para enfrentar a dura prova da transição para um novo regime, outros demonstram uma surpreendente agilidade em se adaptar.²²⁷

O plano neoliberal de Balcerowicz²²⁸ previa o desemprego em massa na Polônia. Demitir massivamente funcionários públicos poloneses justificava-se na medida em que significaria a defesa da diminuição do papel do Estado e o enxugamento da máquina estatal. O plano de Balcerowicz também previa o arrocho salarial, a extinção dos cargos públicos, o aumento dos preços nos produtos internos e privatizações de empresas estatais.

Nos discursos de *Veja*, o plano econômico do ministro tinha o mesmo objetivo que o plano econômico de Collor aplicado no Brasil. Ou seja, os dois planos econômicos tinham como intuito sanar a crise política e econômica e enxugar a máquina estatal. Esta foi uma das formas que *Veja* legitimou e defendeu o Plano Collor²²⁹ para os leitores brasileiros.

A revista dizia que o Brasil estaria enfrentando as mesmas situações econômicas e políticas. Nesta perspectiva, o ‘Plano Collor’ era a única saída do país, inclusive porque tinha recebido a aprovação dos brasileiros. Segundo a revista:

Uma situação que se assemelha em muitos aspectos à aprovação com que a maioria dos brasileiros recebeu o Plano Collor. Conscientes de

²²⁷ Idem, p. 41/44.

²²⁸ “O programa de reforma econômica dirigido por Leszek Balcerowicz, Ministro das Finanças, aplica um choque neoliberal, que nada tem a ver com as expectativas das fileiras da Solidariedade, mas corresponde a composição de interesses entre a elite neostalinista reformada, aos novos dirigentes liberais e as instituições ocidentais. O Plano Balcerowicz levou a alienação da propriedade estatal por valores mínimos (“privatização”) e, em geral, a economia de mercado”. ARANTES JR., Abelardo. Op. Cit., p. 310.

²²⁹ “O Plano Collor I anunciou a aurora da era neoliberal, que tinha o combate à inflação apenas como aspecto inicial de um ambicioso processo de redefinição do padrão de acumulação capitalista e de ofensiva contra os direitos sociais e trabalhistas. Esta ofensiva tornava-se crucial para os interesses do grande capital monopolista, seja em função da perspectiva de aumento da taxa de mais-valia como forma de reversão da tendência de queda na taxa de lucro motivada pela recessão econômica, seja pela imperiosa necessidade de desencadear o processo de reestruturação produtiva, com a incorporação de novas tecnologias e novas formas de gerenciamento do processo produtivo, baseadas na desregulamentação do mercado de trabalho. A perspectiva governamental de abertura comercial e financeira acirrava ainda mais a pressão pela reestruturação produtiva, diante da possibilidade de ampliação da concorrência externa”. TUMOLO, Paulo Sérgio apud MACIEL, David. O governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992). *Revista UFG*. Goiania, Universidade Federal de Goiás, nº 11, Ano XIII, dez. 2011, p.102.

que era preciso fazer alguma coisa para abater o dragão inflacionário, 81% dos brasileiros aprovaram o remédio, inclusive uma parcela significativa dos que pagaram a conta.²³⁰

Se no Brasil, como afirmado por *Veja*, o Plano Collor tinha aprovação dos trabalhadores brasileiros, na Polônia, Lech Walesa foi apresentado como peça fundamental para manter no controle os poloneses e legitimar a restauração do capitalismo no país. *Veja* afirmava: “De seu quartel-general em Gdansk, onde preside o comitê nacional do Solidariedade. Lech Walesa também conclama o povo a esperar. ‘Não conheço ninguém na Polônia que defenda em si o arrocho salarial e o desemprego em massa’”.²³¹ O processo de restauração do capitalismo polonês foi caracterizado por *Veja* desta forma:

Com as janelas e portas abertas para o mundo a Polônia não recebe apenas a democracia e a promessa de capitais estrangeiros. Entram no seu território e como força total, as roupas americanas e os jeans importados que agora qualquer cidadão consegue comprar, sem recorrer ao mercado negro.²³²

Em suma, a transição polonesa para uma economia de mercado teve como o ponto de partida a privatização das estatais e suas vendas. O resultado dessa transição foi a concentração e associação de diferentes empresas privadas dentro do país, através da implantação de “Joint Ventures”²³³. Além disso, a revista afirmava que a Polônia já havia escolhido sua opção econômica:

Na Polônia, o dilema entre socialismo e capitalismo está definitivamente superado, e a dúvida crucial parece ser apenas quanto à velocidade e à amplitude das reformas. A opção principal já foi feita, falta agora descobrir a melhor forma de levar adiante a transição.²³⁴

²³⁰ “Polônia, ano zero”, Op. Cit., p. 42.

²³¹ Polônia, ano zero. Edição: 1.124. *Veja* 04/04/1990, p. 43.

²³² *Idem*, p. 44.

²³³ Joint venture é, portanto, uma figura jurídica originada da prática, cujo nome não tem equivalente em nossa língua, mas que pode assim ser entendida como contrato de colaboração empresarial. Ela corresponde a uma forma ou método de cooperação entre empresas independentes, denominado em outros países de sociedade entre sociedades, filial comum, associação de empresas etc. A característica essencial do contrato de joint venture é a realização de um projeto comum, empreendimento cuja duração pode ser curta ou longa, porém com prazo determinado. É a celebração de um contrato entre duas ou mais empresas, que se associam, criando ou não uma nova empresa para realizar uma atividade econômica produtiva ou de serviços, com fins lucrativos”. MIRANDA, Maria Bernadete; MALUF, Clovis Antônio. *O contrato de joint venture como instrumento jurídico de internacionalização das empresas*. Texto disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28558-28576-1-PB.pdf>. Acesso: 05.10.2016.

²³⁴ Polônia, ano zero. Edição: 1.124. *Veja* 04/04/1990, p. 46.

Assim, para compreendermos melhor o processo de restauração do capitalismo polonês e a figura do Lech Walesa na Polônia, procuramos mostrar porque *Veja* defendia o sindicalista polonês Lech Walesa como uma saída capitalista e aqui no Brasil o sindicalista Luís Inácio Lula da Silva era visto pela revista como ameaça comunista. Para tentar dar conta disso, traçamos um perfil comparativo de ambos os líderes sindicalistas.

Lech Walesa nas páginas de *Veja*:

Personagem chave na luta que culminou no fim do regime comunista na Polônia, o eletricitista, Lech Walesa, de 46 anos, prêmio Nobel da Paz de 1983 e líder do sindicato Solidariedade, não quis ocupar nenhum cargo no atual governo, encarregado de conduzir o país à democracia e à economia de mercado. Preferiu continuar como o líder do sindicato Solidariedade, ancorado na cidade de Gdansk

O líder do Solidariedade acha que a derrota do comunismo é definitiva, mas admite que a transição para a democracia é bem mais difícil do que imaginava.

Walesa: O comunismo leva ao monopólio: do governo, da política, da economia, da cultura, dos sindicatos. Essa é a sua face pior. E foi exatamente o caráter monopolista que levou o comunismo à falência. É um regime incompatível com o pluralismo, com a liberdade do pensamento, com a individualidade dos cidadãos.

Walesa: Nós, poloneses, éramos até agora um automóvel que andava para trás. No momento, estamos querendo andar para a frente. Mas isso não está sendo fácil. Em primeiro lugar, porque precisamos parar o automóvel, colocá-lo em ponto morto, antes de engatar a primeira e fazê-lo andar para a frente. Em segundo, porque tivemos de fazer reformas no automóvel. Como ele está parado, as condições pioraram e as pessoas que viajam nele começam a ficar impacientes. O problema, agora, consiste em convencer os poloneses a esperar a partida. Temos um bom nível de consciência, nosso povo possui escolaridade elevada e parece ser compreensivo.

Walesa: A economia de mercado dá certo. O programa aplicado na Polônia nos conduz à economia de mercado. Se alguém tiver um plano melhor, que o apresente. É melhor assim, neste momento, do que sair à rua e fazer uma greve contra o governo que nós elegemos. Acho que vale a pena esperar um pouco, ver o que acontece. Greves não levariam a nada neste momento.²³⁵

Luís Inácio Lula da Silva nas páginas de *Veja*:

O PT é uma sigla com uma óbvia opção estatizante e se alinha na defesa geral das empresas estatais, mesmo as deficitárias, e dos salários dos funcionários públicos. Na economia, o programa petista é um castelo de areia que chega a causar constrangimento nos meios acadêmicos, e pelo anacronismo, tem críticos tanto entre os estudiosos de linha conservadora quanto entre aqueles que comungam das propostas à esquerda.

O Lula é um candidato que só se preocupa com os pobres.

²³⁵ Páginas Amarelas/ Entrevista: Lech Walesa: Venceu a Civilização. *Veja*: Edição: 1.121, 21/03/1990, p. 6, 5, 7, 8.

Lula: é a primeira vez que vai haver um debate entre capital e trabalho, entre os que comem e os que não comem, entre os despossuídos deste país e os que possuem muito. Vamos mostrar que é possível criar uma sociedade onde todos possam ter o mínimo para viver.

Defendo a reforma agrária. Acabar com o analfabetismo, construir escolas para todas as crianças, melhorar o poder aquisitivo da classe trabalhadora e garantir as refeições necessárias para esse povo. Lula fala no lucro como se fosse um palavrão, o maior exportador do marxismo, o soviético dá demonstração de sintonia com o mundo moderno. Enquanto o PT deseja estatização, países europeus de diversas correntes muda o rumo. Lula: Eu me defino como um socialista. Há dez anos no nosso partido nós já defendíamos o socialismo democrático, o direito de greve, a liberdade e a autonomia sindical, nós dizíamos que, para o PT, só haveria socialismo com democracia.²³⁶

É preciso dizer que ambos os sindicalistas, Lech Walesa e Lula, ascenderam politicamente em seus países durante a transição da década de oitenta para a de noventa, na condição de lideranças dos trabalhadores industriais e rurais. Cada um vivenciava um contexto político e econômico diferente. Walesa lutava pela restauração do capitalismo na Polônia, enquanto Lula concorria à presidência do Brasil em 1989 contra o candidato Fernando Collor de Melo, tendo como “base política o socialismo”²³⁷ e também reivindicações de diversos movimentos sociais.

A comparação traçada entre Walesa e Lula torna evidente o motivo pelo qual *Veja* passara a defender o sindicalista polonês como uma saída capitalista na Polônia, ao mesmo tempo em que apresentava Lula como ameaça a política e a economia brasileiras. Ambos os sindicalistas vinham de origem proletária, mas um lutava pela restauração da economia de mercado e o outro, a implantação de um “socialismo democrático”.²³⁸

Além disso, *Veja* demonstrava que Walesa queria acabar com o comunismo polonês, inversamente a Lula, que queria construir um “socialismo democrático à brasileira”²³⁹. Se na Polônia, Walesa era visto como o personagem que derrotou definitivamente o comunismo em seu país, no Brasil Lula era mostrado como um candidato que possuía “propostas de governo desastrosas” para o país.²⁴⁰

No entanto, no início da década de noventa, a Polônia consolidava a implantação do seu projeto neoliberal e Lech Walesa ganharia as eleições no seu país. Já no Brasil,

²³⁶ “Entrevista: Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva”. *Veja*: Edição: 1.107, 29.11.1989, p. 8.

²³⁷ *Idem*.

²³⁸ *Idem*.

²³⁹ “A Hipótese de Lula”. *Veja*: Edição: 1.107, 29.11.1989, p. 52.

²⁴⁰ “Lula e o capitalismo”. *Veja*: Edição: 1.107, 29.11.1989, p. 9.

Luís Inácio Lula da Silva perderia as eleições para Fernando Collor de Mello, culminando com o ingresso definitivo do país no modelo neoliberal.

3.3. *Veja* e o laboratório de reforma húngaro

Assim como foi na Polônia, durante o processo de restauração do capitalismo húngaro, *Veja* defendeu e expôs uma medida capitalista para o país. Porém, ao contrário da via polonesa, durante os anos 1980 e 1990, a Hungria apresentava em ritmo acelerado suas reformas liberais.

Nos discursos da revista, a Hungria foi caracterizada como um verdadeiro laboratório de reformas econômicas e políticas. A medida capitalista defendida para a finalização da transição para a economia de mercado – mesmo a Hungria enfrentando uma grave crise econômica – seria “avançar nas reformas sem olhar para trás”.²⁴¹

Para analisarmos como foi a cobertura jornalística de *Veja* dentro desse processo histórico húngaro utilizamos as seguintes matérias.

Tabela. 5. Matérias sobre a Hungria

Ano	Edição de <i>Veja</i>	Seção	Título	Subtítulo
08/03/1989	1.070	Internacional	Hungria: Cai uma estrela	Brasão nacional perde símbolo comunista
05/04/1989	1.074	Internacional	Hungria: Aberto para reformas	Hungria, laboratório das mudanças no mundo comunista, adota a liberdade partidária e reaviva o sonho democrático de 1956
01/11/1989	1.103	Internacional	Hungria: A doce revanche	Os húngaros criam uma nova república democrática e com uma grande festa enterram o passado stalinista no dia do levante de 1956.

Fonte: acervo digital. *Veja*.

O país se tornaria também um dos “bons exemplos” para *Veja* expor como o capitalismo estava funcionando a pleno vapor. A Hungria era um dos países que possuía uma economia planificada e que no final dos anos noventa consolidou a sua transição para a economia de mercado. O processo histórico de restauração do capitalismo húngaro foi caracterizado por *Veja* como um país que foi “além da *perestroika*”²⁴²:

Ao assumir o poder em maio do ano passado após 32 anos do governo de János Kádár, Grosz fez da Hungria o mais efervescente e avançado

²⁴¹ “Aberto para Reformas”. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989, p. 46.

²⁴² *Idem*.

laboratório das metamorfoses operadas no bloco socialista, deixando para trás, de longe, a *perestroika* de Gorbachev e as conquistas arrancadas ao regime polonês pelo sindicato Solidariedade. No intervalo de um ano, foram feitas mais mudanças do que em duas décadas de reformas conduzidas sob o comando de Kádár, o primeiro cacique do bloco soviético a arejar a economia com frestas por onde entravam revigorantes lufadas de capitalismo.²⁴³

No decorrer desse processo político-econômico, o país tomou um distanciamento da União Soviética para aliar-se com o capitalismo ocidental. Segundo Arantes²⁴⁴, o processo húngaro de transição para economia de mercado ficou marcado por dois fatores: o primeiro, foi a tentativa da burguesia de conservar o poder, ainda que sob a condição dependente da URSS. E o segundo, foram as políticas destinadas a acelerar o crescimento econômico e a aumentar o padrão de vida da população húngara. Ainda, segundo análise de Arantes:

Diante das limitações e pontos de estrangulamento dessas políticas, as tentativas de compor com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e com as potências ocidentais resultou no crescimento de uma ala oposicionista dentro do partido dirigente húngaro, empenhada na aprovação de medidas cada vez mais liberais. Por consequência, houve a ascensão de personalidades dispostas a restaurar a ação do capital privado, sob a hegemonia do Ocidente.²⁴⁵

Não à toa, *Veja* destacar o papel importante representado pelo líder Karoly Grosz²⁴⁶ durante o processo de restauração do capitalismo húngaro. No poder húngaro, Grosz tomou uma das primeiras medidas que desencadeou todo o processo político dentro da Alemanha Oriental. Tal medida foi a abertura das fronteiras com a Áustria. As consequências disso foram a desestabilização da RDA (República Democrática da Alemanha) e a precipitação do colapso do bloco soviético e do socialismo real.

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ ARANTES JR., Op. Cit., p. 327.

²⁴⁵ Idem, p. 327.

²⁴⁶ “Em 1988, Kadar é substituído por Karoly Grosz. Grupos de oposição formam o fórum democrático húngaro. Sob Karoly Grosz, a partir de 1988, mostrou-se disposta a adotar medidas de liberalização; e Gorbachev comunicou aos dirigentes húngaros que sua nova atitude era aceitável, sem risco de intervenção soviética. Karoly Grosz nasceu em 1930. Entrou para o Partido Comunista em 1945. Em 1974, foi designado chefe do departamento de propaganda do Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros (“comunista”). Em 1985, tornou-se membro do Politburo. Em 1987, passou a presidir o Conselho de Ministros. Em 1988, com apoio do próprio Kadar, Grosz substituiu-o no cargo de Secretário-Geral. Alguns meses mais tarde, a presidência do Conselho de Ministros passou de Grosz para Myklos Nemeth, que tinha feito carreira nos órgãos oficiais da economia húngara. Grosz representava a tentativa da nomenclatura de superar as dificuldades do final do mandato de Kadar, ao mesmo tempo em que se mantinha o sistema vigente. Como o próprio Grosz afirmou, ele pretendia uma mudança de modelo, não a transformação do sistema. Entretanto, a Europa Oriental encontrava-se sob fortes pressões reformadoras”. ARANTES JR., Op. Cit., p. 311.

As reformas húngaras implantadas por Grosz representaram para *Veja*: “uma constante operação desmonte das bases do sistema comunista”²⁴⁷. A revista informava que a Hungria foi o primeiro país a ter uma Bolsa de Valores funcionando dentro bloco soviético e o primeiro país a adotar o sistema pluripartidário.

Na nota intitulada “Hungria: Cai uma estrela. Brasão nacional perde o símbolo comunista”²⁴⁸, *Veja* mostrava que o processo de transição húngara para economia de mercado ocorreu durante a exaltação do nacionalismo húngaro e o fortalecimento dos símbolos e dos heróis do país:

O ímpeto reformista é tanto que atingiu até o campo aparentemente pouco relevante da heráldica com a decisão de mudar o brasão oficial do país, um emblema com as cores da bandeira, encimado por uma reluzente estrela vermelha, símbolo do comunismo e da influência soviética [...] A preocupação em alinhar a insígnia oficial aos novos tempos levou o PC húngaro a nomear uma comissão de acadêmicos com a tarefa de escolher um símbolo moderno para a nação [...] A comissão optou por um mergulho no passado e selecionou dois símbolos que marcaram época na História do país. O primeiro é uma cópia do brasão de Habsburgos, a dinastia que reinou no Império Austro-Húngaro até o final da I Guerra em 1918. O segundo é uma reprodução do escudo de Kossuth, criado em 1848.²⁴⁹

A exacerbação do nacionalismo húngaro e a construção de uma nova bandeira para Hungria representou para *Veja* a rememoração do passado húngaro e a negação ao “comunismo”. Nos seus discursos, o comunismo era um sistema político-econômico que destruía todas as fronteiras culturais e políticas de uma nação.

Desde sua origem, o comunismo era visto como uma ameaça ao nacionalismo de qualquer país. O internacionalismo proletário, conforme o movimento comunista reivindicava nos quatros cantos do mundo, era representado de forma negativa não só por *Veja*, mas também por toda imprensa liberal. Para *Veja*, o internacionalismo comunista era um movimento político que tomava a identidade nacional dos indivíduos.

O fortalecimento do nacionalismo húngaro no decorrer do processo de restauração da economia de mercado simbolizou a implantação de um novo projeto de nação. A exaltação do nacionalismo húngaro serviu para a consolidação de uma nova república burguesa. No entanto, a sua proclamação ocorreu durante uma grave crise econômica e política. A festividade desta “nova república” era assim apresentada pela revista:

²⁴⁷ Hungria: Cai uma estrela. Edição 1.070. *Veja* 08/03/1989, p. 45.

²⁴⁸ Hungria: Cai uma estrela. Edição 1.070. *Veja* 08/03/1989, p. 45.

²⁴⁹ *Idem*.

O novo regime precisa de ajuda, e muita. Nas ruas de Budapeste, a euforia da festa cedeu lugar a uma ressaca realista nos dias seguintes. "Os políticos falam de tudo, menos de como nos livrar da embrulhada econômica comentou um militar aposentado que hoje dirige um táxi. Ao contrário da Polônia, as prateleiras das lojas húngaras estão abastecidas, mas os preços sobem de maneira descontrolada, indicando uma perigosa escalada quando os subsídios forem eliminados, no próximo ano — outra das reformas para instalar uma economia de mercado no país.²⁵⁰

Porém, para *Veja*, a Hungria já “experimentaria o sabor do capitalismo com os sanduíches e as transações da bolsa de valores”.²⁵¹

Através da matéria intitulada “Hungria, laboratório das mudanças no mundo comunista, adota a liberdade partidária e reaviva o sonho democrático de 1956”²⁵², *Veja* lembrava dois processos históricos que o país enfrentou. A matéria iniciava assim:

"Marcha à ré na rota traçada por Lênin." A audaciosa inscrição sob uma bandeira verde branca e vermelha, as cores nacionais da Hungria flutuavam displicentes em meio a um oceano de faixas no dia 15 de março, data em que 75.000 húngaros saíram às ruas, na primeira manifestação de protesto autorizada pelo governo, para repudiar a tutela soviética sobre o país e lembrar o levante nacionalista de 1848, esmagado pelas tropas de Áustria com ajuda do Império russo. A HISTÓRIA REESCRITA. Foi Pozsgay, já apontado como um eventual candidato à sucessão de Grosz em eleições livres, quem quebrou, no mês passado, o mais delicado tabu histórico do regime, ao qualificar de “insurreição popular” o levante de 1956, rotulado oficialmente como uma “contrarrevolução”. De fato, quase não há diferenças entre o programa dos revoltosos de 1956 e a pauta das reformas de hoje com exceção de um ponto: a neutralidade da Hungria. A invasão soviética, ninguém se esquece, foi deflagrada apenas três dias depois que Nagy anunciou a retirada do país do Pacto de Varsóvia e foi comandada por um reformista russo, um precursor de Gorbachev, Nikita Krushev.²⁵³

Nessa matéria, pode-se perceber mais uma vez que *Veja* comete anacronismo com os fatos históricos. A revista compara dois contextos históricos húngaros, fazendo que o leitor associe a revolta húngara de 1956 com a restauração do capitalismo naquele país em 1989.

A Revolta de 1956 estava ligado a retirada do líder húngaro Imre Nagy do poder e às manifestações que ocorriam na Polônia naquela mesma época. Tal levante se deu particularmente por causa das práticas brutais e sanguinárias do stalinismo. Além disso,

²⁵⁰ “A doce revanche”, Op. Cit., p. 55.

²⁵¹ “Aberto para Reformas”, Op. Cit., p. 46, 47.

²⁵² Idem.

²⁵³ Ibidem.

em 1956, aconteceria o “XX Congresso do Partido Comunista de União Soviética (PCUS)” no qual Krushev denunciaria as atrocidades cometidas durante o período stalinista e anunciaria a liberalização do regime.

O aumento da liberdade de expressão permitiu a milhares de húngaros participar dos debates que tratavam de questões políticas, exigindo punição para os responsáveis pelas arbitrariedades ao tempo de Stálin. O teor político da revolta de 1956 esteve ligado “(a)os discursos inflamados pediam reformas internas, relacionamento de igualdade com a URSS e a volta de Nagy à liderança do PC”.²⁵⁴

A “Revolução Húngara”²⁵⁵ pode ser considerada um levante popular espontâneo contra o governo stalinista naquele país e contra a política imposta pela União Soviética, iniciado em 23 de outubro de 1956 com uma grande manifestação estudantil que marchou pelo centro da capital, Budapeste. No dia 4 de novembro de 1956, o Exército Vermelho invade a cidade e a resistência organizada chega ao fim, seis dias depois. Já em 1989, a Hungria inicia a restauração do capitalismo no seu país e mantém-se a neutralidade diante do pacto de Varsóvia.

Na *Veja*, os dois levantes nacionais húngaros foram lembrados como um ato heróico. Esses levantes lembravam e reafirmavam a forma como os países-satélites eram tratados pela União Soviética. Em toda a matéria, *Veja* procurou demonstrar que a Hungria enterrava o seu passado como uma doce revanche:

Os húngaros souberam enterrar seu passado totalitário com rapidez, tranquilidade e muito simbolismo. Foi a doce revanche de uma nação que, ao longo de seus onze séculos de existência, acossada por potências expansionistas, sempre lutou para manter a identidade nacional. Todos os detalhes da proclamação da nova república obedeceram a uma eloquente lógica simbólica, a começar pelo dia escolhido para a festa: 23 de outubro, data que reaviva as dolorosas lembranças do aniversário do levante popular de 1956, sufocado por tropas soviéticas na mais sangrenta repressão vista na Europa Oriental desde 1945, que deixou um saldo de 25.000 mortos e 200.000 exilados. Szuros, que é presidente do Parlamento e ocupa interinamente a chefia de Estado, fez a proclamação do alto do mesmo balcão onde, em 1956, o então primeiro ministro Imre Nagy pediu apoio ao povo para seu governo multipartidário e para o desligamento da Hungria do Pacto de Varsóvia. “Este é o prelúdio de uma nova era histórica”, definiu Szuros, ex-embaixador em Moscou e um dos arquitetos da atual reforma.²⁵⁶

²⁵⁴*História do Século 20 (1942-1956)*. Vol. 5. Editora Abril Cultural. São Paulo. 1968, p. 300, 301.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ A doce revanche. Edição: 1.103. *Veja*: 01/11/1989, p. 55.

Para *Veja*, a Hungria vivia sob a “liderança de Karoly Grosz e trilhava o caminho para o capitalismo”²⁵⁷, isto é, o país seria o exemplo do funcionamento de todas as reformas liberais aplicadas no bloco soviético. A Hungria teria sido, enfim, o país que testou e comprovou todas as reformas econômicas e políticas.

Mas cabe acentuar que todo esse processo de restauração do capitalismo húngaro transcorreu sob a direção da burguesia liberal e quando ocorreu o colapso do bloco soviético, a Hungria já se encontrava em um processo acelerado de transformação de suas estruturas econômicas e sociais. Como *Veja* vislumbrava, o país já estava sob as rédeas do mercado:

Sob o novo maestro, a orquestra acelerou o ritmo. Rapidamente, a economia está se libertando das rédeas do Estado: as empresas já operam quase que totalmente afinadas com as leis do mercado, a maioria dos subsídios foi suprimida e os alimentos e bens de consumo passaram a ser vendidos sem nenhum tipo de tabelamento de preços. O câmbio foi liberado e os negócios na Bolsa de Valores crescem como bola de neve — atualmente, 4.000 húngaros já possuem ações dos bancos e das oitenta empresas com papéis no mercado de capitais. No campo político, as mudanças são ainda mais estonteantes. Em janeiro, foram assegurados, por lei, o direito de reunião, a liberdade de imprensa e a de organização política, tornando a Hungria o primeiro regime comunista a conviver com partidos de oposição.²⁵⁸

A transição húngara para economia de mercado ocorreu durante uma grande crise econômica. A solução apresentada pela Hungria foi caracterizada por *Veja* como o “Jeitinho húngaro”²⁵⁹. Ou seja, a revista comparava o modo como os húngaros resolviam os problemas econômicos com o modo com que os brasileiros resolviam os seus problemas do dia a dia, o chamado “Jeitinho brasileiro”.

No capitalismo, a crise econômica é inerente ao sistema. As consequências dessa crise econômica geraram dentro do país diversos problemas políticos e sociais, porém, em *Veja*, a crise era um mal necessário. Esses problemas gerados pela crise econômica eram vistos pela revista de forma positiva:

Quase todos complementam os magros salários que recebem do Estado com atividades secundárias, em geral bem mais rentáveis são professores particulares, eletricitas, donos de oficinas de fundo de quintal, dentro e fora do horário de trabalho. Esse dinheiro extra gera uma classe média que sustenta a trepidante prosperidade das lojas da Rua Vaci e faz filas não para comprar batatas, como na URSS, mas para

²⁵⁷ Aberto para Reformas. Edição: 1.074. *Veja*: 05/04/1989, p. 46, 47.

²⁵⁸ “Aberto para Reformas”, Op. Cit.

²⁵⁹ Idem, p. 48.

disputar pares de tênis com a marca Adidas. Lá estão entre cafés ao estilo parisiense e uma lanchonete da rede McDonald's – maravilhas do mundo da eletrônica; o microcomputador da Philips pelo equivalente a 550 dólares, um incrementado toca-fitas das Sharp por 350 dólares, quantias inacessíveis a um trabalhador que viva apenas de seu salário. Para comprar um casaco de pele importado do Alasca, de 2.800 dólares, a peça mais cobiçada dos desfiles de moda já definitivamente incorporados à rotina de Budapeste, uma húngara situada na faixa do salário médio teria de trabalhar durante dois anos sem gastar um só centavo. Ressuscitando as diferenças sociais, as reformas estão alargando o abismo entre a pequena burguesia endinheirada e o cidadão comum. O risco de uma situação social explosiva é crescente, num país educado à sombra do igualitarismo, mas entre os dirigentes húngaros predomina a convicção de que a liberalização política e econômica é uma viagem sem bilhete de volta.²⁶⁰

Uma das consequências imediatas da crise econômica dentro da Hungria foi a expansão da economia de mercado que, por sua vez, resultou no surgimento de uma classe média que passaria a disputar os espaços políticos e econômicos com o trabalhador industrial.

Em *Veja*, esta “nova” classe média húngara ressuscitaria a competitividade econômica. Isto é, a classe média foi mostrada como a âncora da democracia liberal, uma classe que influenciava e mudava os rumos da “sociedade civil”. Para *Veja*:

A crise econômica fornece a chave para entender a disposição do regime húngaro em pisar tão fundo no acelerador da abertura. Durante alguns anos, o "socialismo goulash" de Kádár — uma mistura de repressão política e relativa liberdade econômica tão original como a comida típica do país — transformou a Hungria num oásis de prosperidade no Leste Europeu.²⁶¹

Além disso, as ruas de Budapeste representavam

O coração do comércio húngaro: a meca do consumo no coração de Budapeste, tomada diariamente por imensas filas às portas de lojas, como as recém-inauguradas Adidas e Benetton, repletas de consumidores ávidos por gastar, com as últimas novidades importadas do Ocidente, o lucro amealhado em atividades particulares.²⁶²

Para a revista, as ruas da capital húngara despertavam as necessidades materiais dos trabalhadores e os “estímulos” para a produção material. Em anos posteriores, *Veja* legitimaria essa posição ao trazer entrevistas de intelectuais para dar veracidade ao que defendia e ao que publicava. Essas entrevistas vinham em forma de nota de rodapé – caso

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ Ibidem.

²⁶² Ibid.

da matéria “Aberto para reformas”²⁶³ contendo uma nota com quatro entrevistas que abordavam o processo de restauração do capitalismo húngaro. O título da nota era “Quatro aprendizes vão à luta por lucro e liberdade”.²⁶⁴

Essa nota descrevia sobre o que esses quatro húngaros acreditavam a respeito da crise econômica e o novo sistema econômico no país. Os perfis dos entrevistados eram de profissionais liberais, porém, daremos ênfase em um deles, conforme segue abaixo:

Zsuzsanna Ranki, uma economista de 34 anos com doutorado nos EUA, é a responsável por uma das facetas mais ousadas das reformas na Hungria: ela dirige o Centro Internacional de Administração – uma escola inaugurada este ano, em Budapeste, para formar executivos húngaros dentro do mais puro espírito capitalista. “Não adianta encher o país com computadores se não soubermos operá-los com eficiência”, afirma. Para Zsuzsanna, os novos empresários não devem temer o custo social das mudanças, que considera inevitável: “Algum desemprego é até saudável porque as pessoas têm de se mexer e produzir melhor”.²⁶⁵

Os problemas sociais explodiram no decorrer da restauração do capitalismo húngaro. As entrevistas trazidas por *Veja* tinham o objetivo de legitimar o que a revista defendia acerca do desemprego e da desigualdade social. Para a revista, estes indicadores representavam os efeitos colaterais do capitalismo.

Como Marx já tinha observado em *O Capital*, o desemprego era algo inerente ao capital e ao capitalismo. O desemprego é o resultado de uma crise econômica e tem como intuito criar um “exército industrial de reserva”²⁶⁶. Em *Veja*, por sua vez, os problemas sociais em nada importavam, pois, os húngaros já tinham escolhido o seu sistema:

O eleitorado se manifestou claramente por uma opção pró-capitalista e de centro-direita. A maioria dos votos foi para os partidos que pregam a volta à economia de mercado, sem demora nem ambiguidade. Depois de quatro décadas de um regime totalitário, a maioria esmagadora dos húngaros não quer nem ouvir falar em “socialismo democrático” ou qualquer outro tipo de “terceira via”.²⁶⁷

Além disso, *Veja* ressaltava que a Hungria mudaria sua nomenclatura política, pois era “nova nação passava a se chamar República da Hungria”²⁶⁸:

Extirpando os termos “Socialista e Popular” do meio do nome do país, a Hungria deu um passo decisivo no processo de desmonte do antigo

²⁶³ Ibid.

²⁶⁴ Idem, p. 50.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ MARX, *O Capital*, Op. Cit., p. 855/858/862.

²⁶⁷ “Hungria. Enterra o seu passado”. *Veja*: Edição: 1.124, 04.04.1990, p. 45.

²⁶⁸ Idem.

regime. Nosso país será um Estado independente, democrático e legal, onde os valores da democracia burguesa e do socialismo democrático terão igual expressão.²⁶⁹

A restauração do capitalismo na Hungria foi caracterizada por *Veja* como uma revanche dos húngaros contra o comunismo. Assim como na Polônia, a Hungria se tornou para a revista um símbolo de resistência e luta contra o socialismo soviético.

Na *Veja*, a Hungria consolidou sua transição para a economia de mercado por meio da proclamação de uma nova “república democrática”. A nova república húngara representava um novo projeto de nação que derrubou o “antigo regime”.

3.4. *Veja* e a ovelha vermelha do bloco soviético

Se para *Veja*, a Hungria foi o laboratório das reformas econômicas e políticas do bloco soviético, a Alemanha Oriental seria a “ovelha vermelha e o cacife”²⁷⁰ do Leste Europeu. De acordo com Arantes²⁷¹, a RDA (República Democrática Alemã) constituiu a etapa crítica na cadeia de decisões oficiais que deu início ao processo de desmantelamento do sistema neostalinista.

Desde o início, a porção da Alemanha sob influência da URSS esteve na linha de frente dos confrontos na Guerra Fria. No entanto, a RDA representava um ponto débil no bloco de países neostalinistas, pela inevitável comparação, aos olhos de seus próprios cidadãos, entre os níveis de vida das duas Alemanhas.

Arantes²⁷² afirma que a RDA viu-se apanhada na mesma armadilha em que caíram a Polônia, a Hungria e a Romênia, com o agravante de que ao longo de suas fronteiras se estendia um Estado mais rico, que podia reclamar a lealdade política de seus cidadãos. Como nos demais casos, a atitude de Gorbachev inibiu a determinação dos dirigentes da RDA de proteger seu Estado, se necessário com medidas maciças de repressão, como tinha acontecido em 1953 em Berlim, em 1956 na Hungria, em 1968 na Tchecoslováquia e em 1981 na Polônia.

Para *Veja*, a República Democrática Alemã foi caracterizada da seguinte forma:

A posição da Alemanha Oriental à frente da chamada Gangue dos Quatro, os países do bloco comunista que não só não aderiram aos ventos reformistas que sopram em Moscou, Varsóvia e Budapeste como lhes movem uma oposição cerrada. Pastoreadas pelo regime do

²⁶⁹ “A doce revanche”, Op. Cit., p. 54-55.

²⁷⁰ “As Ovelhas Vermelhas”. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989, p. 54.

²⁷¹ ARANTES JR., Op. Cit., p. 314.

²⁷² Idem.

secretário-geral Erich Honecker, as ovelhas vermelhas do reformismo têm destaque na Checoslováquia, onde a mudança na direção do partido, em dezembro de 1987, abriu caminho a alguns reajustes na economia, mas a rigidez política continua inabalada. A gangue da linha dura inclui ainda a imutável Bulgária e a Romênia, onde a personalidade alucinada de Nicolae Ceausescu, está conduzindo o país à ruína.²⁷³

Com relação aos outros países do bloco soviético, nos discursos de *Veja* a RDA era considerada a “ovelha vermelha”²⁷⁴ do bloco soviético. O país, para a revista, tinha uma economia “produtiva e eficiente”²⁷⁵, na medida em que lá liderava a “Gangue dos Quatro na oposição à política de reformas”²⁷⁶. Ainda, para a revista, a

Alemanha Oriental, é um país de 17 milhões de habitantes, exibe a décima maior economia do mundo e, de longe, a mais eficiente do bloco socialista. "Através de caminhos diferentes, A União Soviética e a Alemanha Oriental buscam os mesmos objetivos". Com a economia robustecida, um elevado padrão político que lhe dá cacife para se contrapor aos reformistas do bloco socialista, a Alemanha Oriental, por ironia, é um dos problemas nevrálgicos da Europa. A Alemanha é um país só, com história e tradições comuns, que foi artificialmente partido ao meio só no final da II Guerra Mundial.²⁷⁷

Para analisarmos a transição da Alemanha Oriental para a economia de mercado procuramos evidenciar como *Veja* defendeu o seu discurso neoliberal frente à queda do muro de Berlim e, conseqüentemente, frente ao colapso do bloco soviético.

Nas análises das matérias procuramos entender como: *Veja* representou a RDA em suas páginas? Como foi a cobertura jornalística de *Veja* com relação à queda do muro de Berlim? As matérias utilizadas na pesquisa foram as seguintes:

Tabela 6. Matérias sobre Alemanha Oriental

Ano	Edição de <i>Veja</i>	Seção	Título	Subtítulo
05/04/1989	1.074	Internacional	As ovelhas Vermelhas	Com economia produtiva e eficiente a Alemanha Oriental lidera a Gangue dos quatro na oposição à política de reformas.
13/09/1989	1.096	Internacional	Adeus para quem fica	Alemães-orientais cansam de esperar por mudanças e abandonam, aos milhares, a ditadura comunista em busca da liberdade na Alemanha Ocidental

²⁷³ “As Ovelhas Vermelhas”, Op. Cit.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Ibidem.

²⁷⁶ Ibid.

²⁷⁷ Ibid.

20/09/1989	1.097	Internacional	Cortina rasgada	A fuga de milhares de jovens da Alemanha comunista para o lado do capitalista mostra, na prática, qual dos dois regimes deu melhores resultados. Fuga em três atos
11/10/1989	1.100	Internacional	Infeliz Aniversário	A Alemanha Oriental chega à crise dos quarenta anos: milhares fogem para o Ocidente, e quem fica quer reformas já.
25/10/1989	1.102	Internacional	Começa a Transição	Uma avalanche de protestos encerra a carreira de Eric Honecker e abre caminho para reformas
15/11/1989	1.105	Internacional	Já raiou a Liberdade	O muro de Berlim cai com festa, aplausos e champanhe, marcando o fim da Europa dividida do pós-guerra e o início de uma nova era de surpresas.

Fonte: acervo digital. Veja.

Assim como nas outras democracias populares e na União Soviética, *Veja* expôs e defendeu uma medida capitalista para o país. No entanto, nas matérias pode-se perscrutar uma certa resistência política por parte dos alemães-orientais na restauração do capitalismo:

“Gostaríamos que essa gente pudesse ficar do lado de lá, para que a reunificação alemã não se realizasse apenas no solo da Alemanha Ocidental”, declarou na semana passada o secretário de Estado do Ministério do interior de Bonn, Walter Priesnitz.²⁷⁸

A hipótese de um fechamento total, à la China, parece bem plausível em círculos de eminentes exilados, como professor Wolfgang Seiffert, ex-assessor de Honecker, hoje vivendo no Ocidente [...] O inflexível regime comunista da Alemanha Oriental para mudar de sistema, a única opção era emigrar para a Alemanha Ocidental, como fizeram este ano 123.000 alemães-orientais, legal ou ilegalmente.²⁷⁹

As primeiras matérias retratavam como o país resistiu até o último momento às reformas econômicas e políticas e a transição para a economia de mercado. Para *Veja*, a RDA representava um dos “rígidos regimes ditatoriais da Europa Oriental, o país cuja capital, Berlim, é dividida e cercada por um muro para obrigar seus cidadãos a desfrutar as delícias do comunismo”.²⁸⁰

A aceleração do processo de restauração do capitalismo na Alemanha Oriental só iniciou porque o líder húngaro Grosz tomou uma medida política dentro da Hungria, qual seja a abertura das fronteiras do país com a Áustria. Essa atitude do governo húngaro teve

²⁷⁸ “Adeus para quem fica”. *Veja*: Edição: 1.096, 13.09.1989, p. 64.

²⁷⁹ “Começa a transição”. *Veja*: Edição: 1.102, 25.10.1989, p. 66.

²⁸⁰ “As Ovelhas Vermelhas”, *Op. Cit.*, p. 54.

graves consequências dentro da Alemanha oriental: o principal foi a fuga em massa de milhares de alemães-orientais para a RFA (República Federal Alemã).

Como *Veja* percebera estas mudanças?

As duas Alemanhas e a Hungria que se transformou no caminho mais fácil para a fuga desde maio, quando o governo de Budapeste, em meio a audaciosas reformas políticas e econômicas, começou a desmontar a cerca de arame farpado na fronteira com a Áustria, uma das linhas que desde o final da II Guerra marcava a divisão ideológica da Europa. No centro do debate está o complexo processo de transição ensaiado por alguns países do bloco socialista, entre os quais a Hungria, em direção a algum tipo de democracia. Subitamente, os reformistas que comandam o PC húngaro viram-se entre o desejo de aproximação com o Ocidente, via Alemanha Ocidental, e o receio de se encontrarem isolados dentro do bloco comunista num momento crucial para o seu processo de reformas.²⁸¹

O ministro húngaro do Exterior, Gyula Horn, acabava de anunciar que a partir da meia-noite a fronteira com a Áustria estaria aberta para quem quisesse partir para os campos de refugiados montados pela Alemanha Ocidental na cidade de Passau. Como se tivesse sido dada a largada para uma corrida de Fórmula 1, os velhos carros Trabant dos alemães-orientais dispararam em direção à fronteira. Até os quinze primeiros minutos de domingo, 300 carros já tinham passado por um único ponto de travessia, entre Hegyeshalom (Hungria) e Nickelsdorf (Áustria).²⁸²

Essa medida tomada pelo governo da Hungria causou uma reação dentro da Alemanha Oriental. Dentre as consequências, a desestabilização política e econômica do governo de Erich Honecker e, mais à frente, a queda do muro de Berlim. Para *Veja*: “A debandada de milhares de alemães-orientais, em sua maioria de boa formação profissional, provocou acessos de fúria no esclerosado regime de Erich Honecker, o mandachuva comunista de Berlim Leste”.²⁸³

A revista publicara que a RDA acusava a RFA de promover uma “cruzada imperialista contra o socialismo”²⁸⁴, tentando mostrar que a RDA era um governo comunista que impedia as pessoas de atravessar a fronteira para o lado ocidental, mantendo-as completamente isoladas do “mundo livre”. A medida tomada na Hungria e seu impacto nos países que gravitavam no bloco soviético teria consolidado a única saída importante defendida por *Veja*:

Ao abrir a porteira para qualquer cidadão do Leste Europeu interessado em emigrar rumo à terra prometida no Ocidente, a Hungria atropelou

²⁸¹ “Adeus para quem fica”, Op. Cit., p. 62.

²⁸² “Cortina Rasgada”, Op. Cit.

²⁸³ Idem.

²⁸⁴ Ibidem.

uma regra de ouro do bloco socialista. A partir da semana passada, a Cortina de Ferro, se não deixou completamente de existir, começou a se transformar num trambolho inútil — afinal, de que vale uma muralha com um buraco aberto? O Leste Europeu vive, agora, numa situação tão surrealista quanto a de um presídio onde os guardas mandam chumbo sobre quem tentar pular o muro, mas, nos fundos do pátio, há portinha aberta noite e dia à disposição dos fugitivos.²⁸⁵

A matéria intitulada “Adeus para quem fica. Alemães-orientais cansam de esperar por mudanças e abandonam, aos milhares, a ditadura comunista em busca da liberdade na Alemanha Ocidental²⁸⁶”, demonstrava como a revista objetivava caracterizar esse processo de migração política entre a RDA e a RFA. Em suas páginas, as fugas em massa foram demonstradas como uma luta social por liberdade política e por uma democracia, ou seja,

Alemães-orientais cansam de esperar por mudanças e abandonam, aos milhares, a ditadura comunista em busca da liberdade na Alemanha Ocidental deixando para trás o pesadelo do rígido comunismo da Alemanha Oriental.²⁸⁷

Os alemães-orientais, para *Veja*, fugiam para desfrutar da “liberdade e à prosperidade oferecidas pelo ocidente”²⁸⁸. As fugas eram fruto de questões “políticas”: “Os alemães-orientais que protagonizaram a mais espetacular onda de fugas desde a construção do Muro de Berlim, em 1961, não são perseguidos políticos ou militantes da oposição. Mas a razão maior para dizer adeus ao país é ainda assim política”.²⁸⁹

Essas fugas em massa apresentavam outra face do processo político alemão. Para *Veja*: “A fuga de milhares de jovens da Alemanha comunista para o lado capitalista mostra, na prática, qual dos dois regimes deu melhores resultados”.²⁹⁰

Por outro lado, a transição da RDA para economia de mercado gerou alguns questionamentos por parte da revista. Era preciso, segundo ela, explicar o que tinha dado “errado” no lado comunista:

O alegre êxodo dos alemães-orientais tem origem num Estado rico sempre em termos de comunismo e estável. A maioria dos que fogem são jovens, pessoas que cresceram e foram doutrinadas pelo regime ao longo dos anos e não tiveram acesso a opiniões contrárias às do governo. Nem por isso essa educação criou laços suficientemente fortes

²⁸⁵ Ibid.

²⁸⁶ “Adeus para quem fica”, Op. Cit.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ Ibidem.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ “Cortina Rasgada”, Op. Cit.

para mantê-los na metade oriental da Alemanha. Não se trata, no caso, de um erro de educação, e sim de doutrina. É impossível sustentar, como o Partido Comunista Alemão fez durante décadas, que é necessário cercear a liberdade para incrementar o desenvolvimento econômico. Com democracia, a Alemanha do Oeste tem hoje um padrão de vida duas vezes superior ao da sua vizinha do Leste, oportunidade de emprego e crescimento pessoal e profissional. A ditadura da Alemanha não conseguiu esconder esses fatos simples dos jovens de seu país.²⁹¹

Dessa maneira, as fugas em massas dos alemães-orientais para o lado ocidental foram demonstradas nas páginas de *Veja* como um “êxodo (que) acontece em um dos países mais ricos do bloco soviético”²⁹². Esse êxodo entre as duas Alemanhas, como *Veja* legitimava e ironizava, causou na RDA

[...] uma dolorosa hemorragia social na Alemanha comunista [...] Com essa sangria desatada nos órgãos vitais do sistema social, o regime comunista viu-se atacado, também, pelo vírus da reforma no lado de dentro.²⁹³

A RDA representava, para *Veja*, o símbolo de um mundo dividido em dois lados opostos, por isso, para a revista o país seria uma “Cortina Rasgada”²⁹⁴. Nessa matéria, montou o perfil econômico e político das duas Alemanhas e comparou os dois países, de forma a demonstrar qual lado tinha “dado certo”. Pode-se estabelecer um quadro comparativo a respeito das duas Alemanhas (abaixo).

Tabela 7. *Veja* e o perfil econômico e político das duas Alemanhas.

RDA (República Democrática Alemã)	RFA (República Federal Alemã)
Alemanha, a do Leste	Alemanha, situada no Oeste
Fundou-se a república popular socialista sobre os pilares do igualitarismo, da fraternidade, do pleno emprego, da remuneração justa e, numa outra abordagem, vigorou o regime do terrorismo stalinista, da ditadura do partido único, da perseguição aos dissidentes, da estatização total da economia.	Implantou-se o regime capitalista, baseado na livre concorrência, na iniciativa privada, na liberdade, no pluralismo político e, de um outro ponto de vista, na exploração do homem pelo homem, no domínio de uma classe sobre as outras e na alienação total.
A União Soviética ajudava a Alemanha comunista	Os Estados Unidos, a capitalista.
A comunista ficou com o território predominantemente agrário.	A capitalista com o mais industrializado.

²⁹¹ Idem.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ “Já raiou a Liberdade”. *Veja*: Edição: 1.105, 15.11.1989, p. 135.

²⁹⁴ “Cortina Rasgada”, Op. Cit.

<p>Perto da Polónia, da Albânia e até da União Soviética, a Alemanha Oriental sugere um paraíso. Proporcionalmente, ela ganhou mais medalhas nas últimas Olimpíadas que a URSS. Posta ao lado de países onde existe admiração pelo modelo estatizante de desenvolvimento, a República Democrática Alemã também é uma maravilha.</p>	<p>A Alemanha Ocidental é o país mais rico da Europa do Leste, tem uma renda per capita de mais de 7 000 dólares, registrou um crescimento industrial de 25% na primeira metade desta década e não sabe o que é desemprego. Há ensino e tratamento de saúde socializados, e se desconhece a miséria.</p>
<p>A Alemanha Oriental apesar de seu tremendo triunfo no mundo do socialismo, algo deu muito errado no país.</p>	<p>No lado de lá do muro, na Alemanha do Ocidente, as coisas deram muito certo. O país recuperou-se rapidamente da destruição no final da guerra e transformou-se na maior potência europeia. Em matéria de progresso econômico, disputa o primeiro lugar com os Estados Unidos e o Japão. A Alemanha Ocidental faz investimentos em praticamente todo o mundo e atrai para o seu território migrantes turcos e iugoslavos.</p>

Fonte: acervo digital. Veja. Montagem de tabela realizada por Sabrina Rodrigues. In: “Cortina Rasgada”.
Veja: Edição: 1.097, 20.09.1989.

As migrações dos alemães-orientais de um lado para outro foram feitas por meio de trens. *Veja* caracterizou essas locomotivas como “Trens da Liberdade”²⁹⁵.

Para iniciar o processo de restauração do capitalismo na Alemanha Oriental, faltaria somente um “Maquinista”²⁹⁶ que pudesse conduzir essa transição do país para economia de mercado. Essas fugas causaram a primeira abertura política dentro do país. *Veja* afirmava que:

Os cidadãos vivendo sob o regime comunista puderam constatar como se vive realmente sob o tacão do capitalismo decadente, da fúria imperialista, da anarquia da produção, da lei da selva do darwinismo social onde só os mais fortes sobrevivem, da exploração desumana da força de trabalho do operariado. Viram a situação real e, na primeira oportunidade, se mudaram aos magotes para o país capitalista irmão.²⁹⁷

A queda da “ditadura alemã-oriental” – como *Veja* chamava a RDA – simbolizava o início da desagregação do comunismo. Para a revista, o “fim do comunismo” foi representado como uma

DOENÇA — A desagregação do comunismo é um fenômeno que atinge o mundo inteiro. A Desagregação é a palavra que define bem o que está ocorrendo no mundo comunista. A utopia terrorista da centralização total, envolvendo centenas de milhões de pessoas de dezenas de países, está despencando em todos os quadrantes desde que Mikhail Gorbachev, pressionado pela nefanda situação econômica da União Soviética, iniciou a política da abertura, da *glasnost*.²⁹⁸

²⁹⁵ “Infeliz Aniversário”. Veja: Edição: 1.100, 11.10.1989, p. 65.

²⁹⁶ “Adeus para quem fica”, Op. Cit.

²⁹⁷ “Cortina Rasgada”, Op. Cit.

²⁹⁸ Idem, p. 66.

Em 1989, a Alemanha Oriental foi encorajada, assim como os outros países, pelas reformas liberais implantadas pela *perestroika* e a *glasnost*. Visto que as políticas de Gorbachev influenciavam dentro da Alemanha Oriental, e com abertura da fronteira da Hungria com a Áustria, o Estado alemão demonstrou a incapacidade de controlar as manifestações políticas que ocorriam dentro do país e as fugas em massas dos alemães orientais para o lado ocidental. A desagregação do poder alemão e a incapacidade de resistir às reformas liberais resultaram na renúncia do líder alemão Erich Honecker (ocorrida na mesma semana do aniversário da RDA) frente a suas funções do partido e da Alemanha Oriental.

Para *Veja*, não só a renúncia de Honecker marcou o início da restauração do capitalismo alemão, como as fugas em massa desestabilizaram totalmente o país, ocasionando, mais à frente, a queda do muro de Berlim. A matéria “O Infeliz aniversário. A Alemanha Oriental chega à crise dos quarenta anos: milhares fogem para o Ocidente, e quem fica quer reformas já”²⁹⁹ era uma mostra de como *Veja* queria representar a comemoração dos quarenta anos da RDA:

As cenas nas ruas de Berlim, quase patéticas, ilustraram com perfeição o clima sombrio do infeliz aniversário. Em lugar de uma oportunidade para exaltar as virtudes do socialismo, que em quarenta anos transformaram a metade comunista da Alemanha de um território reduzido a cinzas pela guerra no país economicamente mais bem-sucedido da Europa Oriental, Honecker sente o chão rachando sob seus pés.³⁰⁰

Para *Veja*, a comemoração dos quarenta anos da república democrática alemã representou uma transição que ocasionou “uma avalanche de protestos que encerrou a carreira de Erich Honecker e abre caminho para reformas”³⁰¹. Deste modo, os diferentes fatores políticos desencadeados dentro da RDA foram caracterizados por *Veja* como “Efeito Dominó”³⁰²:

Dois dias depois, o carrancudo Partido Comunista alemão-oriental deu o sinal mais eloquente de que já não consegue resistir à avalanche do movimento pelas reformas. O secretário-geral Erich Honecker, símbolo da ortodoxia do regime, renunciou e passou o comando do partido ao seu braço direito, Egon Krenz.³⁰³ (...) Símbolo da resistência às

²⁹⁹ “Infeliz Aniversário”, Op. Cit.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ “Começa a transição”, Op. Cit.

³⁰² “Infeliz Aniversário”, Op. Cit., p. 67.

³⁰³ “Começa a transição”, Op. Cit.

reformas até a semana passada, a sisuda Alemanha Oriental experimenta agora o principal efeito colateral da *perestroika* soviética — o "efeito dominó", que derruba pedra por pedra o bloco comunista. Tímida e restrita se comparada ao vendaval que varre países como a Hungria e a Polónia, a troca de guarda no PC alemão-oriental marca o início de um processo para o qual dificilmente existe marcha a ré.³⁰⁴

Adiante, o líder Egon Krenz foi apresentado por *Veja* como um representante que não levaria a cabo as reformas no país. Nos termos da revista, Krenz tinha um desafio pela frente: “ou se torna um novo Gorbachev e promove reformas ou tenta a ressurreição do regime atual para mostrar que ele ainda funciona”.³⁰⁵

Em novembro de 1989, o Muro de Berlim veio abaixo. Assim como em toda imprensa liberal, nas páginas de *Veja* esse evento político simbolizou o “fim do comunismo”:

O fim espantosamente súbito do Muro de Berlim não marca apenas a débâcle inglória do regime ditatorial da Alemanha Oriental. Tampouco significa somente a conquista do direito básico de ir e vir na cidade artificialmente dividida em duas em 1961. O esboroamento do Muro de Berlim serve de símbolo para um dos maiores fatos históricos do século XX. O século que foi marcado pela I Guerra Mundial, deflagrada pela Alemanha em 1914, que esteve na gênese da revolução que instaurou o comunismo na Rússia em 1917, o século que viu a Alemanha se armar até os dentes e provocar a II Guerra Mundial em 1939, que resultou na derrota do nazismo e na divisão da Europa em dois blocos e do mundo em duas doutrinas — o comunismo e o capitalismo —, é esse século que teve seu maior marco derrubado na semana passada.³⁰⁶

A queda do Muro de Berlim foi demonstrada por *Veja* como uma consequência das manifestações e reivindicações políticas dos alemães-orientais e das implantações de reformas liberais dentro do país. Enquanto o muro “caía”, no Brasil o país estava comemorando a proclamação da República e a volta das eleições diretas.

A matéria intitulada “Já raiou a liberdade. O Muro de Berlim cai com festa, aplausos e champanhe, marcando o fim da Europa dividida do pós-guerra e o início de uma nova era de surpresas”³⁰⁷ demonstrou a associação simbólica (e concreta) feita pela revista (e tantos outros meios de comunicação, como a rede Globo) entre o conceito de “festa” e a restauração do capitalismo na Alemanha “unificada”.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Ibidem.

³⁰⁶ “Já raiou a Liberdade”, Op. Cit., p. 130.

³⁰⁷ Idem.

Além disso, a matéria “Já raiou a liberdade” fazia alusão à proclamação e à independência de uma nova nação (a alemã). No Brasil, além da data de 15 de novembro remeter à proclamação da República, a frase “Já raiou a liberdade” era uma apropriação de trecho do hino da independência brasileira.

O título “Já raiou a liberdade” possuía, portanto, dois sentidos. O primeiro era que a Alemanha oriental era independente da União Soviética e, o segundo, remetia à liberdade econômica e política que a RDA tinha conquistado no processo de restauração do capitalismo. Para *Veja*:

A Europa dividida do pós-guerra acabou, o regime comunista da Alemanha Oriental implodiu, o seu símbolo mais tenebroso — o Muro de Berlim — começou a vir abaixo e o mundo inteiro presenciou uma mudança histórica numa única noite, de quinta para sexta-feira da semana passada. Tudo isso sem sangue nem exércitos, sem armas nem interferências externas, sem sofrimento. Ao contrário, a Europa criada ao fim da II Guerra Mundial e à qual o planeta todo se acostumou a ver, por força de um hábito consumado ao longo de cinquenta anos, como um continente dividido, terminou com um enorme carnaval. Flores, lágrimas, aplausos, gritos de alegria, uma montanha de garrafas de champanhe e a inebriante sensação de participar de um daqueles momentos que levam décadas ou até séculos para acontecer, quando a História dá um salto rumo ao novo, selaram o porre de liberdade tomado dos dois lados de Berlim.³⁰⁸

A queda do muro de Berlim simbolizou um ato de “liberdade” e “independência” alemã, além de significar a caída de um dos maiores ícones do comunismo. Primeiro, porque o comunismo tinha nascido na Alemanha e segundo porque a RDA e a União Soviética juntas resistiram até o final às reformas liberais. Em seus discursos, *Veja* afirmava que a queda do muro foi um evento político que marcou o século XX.

Em 1990, a transição da Alemanha Oriental para a economia de mercado acabou ocasionando a reunificação alemã. Nas páginas de *Veja*, a reunificação foi representada de duas maneiras: ora como um processo natural causados pelas reformas liberais implantadas no Leste Europeu, ora como problema político a ser enfrentado pelo Continente.

A reunificação das duas Alemanhas tinha como objetivo a união dos dois lados, a RDA e a RFA. Neste sentido, a discussão do ressurgimento da Alemanha como nação partiu da ideia de como seria a atuação dessa nova potência econômica e militar dentro da Europa. A Alemanha Oriental (re) nasceria dentro de uma “nova” ordem política,

³⁰⁸ Idem.

configurando-se como um país que emergiria como potência central na Europa a contar dos anos noventa.

3.5. *Veja*: URSS e Gorbachev

A URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) junto com a Alemanha Oriental foi um dos países que resistiriam até o final à transição da economia planificada para a economia de mercado.

Somente a partir de 1991 que as repúblicas socialistas soviéticas iniciaram a sua restauração capitalista. O resultado desse processo político-econômico foi o desmembramento e a proclamação da independência de diferentes repúblicas socialistas. No decorrer do processo de restauração do capitalismo dentro do Leste Europeu, *Veja* em suas páginas, construiu a imagem de alguns representantes políticos.

Para *Veja*, Mikhail Gorbachev - dentro da União Soviética - seria esse representante que levaria adiante a transição de uma economia para a outra. Portanto, as matérias analisadas na pesquisa foram publicadas entre os anos de 1989 a 1992; contudo, nossa pesquisa não abarcou a cobertura jornalística que a revista fez sobre o fim da URSS.

No decorrer de nossa análise, percebemos que *Veja* evidenciou na maior parte do tempo a atuação política do líder soviético Gorbachev na URSS e suas influências dentro do bloco soviético. As diferentes matérias e reportagens que *Veja* publicou sobre Gorbachev referiam-se aos desafios enfrentados pelo líder soviético e o processo de restauração do capitalismo dentro da URSS.

Desde o início, as reformas implantadas por Gorbachev tinham um objetivo de reformar o sistema político, econômico e social da União Soviética: ele, de fato, foi o precursor da restauração do capitalismo no bloco soviético. Em *Veja*, Gorbachev foi destacado como uma das principais personalidades da transição da economia planificada para a economia de mercado, expondo e defendendo o seu próprio discurso neoliberal por meio de medidas, também neoliberais, que deveriam ser implementadas nos países do Leste Europeu. No caso da União Soviética, a aceleração e consolidação das reformas liberais nas repúblicas.

Inicialmente, a única saída capitalista prevista pela revista era Gorbachev, mas no decorrer do processo político de desmanche e dos desmembramentos das repúblicas foram aparecendo novas personalidades políticas, caso de Boris Yeltsin.

De acordo com Franciscon, “o perfil de Gorbachev, nas páginas de *Veja*, nos anos oitenta, ora aparecia como reformista ora aparecia como um pacifista”³⁰⁹. Nesse período, Gorbachev aparece nas páginas de *Veja* como o líder que assumiria o poder para salvaguardar a União Soviética: “Gorbachev: ‘Vamos trabalhar juntos e continuar lutando pela bandeira do socialismo’³¹⁰ ou “Salvar o comunismo era o projeto de Mikhail Gorbachev ao assumir o poder na União Soviética”.³¹¹

Segundo Lello, um político português socialista

Gorbachev foi adaptando o seu caderno de encargos aos desafios com que se ia deparando. E foi assim que sua política visava à partida a mera reforma do sistema - a tal *perestroika* - iria, enfim, colocar tudo em causa, designadamente o sistema, através da *glasnost*, a tão consagrada transparência, alavanca portentosa da política pura”. Nos finais dos anos oitenta, o líder soviético enfrentou o acirramento das disputas políticas dentro dos PCUS (Partido Comunista da União Soviética), a burguesia liberal tomava os espaços e posições políticas frente ao Politburo.³¹²

Nos anos oitenta, segundo Arbex “Gorbachev foi um ‘reformista’ que pretendeu ‘democratizar’ a União Soviética no sentido da instauração de uma ‘economia de mercado’”³¹³. Ainda nas palavras do autor:

Na imprensa, a imagem de Gorbachev era a sensação de falsa familiaridade da opinião pública mundial com “Gorbi”. Dava ao mundo a impressão de que ele era um líder bem conhecido, interpretado e compreendido.³¹⁴

Para entendermos como *Veja* construiu a cobertura jornalística sobre o processo de restauração do capitalismo na União Soviética, procuramos compreender como a revista construiu o perfil e a atuação política de Gorbachev, nos anos oitenta e início dos anos noventa. As matérias utilizadas na pesquisa foram:

³⁰⁹ FRANCISCON, Op. Cit., p. 39-40/49.

³¹⁰ “Infeliz Aniversário”. Edição: 1.100. *Veja*: 11/10/1989, p. 64.

³¹¹ “Opção Capitalista”. Edição: 1.132. *Veja*: 30/05/1990, p. 30.

³¹² LELLO, José. *A Leste tudo de novo*. Texto disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2688/1/NeD54_JoseLello.pdf Acesso: 18.01.2017.

³¹³ ARBEX JR. José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001, p. 215.

³¹⁴ Idem, p. 23.

Tabela. 8. Matérias sobre a URSS e Gorbachev

Ano	Edição de Veja	Seção	Título	Subtítulos
22/03/1989	1.072	Internacional	A terra liberada	Com a política de reformas ameaçada e a produção de alimentos em crise, Gorbachev restaura a propriedade privada no campo.
21/06/1989	1.084	Internacional	A esperança do Leste	Gorbachev é recebido com festa propõe menos armas e mais comércio e diz que o Muro de Berlim pode cair.
26/07/1989	1.089	Internacional	O desafio da massa	Mineiros soviéticos deflagram a maior greve em setenta anos de comunismo e submetem as reformas de Gorbachev à sua mais dura prova
01/11/1989	1.103	Internacional	URSS. Sinatra agora dá o tom	A <i>Glasnost</i> batiza sua linha de política externa de Doutrina Sinatra, aquela em cada país segue em seu caminho
13/12/1989	1.109	Internacional	O General Inverno	Mais popular no Ocidente do que entre os soviéticos, Gorbachev enfrenta o desafio do frio das prateleiras vazias e das rebeliões nacionalistas
09/05/1990	1.129	Internacional	Democracia dói	Vaiado na Praça Vermelha, Gorbachev sente na pele o lado espinhoso da liberdade, enquanto o Leste Europeu enfrenta as dificuldades da transição.
30/05/1990	1.132	Internacional	Opção capitalista	Com um pacote econômico liberal, o Kremlin dinamita os pilares do comunismo e finca os alicerces de um sistema de mercado.

Fonte: acervo digital. Veja.

Gorbachev tornou-se uma liderança importante para a *Veja*. Uma das primeiras matérias que analisamos foi a respeito das reformas da *perestroika* e da *glasnost* implantadas pelo próprio líder soviético dentro da URSS. Em março de 1989, a matéria intitulada “A terra liberada. Com a política de reformas ameaçada e a produção de alimentos em crise, Gorbachev restaura a propriedade privada no campo”³¹⁵ demonstrava como *Veja* defendia a volta da propriedade privada e os desafios enfrentados pelo líder soviético dentro da União Soviética:

As reformas que o presidente Mikhail Gorbachev tenta introduzir nesse mesmo regime para salvar o país do declínio enfrentam uma prova de vida ou morte. A *perestroika*, ao entrar em seu quinto ano, já trouxe à sociedade soviética uma injeção de democracia sem precedentes, mas o desabastecimento de alimentos e de bens de consumo aumentou, em lugar de diminuir, e a política de reformas corre o risco de colapso se não vencer o desafio de levar mais comida às mesas dos cidadãos. Diante do impasse, a saída proposta pelo Kremlin é a mesma de setenta anos atrás. Em apuros, o governo comunista ressuscita a única ideia que

³¹⁵ “A terra liberada”. *Veja*: Edição: 1.072, 22.03.1989, p. 42.

se mostra, ao longo dos tempos, capaz de mobilizar a população rural e encher as despensas dos soviéticos: a propriedade privada.³¹⁶

Em *Veja*, o restabelecimento da propriedade privada foi apresentado como uma resposta para sanar as crises alimentícias e econômicas que aconteciam na União Soviética, assim como seria uma saída econômica para o país e tinha como objetivo manter o desenvolvimento econômico.

A expressão “propriedade privada” na *Veja* sempre vinha ligada à liberdade econômica e política: “A única solução é dar aos agricultores a total liberdade para produzir o que quiserem e como quiserem”³¹⁷. A propriedade privada é a base do capitalismo, “é esta que mediante o processo generalizado de alienação, que permeia a sociedade civil (esfera das necessidades e relações materiais dos indivíduos)”.³¹⁸

A volta da propriedade privada na União soviética foi parte de um plano econômico implantado e pressionado pela burguesia durante o governo de Gorbachev para solucionar os problemas de abastecimento de alimentos:

O programa prevê a entrega gradual de terras a agricultores, para a exploração particular por um período de até cinquenta anos, com a possibilidade de renovação e o direito de transmissão aos herdeiros. Ou seja, na prática restaura-se a propriedade privada [...] O agricultor passa a ser recompensado de acordo com o que produz, exatamente como em qualquer país capitalista. Esse plano permitirá resolver totalmente o problema do abastecimento de alimentos no país em breve prazo.³¹⁹

Um dos líderes que defendia esse plano econômico era Boris Yeltsin. O projeto previa o restabelecimento total da propriedade privada e o desmonte da economia planificada soviética. Além disso, a restauração da propriedade privada previa a liberação do livre mercado e a livre iniciativa privada.

A *perestroika* e *glasnost* representavam tanto no plano econômico quanto no político a superação da crise soviética econômica e a restauração do capitalismo das repúblicas socialistas. No início da transição para economia de mercado tanto da URSS quanto das democracias populares, Gorbachev foi apresentado por *Veja* como a “Esperança no Leste”.³²⁰

³¹⁶ Idem.

³¹⁷ Idem, p. 43.

³¹⁸ MARX, Op. Cit., p. 26-27.

³¹⁹ “A terra liberada”, Op. Cit.

³²⁰ “A esperança do Leste”, Op. Cit., p. 59.

A popularidade de Gorbachev, conforme a visão de *Veja*, era a de um estadista que representava a pacificação e o desarmamento do Leste Europeu. Na revista “o líder representava as mudanças dentro do bloco soviético”³²¹. Porém, a própria revista ponderava: “o líder soviético dependia do sucesso da *perestroika* e da força dos marcos alemães para fazer a diferença”³²². Gorbachev não só deu o pontapé inicial para a restauração do capitalismo na URSS como enfrentou diferentes desafios causados pela *perestroika* e a *glasnost*.

Como contraponto à visão de *Veja*, os estudos de Canary³²³ mostram que a *perestroika* atacava ao mesmo tempo: 1) o caráter nacional (estatal) da propriedade, com as privatizações e a criação de novas empresas capitalistas e cooperativas privadas; 2) o monopólio estatal do comércio exterior (liberalização do comércio exterior) e 3) a planificação econômica, com a extinção do Gosplan (“Plano Estatal”, uma espécie de ministério do planejamento) como mediador entre as empresas. Ainda segundo Canary:

O plano econômico de Gorbachev destruiu de uma só vez os três pilares fundamentais do Estado operário. Além disso, vinha acompanhado de concessões democráticas, como a *Glasnost* (“transparência”, em tradução livre) e de uma falsa “devolução” da propriedade estatal diretamente ao povo, por meio dos famosos “vouchers”, títulos da propriedade estatal global que foram distribuídos igualmente a todos os cidadãos soviéticos ao longo do processo de privatização. O bolo estava envenenado, mas a cereja era atraente.³²⁴

As primeiras consequências dessas reformas implantadas na União Soviética foram o desmonte do Estado soviético. Os desafios enfrentados por Gorbachev não se mostravam apenas no aspecto econômico, mas também no aspecto político. Esses desafios foram as diferentes greves e manifestações políticas que estouravam em diversas regiões da União Soviética.

As greves deflagradas na União Soviética foram demonstradas em algumas matérias publicadas por *Veja*, como está: “O desafio da massa. Mineiros soviéticos deflagram a maior greve em setenta anos de comunismo e submetem as reformas de Gorbachev à sua mais dura prova”³²⁵. Para *Veja*, as greves apareciam como uma face contraditória do socialismo real:

³²¹ Idem.

³²² Ibidem.

³²³ CANARY, Henrique. Dez notas e uma hipótese sobre a restauração capitalista na URSS. Texto disponível em: <http://blog.esquerdaonline.com>. Acesso: 17.10.2016, p. 2.

³²⁴ Idem, p. 3.

³²⁵ “O desafio da massa”. *Veja*: Edição: 1.089, 26.07.1989, p. 46.

Na semana passada, a palavra *zabastóvska* — greve, em russo — tornou-se tão familiar aos ouvidos soviéticos como, por exemplo, *perestroika* e *glasnost*, como se denominam, respectivamente, os esforços de reconstrução econômica e abertura política que tem mudado a face do país nos últimos anos. De um momento para e outro a União Soviética foi sacudida por uma onda jamais vista de greves, uma corrente de protesto que não se montava desde os idos de 1917 [...] mas por suas dimensões, espantosas para um país comunista, onde qualquer oposição era calada a força até pouco tempo atrás a maré de rebeldia entre as massas trabalhadoras soviéticas encerra um dramático atestado de falência do regime que há mais de meio século se implantou para acabar justamente com o tipo de exploração que justifica a realização de greves.³²⁶

Na *Veja*, as greves representavam um movimento de resistência dos trabalhadores contra o socialismo soviético. Ela utilizava ironias e metáforas para abordar os problemas econômicos e políticos produzidos pelas reformas liberais implantadas na União Soviética. Na revista “o país estava sob o Efeito Wiborowa”³²⁷ que seriam os problemas que as reformas causaram nas repúblicas socialistas e a distensão que Gorbachev tomava dos países: “Gorbachev dava claros sinais de inclinar-se muito mais em direção à distensão polonesa e aos relaxantes eflúvios do “efeito wiborowa”.³²⁸

O “efeito wiborowa”³²⁹ representava os problemas de alcoolismo que os soviéticos sempre enfrentaram. No entanto, desde os primeiros dias da revolução bolchevique de 1917, a solução encontrada fora a proibição de bebidas alcoólicas; porém, com o aumento do tráfico do produto, a União Soviética voltou a liberar a vendas de bebidas. O comércio de bebidas alcoólicas nas décadas seguintes dentro das repúblicas socialistas viera como uma solução política e econômica.

Gorbachev não só procurava lidar com as greves e manifestações políticas como procurou conter as distensões econômicas entre as repúblicas socialistas soviéticas e Moscou. Nas páginas de *Veja*, a posição política de que o líder soviético Mikhail Gorbachev tomava frente às repúblicas socialistas ficaria conhecida como “Doutrina Sinatra”³²⁹:

Mikhail Gorbachev já abandonou oficialmente a Doutrina Brejnev desde sua visita à Iugoslávia, no início de 1988, quando defendeu o direito de cada país escolher seu próprio caminho. Mas, como a mesma pergunta continua sendo feita, o porta-voz Guenadi Guerassimov,

³²⁶ Idem, p. 47.

³²⁷ Idem, p. 48.

³²⁸ Ibidem.

³²⁹ Wiborowa era o nome de uma vodca russa que foi vendida dentro da União Soviética.

experiente no uso da mídia ocidental, resolveu acrescentar o toque que faltava: dar um nome à nova doutrina soviética. Em entrevista dada quarta-feira passada à rede americana ABC, Guerassimov recorreu a um sucesso de Frank Sinatra, a música. My Way (Meu Jeito). "A Doutrina. Brejnev, como vocês a chamam, está morta e sem esperanças de ressurreição. Agora adotamos a Doutrina Sinatra. Ele tem uma canção que diz: "Eu fiz do meu jeito". "Então cada país deve decidir que rumo tomar".³³⁰

Essa expressão foi criada pelo líder Gennady Guerasimov (porta-voz de Gorbachev). Em *Veja*, a "doutrina Sinatra" demonstrava um líder político que procurou resolver os problemas econômicos das repúblicas socialistas soviéticas de forma pacífica e política. Essa nova estratégia política adotada por Gorbachev simbolizava a substituição da Doutrina Brejnev aplicada na URSS nas décadas de setenta e oitenta. Segundo os estudos de Lello:

As reformas aplicadas nas Democracias Populares e na URSS começava a ter uma certa credibilidade no ocidente e na imprensa mundial. Exatamente quando Gorbachev assume, de modo claro e inequívoco, o abandono da Doutrina Brejnev da soberania limitada. Divisava-se assim uma nova linha na política soviética em relação aos países da Europa Central. Política da qual, as democracias nascentes seguiriam o seu caminho - My Way - conforme o estribilho da célebre canção sublinhada.³³¹

A partir da nova política de Gorbachev, a União Soviética estaria aberta para a liberalização, assim como as democracias populares. Os problemas que Gorbachev enfrentou na União Soviética causados pela *perestroika* e a *glasnost* eram demonstrados por *Veja* como o "Feitiço contra o feiticeiro"³³²:

O lado irônico da situação atual é que muitos dos problemas que atormentavam Gorbachev foram provocados pelas próprias reformas que ele introduziu a fim de libertar a economia das amarras do planejamento centralizado.³³³

A matéria "Democracia dói. Vaiado na Praça Vermelha, Gorbachev sente na pele o lado espinhoso da liberdade, enquanto o Leste Europeu enfrenta as dificuldades da transição"³³⁴ também era reveladora de como a revista procurava disseminar as contradições do governo Gorbachev:

³³⁰ "URSS. Sinatra agora dá o tom". *Veja*: Edição: 1.103, 01.11.1989, p. 57.

³³¹ LELLO, Op. Cit..

³³² "O General Inverno". *Veja*: Edição: 1.109, 13.12.1989, p. 63.

³³³ Idem.

³³⁴ "Democracia dói", Op. Cit., p. 40.

O líder soviético, porém, não é o único chefe de Estado do Leste Europeu a passar por apuros em sua aventura pelos mares nunca dantes navegados da liberdade política. Também checos, poloneses húngaros romenos, búlgaros e alemães-orientais estão aprendendo a duras penas a conviver com a liberdade, depois de passar décadas submetidos a regimes totalitários que lhes ditavam o que fazer e como fazer. "Para passar da democracia à ditadura basta um dia, mas da ditadura à democracia leva muito tempo", reconhece o primeiro-ministro da Romênia, Petre Roman. As dificuldades são de todo tipo: o mar de lama que vem emergindo nas campanhas eleitorais, o desemprego e a inflação decorrentes da transição para a economia de mercado, o nacionalismo enfiado, os conflitos étnicos, a intolerância e até o antissemitismo. Aos poucos, soviéticos e europeus do Leste se dão conta de que as emocionantes jornadas democráticas do ano passado, que colocaram abaixo todos os governos comunistas nos países-satélites da URSS, significaram apenas o primeiro passo na rota da transição democrática.³³⁵

Para todos, a democracia era para ser um regime que representasse a participação igual dos cidadãos na política e na economia. Ela deveria representar a soberania e a autodeterminação popular. Porém, a “democracia burguesa” não funciona desta maneira.

Em *Veja*, a democracia é um sistema político no qual a igualdade é apenas para os que possuem o capital. A URSS e as democracias populares enfrentavam dificuldades na transição da economia planificada para economia de mercado. Em meio a essas dificuldades econômica e política, a revista ligava a imagem do Gorbachev às dificuldades do país:

A popularidade de Gorbachev nunca atingiu um ponto tão baixo. Seu dilema é que, quanto mais ele libera e reforma o país mais acentua sua imagem de herdeiro do velho sistema, de presidente eleito indiretamente, sem legitimidade.³³⁶

No decorrer da transição da URSS para economia de mercado, Gorbachev enfrentou um acirramento das disputas políticas e econômicas que ocorriam entre o PCUS (Partido Comunista da União Soviética) e a burguesia liberal. Essa oposição criada pelos liberais, que contava como líder de frente Boris Yeltsin, tinha como motivos principais a disputa do poder pela Rússia e a aceleração da restauração da economia de mercado dentro do país.

Na transição dos anos oitenta para os noventa a solução buscada pelos reformistas liberais dentro da União Soviética foi a votação de uma dura medida econômica para restabelecer o país. Os reformistas pressionavam o PCUS de um lado e o líder soviético

³³⁵ “Democracia dói”. *Veja*: Edição: 1.129, 09.05.1990, p. 40.

³³⁶ *Idem*, p. 41.

pelo outro para que pudesse ser aprovada a terapia de choque dentro da URSS. Segundo Franciscón,

Os reformistas radicais, encabeçados politicamente por Yeltsin, Sobchak e Popov, exigiam a adoção da terapia de choque ao estilo polonês. Em meados de 1990, a aproximação entre os grupos reformistas de Gorbachev e Yeltsin gerou o Plano dos 500 dias, uma terapia de choque que preservava o objetivo de livre mercado e estabelecia um prazo maior do que 300 dias, recomendado pela equipe de Yeltsin. Entretanto o plano não foi aplicado. Aqueles que veem um Gorbachev marxista-leninista, indicam essa atitude como mostra do zelo ideológico com o comunismo. Ou, como socialista, decidiu-se contrário ao choque econômico.³³⁷

Nas páginas de *Veja*, essa medida previa uma terapia de choque dentro da União Soviética ao estilo polonês. Essa terapia de choque representava a destruição total do estado soviético e a transição definitiva para a economia de mercado:

É justamente na União Soviética, o berço da *perestroika*, que a crise da transição atinge no momento proporções mais dramáticas. A economia está se deteriorando a olhos vistos e os principais assessores de Gorbachev estão convencidos de que o único jeito de sair do buraco é adotar, o quanto antes, uma corajosa terapia de choque — a implantação de um sistema de mercado nos moldes ocidentais, com empresas privadas, preços livres, Bolsas de Valores e tudo o mais. Gorbachev, no entanto, vacila em dar o passo final para a ruptura com o antigo regime, temeroso de que os inevitáveis efeitos colaterais do choque de capitalismo, em especial o desemprego em massa e a inflação, transformem o descontentamento latente numa incontrolável explosão social. No fogo cruzado entre conservadores, reformistas graduais e partidários de mudanças radicais, Gorbachev emite sinais de indecisão. No início de abril, falava em queimar etapas na transição ao se propor a cumprir em apenas um ano o roteiro que pelas previsões iniciais levaria quatro.³³⁸

Gorbachev, de início, não aceitou essa medida econômica e defendia que a URSS deveria liberar sua economia gradualmente. Para *Veja*, a “terapia de choque”³³⁹ resolveria todos os problemas econômicos da URSS. No dizer dela, o país que optasse pela democracia automaticamente optava pela economia de mercado: “Na Europa Oriental, a opção pela democracia e pela economia de mercado já foi feita”³⁴⁰. Portanto, quando

³³⁷ FRANCISCON, Moisés W. Alterações no rumo das reformas na União Soviética sob Gorbachev. *Analecta*. Revista de Ciências Humanas. Guarapuava: Unicentro, n. 1, v.11, pp. 77-97, jan./jun. 2010, p. 93.

³³⁸ “Democracia dói”, Op. Cit.

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Ibidem.

Gorbachev resolveu frear a transição da economia soviética para a economia de mercado, a atitude do líder soviético foi representada por *Veja* da seguinte forma:

Todas as terapias de que ele lançou mão para reverter a crise econômica e a ameaça de colapso do sistema redundaram no mais completo fracasso. A campanha pela disciplina no trabalho e contra o alcoolismo, lançada em 1985 melhorou a saúde dos operários, mas não chegou a aumentar a produção. A tentativa de descentralizar as decisões econômicas, empreendida a partir de 1987, resultou em caos, inflação e escassez de mercadorias. Na semana passada, finalmente, o presidente decidiu levar sua política de reformas até as últimas consequências. Na quarta-feira dia 23, com a benção de Gorbachev, o governo soviético anunciou um plano que, embora de lenta implementação, tem um objetivo claro: passar do rígido sistema comunista, ultracentralizado, no qual o Estado controla tudo para um outro de livre mercado, concorrência e lucro. Em suma, colocar o país no caminho de volta para o capitalismo. E, embora Gorbachev não considere seu plano sinônimo de retorno ao capitalismo, ele acredita que se trata de um fato tão importante quanto a Revolução de 1917, que instalou o comunismo na URSS. Mas tem poder de fogo suficiente, se for de fato implementado para dinamitar os principais pilares do edifício comunista: acaba com os subsídios que sustentam há décadas os preços inalterados, prevê a privatização da maioria das empresas estatais e o fechamento das ineficientes, mesmo à custa de desemprego, e lança as bases para que, no prazo de dez anos, o mercado e não mais o planejamento estatal funcione como regulador da economia.³⁴¹

Para *Veja*, viver dentro de uma democracia liberal não significa apenas ter liberdade política e econômica. O representante político do país deve ter uma certa legitimidade e credibilidade para convencer os cidadãos de que qualquer medida econômica é a certa a ser tomada dentro do país. Nos termos da revista:

O dirigente soviético que lançou a pedra fundamental das extraordinárias transformações da nossa época, está agora preso numa irônica armadilha: para seguir adiante com seu projeto ele necessita desesperadamente, da confiança de seus compatriotas. No entanto, só conquistará o apoio da opinião pública se for capaz de apresentar melhorias concretas. Construir uma democracia significa mais do que realizar eleições. É preciso mudar a forma como o governo e os cidadãos se comportam.³⁴²

As reformas implantadas por Gorbachev eram vistas tanto pela imprensa mundial, como no meio econômico, como uma restauração lenta e gradual para o capitalismo. A pressão política feita pelos líderes reformistas, caso de Yeltsin, era a defesa de uma transição rápida que previa a privatização de todas as estatais e a livre concorrência de

³⁴¹ “Opção Capitalista”. *Veja*: Edição: 1.132, 30.05.1990, p. 30-31.

³⁴² “Democracia dói”, *Op. Cit.*

mercado dentro da União Soviética. No entender de *Veja*, a atitude de Gorbachev em resistir à transição para economia de mercado foi demonstrado como um golpe contra União Soviética, chamado de “O golpe socialista”³⁴³. As consequências desse acontecimento político foi o desmembramento e o fim das repúblicas socialistas soviéticas, e logo em seguida, a independência de diferentes países.

Em 1991, com a resistência de Gorbachev em liberar a economia soviética de uma só vez para a economia de mercado, Boris Yeltsin inicia uma campanha presidencial contra Gorbachev. O resultado deste embate foi a vitória eleitoral de Yeltsin como novo presidente da Rússia e a saída de Gorbachev do poder. As reformas implantadas pela *perestroika* e pela *glasnost* permitiram a eclosão da União Soviética e a destruição de um Estado centralizado.

3.6. *Veja*: Adeus, Comunismo

Na *Veja*, o término do século XX ficou marcado pelo “fim do comunismo”. Em suas páginas, decretou “a morte do comunismo”³⁴⁴ e o fim da filosofia de Marx e Engels: “Os anos 80 viram o fim de uma ideia e das realidades que essa ideia colocou de pé ao longo do século”.³⁴⁵

A análise do colapso do bloco soviético em 1989 nos permitiu compreender e analisar parte importante da história da Europa. O objetivo, agora, será o de entender o posicionamento político de *Veja* durante o colapso do bloco soviético e o fim do comunismo. A pesquisa trouxe algumas matérias publicadas pela revista. Tais publicações demonstrarão bem a face ideológica de *Veja*.

Tabela. 9. Matérias sobre o Comunismo

Ano	Edição de <i>Veja</i>	Seção	Título	Subtítulo
29/11/1989	1.107	Ponto de Vista: José Guilherme Merquior	Um salto por cima do muro	

³⁴³ “O Golpe Socialista”. *Veja*: Edição: 1.197, 28.08.1991, p. 26.

³⁴⁴ SILVA, Carla Luciana. A “Queda do Muro de Berlim” e a morte do comunismo em *Veja* In: *História & Luta de Classes*, nº. 09, v. 01, p 46-54. Jun. 2010.

³⁴⁵ “Comunismo Adeus”, Op. Cit., p. 104.

31/12/1989	1.111	Internacional	Comunismo, Adeus	O fenômeno Gorbachev, o anseio de liberdade dos povos oprimidos e a falência de um modelo econômico emperrado mudam os rumos do século XX. Regimes caquéticos são varridos do mapa, e o socialismo real caminha para a lata de lixo da história.
10/01/1990	1.112	Ponto de Vista: Igor Fuser	Um museu para o stalinismo	
14/02/1990	1.117	Internacional	O Adeus a Lênin	Na maior reviravolta desde a Revolução de 1917, comunistas soviéticos decidem trocar o regime do partido único pelo pluralismo político.
17/07/1991	1.191	Especial	A Segunda Revolução	Com inflação, greves e desemprego, a União Soviética enterra o comunismo e se lança em busca do capitalismo
17/07/1991	1.191	Internacional	Mikhail e Boris	Unidos pela origem, a máquina do PC, é separado pela ambição, Gorbachev e Yeltsin travam uma grande briga nos bastidores da perestroika.
17/07/1991	1.191	Internacional	Um partido destruído	O PC se desmoralizou, ninguém quer mais saber de socialismo e teme-se que as reformas afundem no retrocesso político.

Fonte: acervo digital. Veja.

A década de 1980, para *Veja*, foi “a saudação dos anos de ouro”. No final do ano de 1989, a revista publicou o ponto de vista de dois intelectuais: Jorge Guilherme Merquior e Igor Fuser. Eles apresentavam suas arguições sobre o fim do socialismo soviético e a queda do muro de Berlim. Nestes artigos, os intelectuais explicitamente cumpriam os seus papéis de “intelectuais orgânicos”³⁴⁶ da imprensa neoliberal no Brasil. Merquior executou o seu papel de intelectual orgânico ao defender que o socialismo soviético não possuía tais princípios de liberdade e democracia:

O colapso do comunismo e a implosão do império soviético tornaram impossível desconhecer o imperativo da opção: não se pode mais esquivar o reconhecimento do desejo da liberdade, da exigência de democracia. De democracia, bem entendido, como acaba de lembrar o filósofo italiano Norberto Bobbio, num sentido claramente liberal: democracia como reino da lei, possibilidade concreta e regular de mudança pacífica dos governantes e controle efetivo do exercício do poder.³⁴⁷

Para *Veja*, filtrada pela análise de Merquior, a democracia aparece como valor universal. No sentido lockiano, “a liberdade e a democracia, bem como a propriedade

³⁴⁶ GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, pp. 3-4.

³⁴⁷ “Um salto por cima do muro”. *Veja*: Edição: 1.107, 29.11.1989, p. 198.

privada, encontram-se como direitos naturais do homem”³⁴⁸ e, logo mais à frente, como o próprio colunista afirma na concepção bobbiana, “a democracia aparece como o prosseguimento e o aperfeiçoamento do Estado Liberal ou como o natural desenvolvimento do Estado Liberal”.³⁴⁹

A democracia e a liberdade vêm como uma face política em contraposição ao real significado do comunismo. Isto é, a democracia em seu sentido literal é submetida aos desejos do Estado liberal. No mesmo artigo, Merquior trouxe um panorama mundial sobre a política e a economia:

Até o salto em massa por cima do Muro de Berlim, a esquerda velha estava na defensiva por causa de três fenômenos sucessivos. Primeiro, na década de 70, o descrédito intelectual do marxismo contaminou finalmente os bastiões da cultura marxista no mundo latino, França e Itália. À penúria política do comunismo se somou a miséria cognitiva do marxismo. Do marxismo em geral, e não só de sua esclerose leninista, 1968 fora, desse ponto de vista, uma tremenda ilusão de ótica, criando a impressão de que um neomarxismo, um marxismo rejuvenescido, poderia regenerar o que a vulgata soviética dogmatizara. Mas em 1978, apenas dez anos depois, já era óbvio que todos os marxismos, somados e multiplicados, de nada serviam para compreender nem o Estado, nem os nacionalismos, nem a democracia, nem as modernizações. Segundo, já nos anos 80, o renascimento do liberalismo passou a acuar não só a teoria marxista, mas também o próprio socialismo real — os regimes comunistas. Liberalismo, no caso, como o princípio da liberdade, ou descentralização, econômica. Em terceiro lugar, finalmente, veio Gorbachev. Um reformismo audacioso na prática, mas cauteloso na doutrina, já que auto definido como retorno a Lênin, através do exorcismo do fantasma de Stálin e da múmia de Brejnev. Só que essa indumentária ideológica não convence quase ninguém. Pois o Lênin a que Gorbachev se refere é, e só pode ser, o da Nova Política Econômica; e, para Lênin a NEP era exatamente o que ela não é para o gorbachevismo: um mero expediente tático, uma simples concessão efêmera ao mercado. Para Gorbachev, ao contrário, o ideal permanente de Lênin — a economia de comando — é o reino da ineficiência; e a verdade da economia exige o lucro e a concorrência — numa palavra: uma alta dose de liberalismo.³⁵⁰

Nessa época, a discussão entre os pensadores políticos era saber qual caminho os países do bloco soviético seguiriam política e economicamente. Por isso, o autor nesse trecho discute as possibilidades da ascensão do liberalismo, a decadência do comunismo e o descrédito do marxismo. Propõe, por meio do seu ponto de vista, que a partir dos anos oitenta o liberalismo surge novamente como a (única) via a ser seguida mundialmente:

³⁴⁸ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

³⁴⁹ BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 43.

³⁵⁰ “Um salto por cima do muro”, Op. Cit., p. 198.

Aprendemos que a liberdade é indivisível. Sem liberdade econômica, verificava-se, não há liberdade política nem civil que subsista. O reverso positivo também é certo: onde quer que se vá rachando o monólito do dirigismo econômico, refloresce a cobrança da liberdade política e cultural.³⁵¹

Assim como Merquior, Igor Fuser publica, em dezembro de 1989, o seu ponto de vista sobre a “extinção do comunismo” a partir da queda do muro de Berlim:

Um espectro ronda o mundo: o espectro da extinção do comunismo. O sistema, que até há pouco tempo dominava uma extensa fatia do globo terrestre, se viu, de uma hora para outra, ameaçado de desaparecer sem deixar vestígios. O Muro de Berlim caiu, um após o outro tombaram também todos os regimes plantados pelo Exército Vermelho no Leste Europeu após a II Guerra, e a própria União Soviética se torna a cada dia mais distante da "ditadura do proletariado" fundada por Lênin em 1917. No ritmo em que as mudanças estão se precipitando, o mais provável é que logo não haverá um único país comunista na face da Terra, nem sequer como objeto de estudo para as universidades. Como os índios ianomamis, o comunismo corre o risco de desaparecer da mesma maneira que, no passado, pereceram os dinossauros ou os astecas. E o que acontecerá, fatalmente, se a opinião pública internacional não se mobilizar, com urgência, para salvar da extinção os últimos espécimes sobreviventes.³⁵²

O artigo de Fuser tinha como objetivo central colocar o comunismo como um passado histórico e remoto. No trecho acima, o autor ironiza, satiriza e brinca com a extinção do comunismo. Pode-se perceber que, no momento de abordar a extinção do comunismo, o autor utiliza como ironia a frase célebre do Manifesto do Partido comunista: “o espectro do comunismo ronda o mundo”.

Segundo Silva, a sessão “ponto de vista” foi criada com o propósito de convidar intelectuais orgânicos identificados com o próprio posicionamento político-ideológico assumido pela revista. Isto por que estes intelectuais “[...] convocados pela revista acabam de alguma forma convergindo para o projeto que está sendo proposto. A direção da revista [...] define quem deve ser entrevistado”³⁵³. A historiadora ainda explica que esta sessão é “uma das formas criadas para se legitimar e abrir espaços para opinião, como se fossem espaços para divergência, nos espaços concedidos a colunistas, mas que acabam mantendo o tom monocórdio do restante da revista”.³⁵⁴

³⁵¹ Idem.

³⁵² Ibidem.

³⁵³ SILVA, Op. Cit., p. 129

³⁵⁴ Idem, p. 132.

No final da década de oitenta, a edição Especial de *Veja* fez uma retrospectiva dos fatos mais importantes do século XIX. Nessa edição, a revista relembrou as principais questões nacionais e internacionais. Segue abaixo a capa da edição especial:

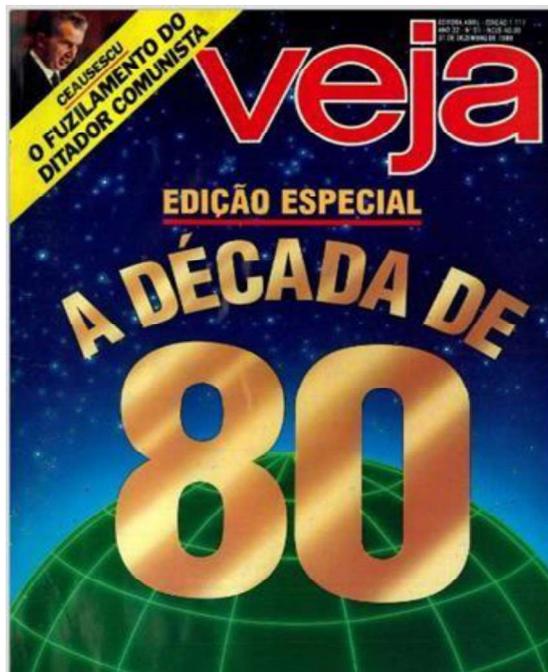


Figura 6. Fonte: acervo digital. *Veja*: Edição: 1.111, 31.12.1989.

Além disso, por meio da “Carta ao leitor”, *Veja* (auto) legitimava a defesa do fim do comunismo:

Nesta edição especial, quase toda ela dedicada aos anos 80, não se teve o objetivo de apresentar cronologicamente tudo o que aconteceu nos últimos dez anos. Através de seis temas, buscou-se analisar as tendências no Brasil e no mundo, na economia e no comportamento, na política e no meio ambiente, na guerra e na paz — deram o tom e o sentido da década. Nos anos 80, as mudanças de mentalidade, organização política de países, com a debacle do comunismo em destaque, e de estilo de vida foram radicais, espantosas. Analisando essas modificações, a revista pretendeu oferecer dados para a reflexão do leitor. Reflexão acerca do passado imediato que escara na raiz do futuro, da década em que entramos nesta semana— a última do século XX e do milênio.³⁵⁵

Esta “Carta ao leitor” evidenciava os posicionamentos políticos de *Veja*. Segundo Silva³⁵⁶ “é o lugar onde *Veja* constrói um discurso sobre si, apresentando-se enquanto um

³⁵⁵ “Carta ao leitor”. *Veja*: Edição: 1.111, 31.12.1989, p. 45.

³⁵⁶ SILVA, Carla Luciana. A Carta ao Leitor de *Veja*: um estudo histórico sobre editoriais In: *Intercom*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 32, n.1, jan. /jun. 2009, p. 105.

sujeito. Isso é feito para escondê-la enquanto lugar de expressão de sujeitos reais, ou seja, um instrumento constituído para a defesa de interesses de classe”.

Uma das matérias que estava na retrospectiva de *Veja* foi “Comunismo, Adeus. O fenômeno Gorbatchev, o anseio de liberdade dos povos oprimidos e a falência de um modelo econômico emperrado mudam os rumos do século XX. Regimes caquéticos são varridos do mapa, e o socialismo real caminha para a lata de lixo da história³⁵⁷”. Nos termos da revista,

A ideia do comunismo entrou na sua crise final nesta década. Ela nasceu no século XIX, resultado do casamento entre o trabalho de dois filósofos alemães — Karl Marx e Friedrich Engels —, da economia política inglesa e do socialismo utópico francês, mas só começou a ser implantada num país mais voltado para a Ásia do que para a Europa — a Rússia camponesa e atrasada, cheia de "ícones e baratas", segundo a definição de Leon Trotsky.³⁵⁸

Nesta matéria, *Veja* demonstra bem sua face ideológica: “comunismo não é amor, comunismo é um martelo com o qual se golpeia o inimigo — e adiaram com um banho de sangue o desmantelamento do regime. Mas o vírus da liberdade foi lançado, os tronos de baionetas não duram para sempre”³⁵⁹.

O anticomunismo de *Veja* constitui uma das faces perversas de sua ideologia. Por exemplo, o comunismo aparece como uma “ideia [...] que despertou enormes esperanças, a ideia pela qual tantas pessoas morreram heroicamente chegou ao fim praticamente sem defensores³⁶⁰. Outra estratégia que utilizou para expor as “contradições” do comunismo foi defender a tese de que o comunismo chegou ao seu fim por meio de suas próprias lutas:

O comunismo terminou com toda uma série de lutas que os comunistas adoram: greves, passeatas, manifestações enormes e, no caso da Romênia, com o povo pegando em armas para fazer justiça com as próprias mãos. Só que nos anos 80 essas lutas visavam tirar os comunistas do poder. O comunismo que pretendeu conquistar o mundo, transformando-o num paraíso de igualdade, eficiência e plena realização do potencial humano, acabou produzindo novas castas de poderosos mais iguais do que os outros, economias falidas e povos escravizados. Assim que os povos submetidos ao comunismo perceberam que havia alguma chance de se rebelarem com sucesso, quando o fracasso econômico chegou a tal ponto que na União Soviética, a segunda maior potência do mundo, a expectativa de vida

³⁵⁷ “Comunismo Adeus”, Op. Cit.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ Idem, p. 107.

³⁶⁰ Ibidem.

diminuiu ao contrário de aumentar, a realidade do comunismo veio abaixo. A década começou com o comunismo aparentemente no auge de sua expansão e chegou ao fim com todos os sinais trocados.³⁶¹

Além disso, *Veja* ressaltava que

[...] o comunismo não resolveu nem os seus próprios problemas quanto mais os de outros países com sistemas diferentes. Agora sem utopias salvadoras nem ideias revolucionárias, surge algo diverso de tudo o que veio antes.³⁶²

Os acontecimentos políticos que ocorreram no bloco soviético foram vistos pela revista como “o processo de liquidação do comunismo”³⁶³. Para *Veja*,

O sistema faliu, acabou, esgotou-se. A coisa não deu certo — e esta foi a década em que tal constatação se tornou praticamente unânime, à exceção dos bolsões de resistência na periferia do mundo comunista, como a Cuba de Fidel Castro, um dos derradeiros fósseis do marxismo, ou a stalinista Albânia, o país mais pobre da Europa. Neste momento em que tudo o que era sólido se desmancha no ar, em que o velho começa a dar lugar ao novo, sem que se saiba exatamente o que vai nascer daí tudo é possível.³⁶⁴

No fim do século XX, a revista defendia explicitamente o fim do marxismo e do comunismo em defesa de um projeto neoliberal: “a experiência marxista é uma página virada na história do seu povo”³⁶⁵. No decorrer da restauração da economia de mercado na União Soviética, *Veja* publicou o texto do jornalista Elio Gaspari, numa matéria intitulada “Segunda Revolução”:

O que está aí não se salva e a solução é a economia de mercado [...] o mercado “significa”, a oportunidade de vender ou de comprar 1 quilo de carne por 50 rublos. (...) O “mercado” será uma oportunidade de melhorar o restaurante do palácio do grão-príncipe Vladirnir irmão do czar Alexandre. Para um comerciante da cidade, o “mercado” permitirá que opere o restaurante dos cientistas, cobrando as refeições em dólares aos turistas. Quem comer em moeda Forte pagará seus 50 dólares por um almoço [...] nas coisas pequenas, nas coisas novas, vamos para a economia de mercado. O mercado não é capitalista, ele é apenas movimento das mercadorias. Para o mercado, não faz diferença a forma que tenha o Estado. Só há mercado se há mercadoria, e o que nos falta no momento, são mercadorias. O que nós precisamos é de produção. E democratas não são produto da redemocratização.³⁶⁶

³⁶¹ Ibid.

³⁶² Idem, p. 109.

³⁶³ Idem, p. 108.

³⁶⁴ “Comunismo Adeus”, Op. Cit.

³⁶⁵ “A Segunda Revolução”. *Veja*: Edição: 1.191, 17.07.1991, p. 27.

³⁶⁶ Idem.

A maioria das matérias publicadas por *Veja* sobre a restauração do capitalismo nos países se deu em nome não só do retorno da economia de mercado como também da implantação da democracia liberal. Uma das ideias mais difundidas em suas páginas entre os anos de 1989 e 1992 foi a de que as reformas implantadas no bloco soviético significavam o retorno à democracia independente do sistema econômico que os países aderissem.

No entanto, a partir da década de noventa, o neoliberalismo surge como a doutrina que ganhou a Guerra Fria do bloco socialista e estabeleceu o “fim das ideologias para se consagrar como pensamento único, sem alternativas viáveis”.³⁶⁷

³⁶⁷ CACHI, Valqui C. *Mitos del derrumbe del socialismo soviético em la ideologia neoliberal*. Cajamarca (Peru): Editorial Universidad Privada Antonio Guillermo Urrelo (UPAGU), 2008, p. 25.

Considerações Finais

O propósito do trabalho foi analisar a cobertura jornalística que *Veja* fez sobre o colapso do bloco soviético entre os anos de 1989 e 1992. A problematização da pesquisa partiu da construção ideológica da vitória do capitalismo a partir do colapso do socialismo real em 1989 e de quais maneiras a revista procurou legitimar não só o fim do comunismo e do marxismo, mas defender os seus próprios posicionamentos políticos.

A dissertação foi dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo tinha como objetivo contextualizar historicamente a revista *Veja* e o período histórico e econômico da implantação do neoliberalismo nos anos oitenta e noventa no Brasil. A importância deste capítulo foi trazer como discussão a grande imprensa não apenas como um veículo de comunicação ou instrumento político e ideológico, mas também como um “partido do capital” como foi nos mostrados pelas pesquisas dos historiadores Carla Luciana Silva e Francisco Fonseca.

Além disso, no mesmo capítulo foi realizado um panorama geral das discussões bibliográficas e historiográficas acerca dos temas abordados pela *Veja*, tais como capitalismo e sua naturalização histórica e o colapso do socialismo real. A importância deste capítulo residiu na proposição de uma discussão teórica que não estava sendo abordada naquela época pela grande imprensa mundial.

Já no capítulo dois, o objetivo da pesquisa foi analisar a cobertura jornalística que *Veja* fez durante os quatro primeiros anos de crises dos países do bloco soviético (1989 a 1992). A importância deste capítulo esteve em analisar e entender como se constituiu o posicionamento político da revista em relação a restauração da economia de mercado nos países do bloco soviético. Além disso, procuramos compreender como *Veja* representou e traçou o perfil político-econômico de cada país durante a dita restauração.

A relevância desta pesquisa residiu em problematizar como a cobertura jornalística de *Veja*, ao longo dos anos, contribuiu para reforçar a ideia do “inimigo interno” ou do anticomunismo. Sabemos que o colapso do bloco soviético é um tema complexo. Percebe-se que as bibliografias sobre os países como a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental, URSS e outros que compuseram o campo socialista encontram-se em um emaranhado de controvérsias e contradições teóricas.

Para *Veja*, a “necessária” restauração do capitalismo nos países do bloco soviético “confundia-se” com a “volta” da democracia e o “retorno” da economia de mercado nos

países do Leste Europeu. Durante a transição dos anos oitenta para os noventa, o discurso anticomunista da revista mostrou-se como uma face ideológica (perversa) dos interesses do grande capital.

Ao mesmo tempo em que *Veja* defendia medidas capitalistas como solução para sanar as crises econômicas e políticas dos países do bloco soviético, naturalizava o capitalismo como único sistema vitorioso. A propalada volta da democracia naqueles países era defendida em suas páginas por meio de convocações de eleições, retiradas dos líderes comunistas do poder, a restauração da economia de mercado e a abertura do mercado.

No entender da revista, a *perestroika* e a *glasnost* foram reformas que demonstravam o fracasso do comunismo. *Veja* defendia, contudo, que todas as reformas econômicas e políticas aplicadas nos países do bloco soviético apareciam como necessárias e um “preço a se pagar” pela volta da democracia.

Em sua cobertura jornalística, ela procurou explicar aos seus leitores, através de sua ótica anticomunista, sobre o que estava acontecendo na União Soviética e nos países do bloco soviético e, principalmente, forjar um consenso acerca do colapso do socialismo real. Neste sentido, *Veja* não só desenhou o perfil econômico, político e histórico de cada país como procurou traçar o futuro de cada um deles.

A revista utilizou-se de diferentes recursos jornalísticos para fabricar fatos e discursos sobre o colapso do bloco soviético. As matérias publicadas no Brasil tinham como intuito concluir que todos os países do bloco eram “comunistas” e estavam arruinados economicamente. Outro recurso jornalístico utilizado por *Veja* foram frases e textos que possuíam trocadilhos e anacronismo históricos.

No decorrer do final do século XX, *Veja* vinculava o colapso do socialismo real ao fracasso das ideias de Marx e Engels e do próximo do marxismo: para a revista, a queda do muro de Berlim, a reunificação da Alemanha e a desintegração da URSS marcaram o fim do socialismo real.

Fontes

Quadro das matérias de *Veja* utilizadas durante a dissertação de mestrado.

Título da Matéria	Edição da Matéria	Data de Publicação
Polônia. Mão Estendida.	1.065.	01/02/1989.
Hungria: Cai uma estrela.	1.070.	08/03/1989.
Primavera no Leste.	1.071.	15/03/1989.
A terra liberada.	1.072.	22/03/1989.
As Ovelhas Vermelhas.	1.074	05/04/1989.
Terremoto no Leste.	1.074.	05/04/1989.
Comunismo em concordata.	1.074.	05/04/1989.
Aberto para Reformas.	1.074.	05/04/1989.
A esperança do Leste.	1.084.	21/06/1989.
O desafio da massa.	1.089.	26/07/1989.
O Impossível acontece.	1.093.	23/08/1989.
Adeus para quem fica.	1.096.	13/09/1989.
Cortina Rasgada.	1.097.	20/09/1989.
Infeliz Aniversário.	1.100.	11/10/1989.
O bloco da mudança.	1.101.	18/10/1989.
Começa a transição.	1.102.	25/10/1989.
A doce revanche.	1.103.	01/11/1989.
Já raiou a Liberdade.	1.105.	15/11/1989.
O Fim do Totalitarismo.	1.106.	22/11/1989.
A Hipótese de Lula.	1.107.	29/11/1989.
Lula e o capitalismo.	1.107.	29/11/1989.
Um salto por cima do muro.	1.107.	29/11/1989.
Entrevista: Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva.	1.107.	29/11/1989.
O General Inverno.	1.109.	13/12/1989.
Comunismo Adeus.	1.111.	31/12/1989.
Carta ao leitor.	1.111.	31/12/1989.

Um museu para o stalinismo.	1.112.	10/01/1990.
Paraíso congelado.	1.118.	21/02/1990.
Choque amargo.	1.118.	21/02/1990.
Polônia, ano zero.	1.124.	04/04/1990.
Hungria. Enterra o seu passado.	1.124.	04/04/1990.
Democracia dói.	1.129.	09/05/1990.
O porão da perestroika.	1.129.	09/05/1990.
Duelo de gigantes.	1.132.	30/05/1990.
Opção Capitalista.	1.132.	30/05/1990.
A Segunda Revolução.	1.191.	17/07/1991.
O Golpe Socialista.	1.197.	28/08/1991
História nas Urnas.	1.198.	04/09/1991
Choque vegetariano.	1.216.	08/ 01/1992.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

ARBEX JR. José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ANDERSON, Perry. O balanço do neoliberalismo In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (Orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.

ARANTES JR., Abelardo. *A passagem do neoestatismo ao capitalismo liberal na União Soviética e na Europa Oriental*. Brasília: FUNAG (Fundação Alexandre Gusmão), 2015.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense. 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CACHI, Valqui Camilo. *Mitos del derrumbe del socialismo soviético em la ideologia neoliberal*. Cajamarca, Peru: Universidad Privada Antonio Guillermo Urrelo (UPAGU), 2008.

CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record 2003.

_____. *Fabricando el Consenso. El control de los médios masivos de comunicación*. Editado en Elche. Junio de 2005 (Edición original: 1993).

_____. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e a Ordem Global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

COGGIOLA, Osvaldo. *Capitalismo: Origens e Dinâmica Histórica*. São Paulo: [s.e], 2014.

FEJTO, François. *As Democracias Populares I, II*. França: Europa-América, 1975.

FERREIRA, Oliveiros. *Perestroika: da esperança à “nova pobreza”*. São Paulo: Inconfidentes, 1990.

FONSECA, Francisco. *O Consenso Forjado: a grande imprensa e a formação da Agenda Ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.

FRANCISCON, Moisés W. *A Revista Veja: bloco soviético do império do mal ao fracasso do comunismo. (1985-1991)*. Dissertação (Mestrado em História). Maringá: Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá, 2013.

_____. Alterações no rumo das reformas na União Soviética sob Gorbachev In: *Analecta*, Revista de Ciências Humanas, Unicentro, Campus Guarapuava (Paraná), n. 1, v. 11, pp. 77-97, jan./jun. 2010.

- FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (University of Chicago Press, Estados Unidos, 1962).
- GALEANO, Eduardo. *Los media justifican los fines. Pensamento Crítico vs Pensamento único. Le Monde Diplomatique*. Editora: Tema Debate, 1998.
- _____. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- WOLFGANG BENZ, Hermann G. *El Siglo XX: Europa después de la Segunda Guerra Mundial 1945-1982. España, México & Argentina: Siglo Veintiuno*, 1997, Vol. 2.
- HERMAN, Edward & CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LESSA, Sérgio. *Capital e estado de bem-estar: o caráter de classe das políticas públicas*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MACIEL, David. *O governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992)* In: Revista UFG. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, nº. 11, Ano XIII, p 98-108, dez. 2011.
- MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Organização e Tradução de Osvaldo Coggiola. 5ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2012.
- _____. *O Capital. Crítica da economia política. O processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, Livro I. Vol. I, 2012.
- MAZAT, Numa. *Um estudo heterodoxo da trajetória econômica contemporânea da Rússia*. Dissertação (Mestrado em Economia). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e da Tecnologia, UFRJ, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira & Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EDUFBA, 1995.
- MORAES, Denis de. *Mídia e poder mundial*. In: *História & Lutas de Classes*, Ano 01, nº. 2, fev. / 2006, pp. 05-16.
- NASCIMENTO, Claudio. *O ciclo das lutas auto-gestionária no leste europeu*. [s.n.t].

OPAT, Jaroslav. Do antifascismo aos “Socialismos Reais”: as democracias populares. In: HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional – de Gramsci à crise do stalinismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. X.

NETTO, José Paulo. *Crise do socialismo real e ofensiva neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1993.

RODRIGUES, Robério P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: O indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2005.

_____. A “Queda do Muro de Berlim” e a morte do comunismo em Veja In: *História & Luta de Classes*, nº. 9, v. 1, p 46-54, Jun. de 2010.

_____. A Carta ao Leitor de Veja: um estudo histórico sobre editoriais In: *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 32, n.1, pp. 89-107, jan./jun. 2009.

_____. Veja: mais um partido neoliberal. In: *História & Lutas de Classes*, ano 01, Edição nº. 2. fev. 2006.

_____. Imprensa liberal, Imprensa Partidária: Uma Aproximação Historiográfica In: Org. _____. & RAUTENBERG, Edina. *História e Imprensa: Estudos de Hegemonia*. Porto Alegre: FCM, 2014 (Coleção Tempos Históricos/ Coleção Brasil República).

VICENTE, Maximiliano M. *A concentração midiática em tempos de neoliberalismo: história e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: UNESP, 2009.

WOOD, Ellen Meiksins. *A Origem do Capitalismo*. Tradução de Emir Sader. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Textos de sites

CANARY, Henrique. *Dez notas e uma hipótese sobre a restauração capitalista na URSS*. Texto disponível em: <http://blog.esquerdaonline.com> Acesso: 17.10.2016

LELLO, José. *A Leste tudo de novo*. Texto disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2688/1/NeD54_JoseLello.pdf Acesso: 18.01.2017.

MIRANDA, Maria Bernardete; MALUF, Clovis Antônio. *O contrato de joint venture como instrumento jurídico de internacionalização das empresas*. Texto disponível em:

<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28558-28576-1-PB.pdf>. Data de acesso: 05/10/2016.

RAMONET, Ignacio. *O Pensamento Único e os Novos Senhores do Mundo*. Texto disponível em: http://www.culturabrasil.org/pensamentounico_ramonet.html/. Acesso: 15.10.2016.

RAKOSI, Matias. *O tipo de estado da Democracia Popular*. Texto disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/rakosi/ano/mes/tipo.html> Acesso: 22.04.2017.

SKÓRZYNSKI, Jan. *A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética*. Texto disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n33/n33a06.pdf>. Acesso: 12.01.2016.

Coleção

HISTÓRIA DO SÉCULO 20 (1942-1956). São Paulo: Abril Cultural, 1968, v. 5.